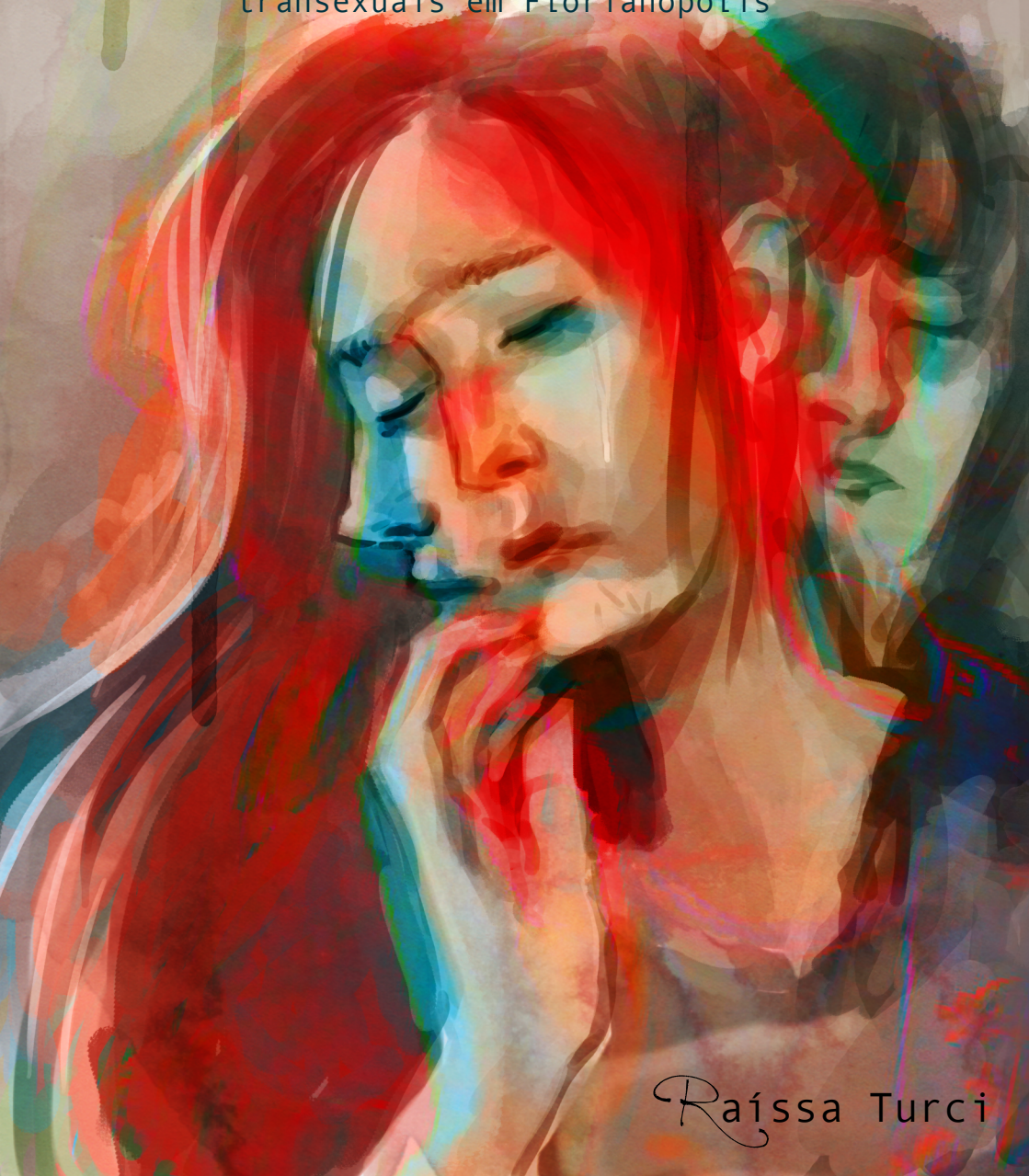


Ser Trans

Histórias de vida de travestis e
transexuais em Florianópolis



Raíssa Turci

SER TRANS
HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM FLORIANÓPOLIS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
JORNALISMO UFSC - 2015.1

Ser Trans

HISTÓRIAS DE VIDA DE TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM FLORIANÓPOLIS

RAÍSSA TURCI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
JORNALISMO UFSC - 2015.1

ORIENTADOR
Mauro César Silveira

TEXTO E EDIÇÃO
Raíssa Turci

PROJETO GRÁFICO
Alice da Silva

ILUSTRAÇÕES
Luana Marques

Turci, Raíssa
SER TRANS. Histórias de vida de travestis e transexuais em Florianópolis / Raíssa
Turci; orientador, Mauro César Silveira - Florianópolis, SC, 2015. 154 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo 2. Livro-reportagem. 3. Gênero. 4. Travestis. 5. Transexuais. I. Silveira Mauro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo.
III. Título.

Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes
E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.

CAETANO VELOSO

Este livro-reportagem é dedicado a todas as pessoas transexuais e suas lutas e, especialmente, às que se dispuseram a compartilhar suas histórias, sofrimentos e vitórias.

SUMÁRIO

Chris, desde sempre	13
Um lugar à sombra	33
A dor da beleza	65
A força do palco	87
Acima de qualquer definição	131
Glossário	152

CHRIS, DESDE SEMPRE

*Queria apenas tentar viver aquilo que brotava espontaneamente de mim. Por que isso me era tão difícil?
[...] Quem quiser nascer tem que destruir um mundo; destruir no sentido de romper com o passado e as tradições já mortas, desvincular-se do meio excessivamente cômodo e seguro da infância para a conseqüente dolorosa busca da própria razão do existir: ser é ousar ser.*

HERMANN HESSE
citação utilizada por Christian Mariano em seu
perfil nas redes sociais

Mais uma vez, lá estava ela parada no pátio em frente à porta que dava para o banheiro feminino da escola, espiando, assustada, suas colegas de turma que colocavam shortinhos de malha e blusas de ginástica para a aula de Educação Física. As pontas avermelhadas dos pequenos dedos agarrados à parede denunciavam que ela usava toda a força que as mãos de uma garotinha já exausta antes dos 10 anos podem exercer. Estava numa daquelas recorrentes vezes nas quais um sentimento arrebatador que misturava estranheza, vergonha e medo a fazia ter a certeza, sem entender como nem por que, de que estava no lugar errado e, pior que isso, de que alguma coisa nela era terrivelmente errada. Essa certeza de não ser como nenhuma das outras garotas-de-quase-10 anos a paralisava na porta. Afinal, aquele era o lugar das garotas-de-quase-10 anos.

– Veeeeem, Christiane!, gritavam algumas meninas que, ao ver a recusa daquela que já consideravam algo estranha, começaram a puxá-la para dentro.

Ela se negou a ir, queria sair dali, soltar-se daquelas garotas, mas elas continuavam a puxá-la para dentro. Afinal, o que tinha a tal da Chris que nunca podia entrar no banheiro com elas? Indiferentes aos suplícios, as meninas a puxavam. Christine começou a chorar e a se debater, desesperada. Estavam puxando-a para o centro do seu pavor. Christiane chorava e, na primeira oportunidade que encontrou, se desvencilhou, correu, voltou para a sala de aula e lá ficou, escondida.

Era um pesadelo.

Christian acordou um pouco atordoado. Era de novo aquele pesadelo que de vez em quando o atormentava. Levantou-se e vestiu-se como de costume: uma camiseta um pouco larga, calça *jeans* simples e tênis. Era um dos dias em que passa as tardes trabalhando na ADEH, Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade, na rua Trajano,

terceiro andar de um prédio comercial de oito andares bastante velho que nada contrasta com o aspecto antigo e mal cuidado do centro de Florianópolis.

A entrada do prédio de pequenos ladrilhos amarelos e brancos passa despercebida ao lado do imponente Palácio Cruz e Souza e em meio a tantas outras pequenas entradas como aquela. Lojas, farmácias, um grande e vistoso prédio do Mc Donald's e a movimentação contínua de pessoas que vem e vão a passos rápidos em uma das ruas mais centrais da capital catarinense, estilo calçadão, também ajudam a escondê-la. Os únicos parados por ali são os senhores que religiosamente jogam baralho ou dominó em uma mesa na esquina e sua plateia, também de senhores. Nos dias de chuva, se apinham embaixo de um toldo e parecem indiferentes à água, ao tempo, à pressa e à multidão que passa ao redor. Sequer olham para o lado. Um pouco deles, que já viraram ponto de referência, com atenção avista-se a porta do prédio comercial com duas lanchonetes baratas no térreo, geralmente a primeira com um bom número de pessoas – o que confere certa vitalidade ao local.

A escada de degraus acinzentados e corrimão de madeira é bastante visível e larga no início e divide-se em duas, estreitando e escurecendo conforme leva aos andares superiores. A maioria dos andares tem pouca ou nenhuma gente e salas escuras. O primeiro ainda é comprido e bastante largo: tem uma loja de roupas de aspecto antigo onde trabalha uma senhora, a única pessoa vista naquela sala com frequência, um estúdio de fotografia, um salão de beleza e uma loja de cartões de visita. Antes das seis da tarde o silêncio já reina no andar e a maioria das salas encontra-se fechada.

A subida para o segundo andar é ainda mais escura e as fitas antiderrapagem desgastadas nos degraus anteriores agora estão inteiras. O andar é extremamente estreito, formado por

um único corredor pequeno e sufocante que dá para duas portas brancas fechadas, uma em cada ponta. Uma delas, feita com dois pedaços de madeira mal pintados, é fechada com o reforço de um grande cadeado enferrujado e uma tranca. Um recado discreto, escrito com letras finas, azuis, irregulares e pequenas avisa quem se detém por ali: “Não abrir! Ligar antes para Wesley Collyer 9973-1911”. Entre essas duas salas percebe-se só agora duas portas de elevadores muito velhos que desafiam a coragem de quem se recusa a ir pela escada.

Essa atmosfera faz duvidar que haja pessoas dali para cima, fazendo com que alguém que procura a sala da ADEH pela primeira vez seja tomado por aquela sensação de ter certeza de estar no lugar errado apesar de ter certeza de ter entrado no lugar indicado pelo endereço. Ao chegar ao terceiro andar, no entanto, várias folhas coladas na porta cinza de uma enorme sala que ocupa quase todo o andar confirma que ali é a sede da ADEH.

É nessa sala que Christian entra sereno, discreto e sorridente algumas vezes por semana para trabalhar voluntariamente desde 2013. Baixo, seu tronco um pouco largo e atarracado contrasta com a delicadeza de sua fala – se pudéssemos tatear as vozes, saberíamos que a dele é como correr de leve a palma da mão por uma superfície de veludo. De cabelo preto ralinho, sobrancelhas grossas, um bigode tímido e costeletas que se unem a alguns pelos proeminentes no queixo, onde poderá surgir uma barba, ele aparenta ter um pouco menos que os seus 43 anos.

Christian caminha e conversa com certa tranquilidade no local onde tem a segurança de estar entre amigos e iguais. Sua boca grande e bastante carnuda facilmente se abre em um largo sorriso simpático e espontâneo que mostra os dentes perfeitos, brancos e enormes. Porém, ele lembra com frequência, nem sempre fora assim. O pesadelo interrompido com o despertar nessa manhã faz parte das lembranças dos muitos anos em que os pe-

sadelos foram contínuos, diários e reais.

Nascia, em 18 de setembro de 1971, na cidade de São Paulo, a última dos quatro filhos de dona Nair, que desde o primeiro sonhava em ter uma menina. Como grande parte das crianças, Christiane veio com a responsabilidade de corresponder às expectativas maternas: ser a princesinha com a qual dona Nair sempre sonhara.

Costureira, ela confeccionava com orgulho vestidos cor-de-rosa para a filha. Aos seis anos, porém, Christiane passou a escancarar a implacável realidade de que filhos não nascem para viver dentro do roteiro tantas vezes arquitetado e imaginado pelos pais. A recusa a colocar os vestidos e sandálias era frequente. Aos prantos, a garota dizia que não queria usar aquelas roupas, mas dona Nair exigia que a menina as colocasse. “Por que minha mãe me faz sofrer tanto?”, pensava. Vestidos, saias e sandálias não costumavam fazer parte do seu vestuário – exceto quando a mãe insistia. Nos poucos momentos em que se deixava ser fotografada, estava sempre de calça e camiseta.

Christiane começou a se tornar uma criança quieta, retraída, triste e insegura. Não conseguia se sentir bem em nenhum grupo de crianças. Quando precisava sair de casa com roupas tidas como femininas, sentia vergonha. Quando tinha que dizer seu nome, também sentia vergonha. Respondia “Chris”. Não era daquele jeito que ela queria ser vista pelo mundo. Passou a brincar sozinha ou, quando ainda muito nova, com o irmão mais novo, com quem podia brincar de carrinho, pipa e outros brinquedos que a atraíam mais que suas bonecas. Ele não cobrava dela comportamentos femininos, ao contrário da mãe. Afastada sentimentalmente dela, e mais tarde dos irmãos, tinha o pai como modelo. Nas poucas vezes em que brincava com outras meninas, adorava assumir o papel masculino. Procurava imitar o próprio pai, seu maior amigo e companheiro. Era ele quem ela

queria ser quando crescesse.

Aos sete anos, passou a desmaiar com certa frequência - começava aí seu estigma de “criança doentia”. Era dona Nair sentar para conversar algo considerado mais sério por Christiane, como alguma briga com colegas na escola, que a menina desmaiava. Desde essa idade a mãe passou a levá-la em vários médicos, que a encaminharam para vários psicólogos, que a encaminharam para vários psiquiatras. Não sabiam diagnosticar os desmaios. Geralmente as duas saíam das consultas com uma lista de remédios para comprar, a maioria para controle da ansiedade. Por quatro anos ela tomou remédio para epilepsia sem nunca ter tido um ataque epiléptico. Nenhum dos especialistas jamais sugeriu que ela poderia ser um menino transexual.

Médicos e psicólogos seguem fielmente o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), organizado por um grupo de psiquiatras dos Estados Unidos, a Associação de Psiquiatria Norte-Americana, que define os critérios para caracterizar transtornos mentais. As palavras lidas nesse texto adquirem um significado quase imperativo: afinal, é o livro sagrado que define diagnósticos, consultas, tratamentos e políticas públicas no mundo inteiro. Muitas definições ali contidas baseiam-se em normas sociais. Portanto, como as identidades transexuais desafiam e transcendem as normas vigentes, não é de se surpreender que estejam contidas no manual, assim como a homossexualidade esteve até 1973.

A versão anterior, DSM 4, tratava as identidades trans como “transtorno de identidade de gênero”, o que trazia a conotação patologizante já no uso do termo “transtorno” para falar de quem não cumpre a linearidade genital - gênero. Uma atualização foi realizada em 2012 e a versão mais recente é o DSM 5, que trocou o termo por “disforia de gênero. Nessa definição, a patologia não seria a identidade de gênero, mas sim o desconforto



que parte da incongruência do corpo com o sentimento dessas pessoas. No entanto, elas continuam descritas em um manual que pretende diagnosticar transtornos mentais. Militantes de movimentos LGBT e pesquisadores que lutam pela despatologização das identidades trans consideram, em sua maioria, que essa troca não foi suficiente para retirar o estigma de “transtornadas” dessas pessoas.

As identidades transexuais não apenas constam no DSM como também no catálogo mais recente da Classificação Internacional de Doenças, o CID-10. Ele define códigos e classificações que devem estar presentes em todos os diagnósticos para torná-los válidos. O CID possui diversas categorias que se referem às identidades trans, localizadas na seção “F64 Transtornos da identidade sexual”. Algumas delas são: transexualismo (F64.0), travestismo bivalente (F64.1) e transtorno de identidade sexual na infância (F.64.2). Neste último, entre os critérios definidos para o diagnóstico estão: “Requer uma profunda perturbação de identidade sexual normal”. O parágrafo final traz ainda mais orientações: “...não é suficiente que uma menina seja levada ou traquinas ou que o menino tenha uma atitude afeminada”.

Nesses dois documentos tidos como referência, pessoas que apresentam um conjunto de características que vão além da famosa linearidade órgão genital – gênero são consideradas de alguma forma transtornadas, independente de quaisquer outras variáveis que não a tal linearidade. Ao classificar e diagnosticar essas identidades, os manuais produzem novamente outra definição que exclui quem não se encaixe àquela ideia de transexual proposta pelos manuais – os “transexuais de verdade” para o CID 10, por exemplo, necessariamente querem tornar seu corpo “tão conforme quanto possível ao sexo desejado” através de intervenções cirúrgicas ou tratamentos hormonais.

Não há pesquisa científica que comprove qualquer tipo

de causa ou como se produz uma identidade transexual nem como identificá-la. Não há respostas biológicas nem testes ou exames a serem aplicados para definir o “transtorno”. As justificativas, em última instância, são sempre as normas de gênero, criações sociais. A partir delas, médicos passaram a diagnosticar o gênero e a definir quem são os “normais de gênero” e os “transtornados de gênero”.

Como solução para isso, pessoas que se identificam como transexuais e querem realizar o processo transexualizador oferecido pelo SUS, devem submeter-se a dois anos de terapia obrigatória e, nesse processo, precisam passar pelo chamado “teste de vida real”: vestir-se como pessoa do sexo oposto durante o dia e sair na rua. Feito isso, provam ser merecedoras do processo por serem “transexuais de verdade”. Assim, psicólogos e médicos podem sentir-se tranquilos para legitimar que a pessoa é o que ela afirma ser.

A campanha internacional *Stop Trans Pathologization* conseguiu adesão de mais de 370 organizações e possui redes na África, Ásia, Europa, América do Norte, América Latina e Oceania, de acordo com informações do site da organização. Entre os pontos defendidos pela mobilização estão a retirada das identidades trans da categoria “disforia de gênero” e “transtornos de identidade de gênero” do próximo DSM e CID, livre acesso a tratamentos hormonais e cirurgias sem depender de laudo médico e psicológico e garantia de serviços públicos de atenção à saúde das pessoas trans. Alguns ativistas defendem que a transexualidade poderia ser incluída em uma categoria como a da gravidez, que representa que a pessoa precisa de atendimento especializado, mas não caracteriza doença.

Agora mais velho, sentado em um dos sofás das salas quentes da ADEH em um final de tarde de abril, Christian não sente o frio que faz lá fora e combina com o ar aconchegante do cômodo. Um dos assentos fica encostado à parede na qual recentemente foram desenhados

alguns rostos pequenos em preto e branco que quebram as normas do “ser homem” e do “ser mulher”. Na parede ao lado, uma pintura exuberante e muito colorida ocupa todo o espaço outra branco. Nela, o planeta Terra se quebra como um ovo e deixa uma fênix enorme e multicolorida sair, pegando fogo e carregando em uma das patas o símbolo da luta trans.

Confortavelmente acomodado, um olhar complacente parte dos olhos grandes e castanho-escuros de Christian ao ter que dizer que a mãe e os irmãos ainda não o chamam pelo nome que escolheu para si e nem sempre o tratam no masculino. Admite também que não ter correspondido às expectativas da mãe é uma frustração que o incomoda ainda hoje.

– Eu percebo que ela é triste por conta de tudo isso. Ela não teve outra filha e a filha dela morreu, praticamente.

Seus três irmãos ainda resistem a entendê-lo. Dona Nair trata o filho Christian no feminino na frente deles, mas no masculino na frente de outras pessoas ou quando estão sozinhos. Por ter acompanhado a infância e adolescência conturbadas do filho, Nair hoje o compreende melhor e eles mantêm uma proximidade muito maior do que em outras fases da vida. Em conversas com Christian, ela lembra das dificuldades que enfrentaram naquela época.

Dona Nair chegou à escola para buscar a filha e viu que Christiane a esperava aos prantos. Não era a primeira vez. Desde os sete anos ela não se sentia bem na escola. Os dias de Educação Física eram os piores. Na tradicional divisão “meninos de um lado e meninas do outro” não havia boa escolha possível. Acabava tendo que ficar no lado das meninas, sentindo-se desconfortável e esquisita. Esse comportamento era percebido também pelas colegas, que a hostilizavam e a excluía porque, ora, ela era “esquisita”.

Com o passar dos anos, Christiane começou a brincar e

e conversar quase que exclusivamente com rapazes, ainda que não se sentisse completamente à vontade com eles. Nas brincadeiras que exigiam força, ficava de fora. Tentava, mas não conseguia pular nas costas deles ou lutar como os outros. Nesses momentos odiava-se por ser frágil demais. Distante das meninas, era considerada estranha pela maioria. Frequentemente garotas ameaçavam bater nela. Christiane não entendia essa relação. Não as enfrentava, não conseguia responder nada. Externava chorando. Seu pai a trocou de colégio, mas o isolamento continuou. A filha sentia-se diferente de todos e não encontrava resposta para esse sentimento de total inadequação.

Christiane ainda não sabia das identidades trans. Não sabia que, ainda que todos insistiam em chamá-la “menina”, ela poderia não sê-la. Ela não se sentia um menino. Ela só sabia que não era uma menina. Mas isso era – e ainda é – muito complexo para as normas do tal mundo adulto, que insistem em simplificar tudo a partir de um órgão genital.

Em casa ela também não encontrava alento. Cada vez mais retraída, tinha dificuldade em conversar e foi tida como uma menina de poucas palavras. Mas Christiane escrevia muito. Passava horas trancada no quarto escrevendo diários ou cartas anunciando que iria sair de casa. As brigas com dona Nair continuaram na adolescência: ela queria ter pernas peludas, a mãe cobrava depilação. Queria sair sem sutiã, a mãe exigia o uso. Queria vestir roupas largas, a mãe insistia para que ela usasse umas mais justas. Não queria passar maquiagem, a mãe tentava ensiná-la. Também tentava convencer Christiane a arranjar um namorado, e ela arranjou. Isso era ponto pacífico. Christiane se relacionava bem com garotos, se interessava sexual e afetivamente por eles. Gostava de ver, tocar e sentir o corpo que desejava para si.

Desde que aprendera a escrever, dizia em cartas que queria existir em outro mundo. Queria existir em um lugar em que

pudesse ser quem queria ser. Olhando para trás, hoje, Christian não se lembra de nenhum momento da infância e adolescência em que não se sentisse profundamente triste. Ele considera que a infância foi a pior fase da sua vida.

A falta de pesquisas e dados consistentes sobre crianças transexuais dificulta a identificação de problemas. Porém, alguns trabalhos apontam caminhos. Natacha Kennedy, da Universidade de Londres, realizou um estudo com 121 transgêneros do Reino Unido e perguntou sobre a primeira vez em que podiam se lembrar de terem sentido que sua identidade de gênero estava em desacordo com a designada no nascimento: 76% respondeu estar ciente de que eram variantes de gênero antes de sair da escola primária. A idade que teve a maior porcentagem de votos, 20%, foi de cinco anos.

Outra descoberta do estudo foi a de que apenas 18% dos meninos transexuais puderam expressar sua identidade de gênero na escola primária e apenas 10% na escola secundária. No ambiente familiar, 45% puderam expressar-se. Porém, entre as meninas trans, apenas 2% pôde expressar sua identidade de gênero na escola primária e secundária e 4% delas o podia fazer em casa.

A pesquisa demonstrou também que os participantes passaram a conhecer as palavras relacionadas com transgeneridade, como “transexual” e “travesti”, com a idade média de pouco mais de 15 anos. Porém, a idade média em que os participantes tornaram-se conscientes de que sentiam o gênero de maneira diferente ao que lhes foi designado foi de quase oito anos. Portanto, há um atraso médio de pouco mais de sete anos entre sentir-se diferente e aprender as palavras que podem descrevê-los ou ajudá-los a se encontrar no mundo.

Quando adolescente, Christiane procurou sua identificação em grupos de punk, góticos e rockeiros, mas também não

a encontrou por lá. Quando começou a se vestir com bermudas e blusas largas, conseguiu ser bem recebida em um grupo de skatistas. Adorava andar de skate. Mas, ainda entre eles, era vista de uma forma que não correspondia ao que ela queria transmitir. Para os skatistas era a “amiga sapata”, mesmo tendo relações amorosas e sexuais com rapazes.

Certa vez, quando caminhava pelos inúmeros viadutos de São Paulo, Christiane começou a querer olhar para baixo. Subia nos viadutos, parava, observava os carros que passavam embaixo dela. Nas duas pistas, iam e vinham em alta velocidade produzindo um barulho ensurdecedor. Parecia que aquele turbilhão a chamava. Era quase inevitável a vontade de simplesmente se jogar dali. Pular. Acabar com o sofrimento que já durava uma vida inteira.

Aos 15 anos, Christiane tentou suicídio pela primeira vez. Entre os 15 e os 18 foram várias tentativas. Não chegou a pular de viadutos, mas tomou overdose de remédios e se jogou na frente de carros em movimento. Em nenhuma das vezes ela queria de fato morrer, mas em todas queria fugir da realidade em que fora obrigada a viver.

O mal-estar em frequentar espaços públicos e se encaixar em grupos sociais é relato comum entre homens e mulheres transexuais. De acordo com pesquisa realizada pelo projeto TRANSPONDO Barreiras com quase 700 transexuais das regiões Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, pouco mais de 20% concluiu o ensino fundamental, 23% concluiu o ensino médio e menos de 5% fizeram faculdade. As pessoas transexuais externam o diferente, questionam as limitações dos corpos e mentes e desafiam o socialmente estabelecido – e isso lhes custa caro.

Uma das medidas mais recentes de combate à transfobia, publicada no Diário Oficial da União em 12 de março de 2015, prevê que estudantes de estabelecimentos de ensino de todo o

país podem usar o banheiro, vestiário e outros espaços segregados de acordo com o gênero com o qual se identificam. Podem também exigir serem identificados e identificadas pelo nome social nas chamadas, processos de seleção, avaliação, inscrição, matrícula, entre outros, e utilizar o uniforme que preferirem, caso haja distinção das vestimentas masculinas e femininas. No entanto, a resolução não prevê medidas punitivas para as instituições que se negarem a respeitá-la. Outra resolução publicada um dia antes determina a inclusão dos termos “orientação sexual”, “identidade de gênero” e “nome social” em boletins de ocorrência. O deputado e pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP) apresentou dois projetos de decreto legislativo para tentar extinguir ambas as resoluções.

Christiane deixou o colégio antes de completar o Ensino Médio. Um tempo mais tarde, as tentativas de suicídio deram lugar ao uso de drogas para suprir a necessidade ainda permanente de fugir da realidade. Christiane o fez deliberadamente, sabia de todos os efeitos e riscos que corria. Começou com o crack. Passou pouco mais de um ano usando crack, cocaína e maconha constantemente, por noites a fio. Perdeu alguns amigos devido ao uso excessivo de drogas. Ela se assustou quando um deles morreu com um tiro na cabeça em uma rodada de roleta russa.

Em um desses dias, lá pelos 21 anos, Christiane estava quase em transe devido a uma alta dose de cocaína quando recebeu a notícia de que seu pai havia morrido. Ela não entendeu direito. Apenas quando voltou a si completamente, horas depois, é que se deu conta de que havia perdido o pai, sua maior referência.

Esse foi o estopim para que ela decidisse se empenhar a deixar os vícios e mudar de vida. Afastou-se daquele grupo, voltou a estudar, terminou o Ensino Médio, tornou-se vegetariana e mergulhou na ideia de desintoxicar o corpo. Direcionou todo o

seu foco para o culto ao corpo e aos exercícios físicos. Passava muitas horas na academia, onde conheceu o homem com quem viria a se casar.

Christiane namorou por sete anos e foi casada durante quatro com ele. Casou-se de véu e grinalda, como queria dona Nair. O marido nunca deixou transparecer se alguma vez desconfiara de seus sentimentos de inadequação. Durante o primeiro e o segundo anos de casamento, foi feliz. Ficou grávida sofreu aborto. A partir do terceiro ano, a situação tornou-se insuportável. Foi diagnosticada com depressão e terminou o relacionamento, achando que era lésbica. Foi então que ela se permitiu experimentar relacionamentos com mulheres e se sentiu mais satisfeita do que nas experiências com homens. O ex-marido foi o último.

Algum tempo depois, quando dona Nair veio visitar uma amiga em Florianópolis, apaixonou-se pelas belezas litorâneas e quis mudar para a ilha. Vendeu o terreno onde estavam sua casa e a de Christiane, construída aos fundos quando ela se casou. Pressionada pela família, viu-se sem muitas saídas e veio com eles para a capital catarinense em 2004, a contragosto. Dois anos depois, saiu da casa da mãe.

Christiane se definia como lésbica, mas aquela velha sensação de inadequação ainda a incomodava. Entre os grupos de lésbicas não se sentia bem, percebia que suas angústias não eram parecidas com as daquelas mulheres. Os sentimentos e experiências que elas descreviam sobre a infância e a sexualidade eram diferentes das de Christiane. Também ainda não tinha se acostumado a gostar de estar entre muitas pessoas, muito menos falar em público. Fez uma faculdade semi-presencial, na qual tinha de comparecer uma vez por semana, o que já lhe era um martírio.

Há cerca de dois anos voltou para a capital paulista. Foi ajudar a namorada a organizar a mudança para Florianópolis para começarem a morar juntas. Um dia, resolveu digitar no Google

o termo com o qual se identificava no momento: “lésbica masculinizada”. Dentre os resultados que apareceram, ela clicou em uma entrevista com João Nery, considerado o primeiro homem transexual a ser operado no Brasil, em 1977, vinte anos antes de cirurgias de redesignação sexual serem permitidas no país.

Foi nesse momento que descobriu o termo que pela primeira vez pôde dar conta de externar sua subjetividade de forma completa: homem transexual. Ao ler sobre o tema encontrou alguns homens trans na internet e passou a conversar com eles. Pela primeira vez via sua história se repetir na vida de outras pessoas, seus sentimentos serem compreendidos por alguém – e por ele mesmo. Não demorou a buscar conselhos e informações sobre como começar a construção do corpo masculino que, agora entendia, era passo fundamental para que pudesse se sentir, enfim, completo. Sempre fora um homem, mas esteve condenado à prisão das definições biológicas e sociais. Nunca pudera imaginar que existem homens com vagina. Era um homem e sempre o fora. Era isso.

Sua namorada não aceitou a transformação, disse que gostava apenas de mulheres. Quando voltou a Florianópolis, ele havia se despedido de duas pessoas: dela e de Christiane. Passou a chamar-se Christian.

Procurou por alguma instituição que pudesse lhe dar apoio e encontrou a ADEH, da qual nunca tinha ouvido falar. Quando foi conhecer a ONG descobriu que ainda não havia homens transexuais atuantes, apenas mulheres trans e travestis. Ainda assim, ali conheceu outro mundo que, dessa vez, não era tão outro porque era também o seu. Nesse grupo encontrou a tão buscada autoidentificação, desde os problemas da infância até às inquietações atuais. Ao conhecê-las, teve a certeza de que ia começar a aplicar hormônios e construir seu corpo da forma como sempre quisera, com a consciência de que é um processo

majoritariamente irreversível.

Christian comprou hormônios e seringas. Esperou ansiosamente pelo dia em que poderia fazer a primeira aplicação de testosterona. Quando, finalmente, tinha as doses em mãos, pegou a seringa, lentamente empurrou o êmbolo para tirar todo o ar, limpou o local da aplicação e, de um tranco rápido, enfiou a agulha na pele. Era inacreditável como podia sentir-se tão feliz. Mas conseguir os hormônios era um processo difícil e caro, além de ser perigosa a automedicação. Depois de um tempo, conseguiu o tratamento hormonal através do SUS, porém ficou insatisfeito com a dosagem, que julga pequena para alguém de 43 anos. Por dois meses teve de ficar sem os hormônios porque deixaram de distribuir. Isso fez com que houvesse certa regressão no tratamento – a voz ficou mais feminina e o rosto afinou. Nesse período, ele ficou extremamente triste e ansioso e a velha sensação de precisar fugir da realidade passou a rondar seus pensamentos. Essas regressões escancaram traços e trazem lembranças que ele gostaria de deixar para trás.

Após a transformação, alguns parentes se afastaram, os poucos amigos não. Hoje, Christian consegue transitar despercebido em banheiros e espaços masculinos, o que lhe é extremamente gratificante. Também sente-se melhor para falar em público, frequentar cursos e debates e comparecer a locais com muita gente. Pretende fazer a mastectomia, cirurgia para retirada das mamas, o mais rápido possível, porém sabe que pelo SUS isso é extremamente difícil – ele se informou de que o tempo médio de espera é de dez anos em São Paulo e cinco no Rio Grande do Sul – e não quer chegar aos 50 sem ter realizado as mudanças que considera necessárias. Optou então por fazer com médicos particulares. Já tem o laudo requisitando a cirurgia em mãos, mas ainda lhe falta o dinheiro.

Sentado naquele mesmo sofá com as pinturas como

cenário, ele relembra muito tranquilamente todas essas fases da vida. Um pequeno brinco na orelha esquerda só faz reafirmar a delicadeza que salta dos olhos e se desfaz em sorrisos. A segurança e calma com que conta sua história se sobressai a uma certa timidez de gestos e postura. Sobressai-se em seus gestos também uma fina e reluzente aliança dourada. Casou-se com Beatriz há cinco meses. Atualmente está se preparando para a primeira aula da pós-graduação em Transformação de Conflitos e Estudos de Paz.

Ao falar da família, novamente surge aquele sorriso um tanto contido, aquela expressão complacente. Revela que dona Nair e seus três irmãos ainda torcem para ele desistir “dessa história”.

– Eles acham que existe a possibilidade de eu desistir. Como se fosse uma opção, diz, entre risadas genuínas e alguns risos que mesclam um tanto de tristeza e pena.

2

UM LUGAR À SOMBRA

As gurias vêm pra cá procurando segurança e respeito pra poderem andar livres. Porque a vida de travesti é muito cara, nem liberdade nós temos. Pra conquistar sua liberdade na cidade tem que lutar muito.

RITA BORGES

Pouco antes das dez da noite, um carro preto para em frente ao portão da casa onde moram, na esquina de uma rua escura, estreita e comprida. Gabriela¹ e Talita o esperavam na garagem, transformada em área de festas. Nela, vê-se uma churrasqueira de tijolos à vista, fogão, máquina de lavar roupas e geladeira brancos, três pequenas prateleiras pregadas à parede, uma acima da outra e cobertas por aquelas conhecidas toalhas bordadas de cozinha, com uma pontinha pendendo para fora de cada prateleira, e uma mesa de madeira de seis lugares. Ao avistar o carro, caminham sobre os altos saltos pelo corredor largo e irregular de cimento que leva ao portão de ferro.

Gabriela senta no banco de trás enquanto sua amiga entra pela porta da frente. O motorista, cuja cabeça lisa quase encosta no teto do carro, se demorou um pouco mais do que prometera. Elas cantam e balançam os ombros ao som ensurdecedor de “Am I wrong”, de Nico & Vinz, uma das músicas pop que mais toca nas rádios. *Am I wrong for thinking out the box from where I stay? Am I wrong for saying that I choose another way? I ain't trying to do what everybody else doing just cause everybody doing what they all do. If one thing I know, I'll fall but I'll grow, I'm walking down this road of mine, this road that I call home. So am I wrong?*² De postura ereta, o homem apenas dirige. Durante o trajeto, o único som que pronuncia é um surpreendente riso sincero e curto como resposta a algo que a moça ao seu lado dissera.

Depois de percorrer em alta velocidade um trecho que durou cerca de dez minutos, o motorista para, um tanto abruptamente, perto de uma esquina de uma das encruzilhadas de Canasvieiras. Um dos bairros preferidos dos turistas que visitam a

¹ Todos os nomes desse capítulo são fictícios para preservar a identidade das entrevistadas

² Estou errado por pensar diferente dos outros de onde venho? Estou errado por dizer que escolho outro caminho? Não estou tentando fazer o que todo mundo faz só porque todos fazem a mesma coisa. Eu sei de algo: irei cair, mas irei crescer. Estou andando por este caminho que é meu, esta estrada que chamo de casa. Então estou errado?

Ilha de Santa Catarina no verão – especialmente os argentinos e uruguaios – parece tranquilo e pouco habitado naquela noite um pouco fria de quarta-feira, início de maio. As duas ruas que se entrelaçam são residenciais, com prédios bem cuidados de dois e três andares, terrenos vazios com grama alta, uma pequena agência da Caixa Econômica Federal e uma central de videomonitoramento da Polícia Militar. Alguns jovens passam por lá de bicicleta ou caminhando em duplas, e algumas mulheres, mais velhas, parecem estar chegando do trabalho. Poucos carros passam por ali, geralmente devagar. A iluminação baixa e amarelada da região encerra a atmosfera calma e silenciosa que faz com que aquela encruzilhada pareça retirada de um bairro de uma pequena cidade do interior.

A sensação dura pouco, no entanto. É restrita àquela encruzilhada rodeada por três terrenos cobertos de mato. Na avenida da frente, a poucos metros dali, passam carros rápida e constantemente. Nela, um grande supermercado Imperatriz e um posto 24 horas, ainda que com poucas pessoas, denunciam que se trata de uma cidade maior e mais perigosa que as bucólicas cidadezinhas das regiões mais remotas de Santa Catarina. Ao sair do carro, Gabriela avista aquela que, para ela, não é mais uma esquina em mais uma encruzilhada. Ali, seus piores medos se encontram com seus melhores sonhos enquanto ela se encontra com seus clientes.

Travestis e transexuais sofrem muita discriminação no cotidiano, através de constantes violências físicas e verbais, atitudes explícitas de desprezo, abandono familiar, desrespeito ao nome social, falta de políticas públicas e negação de vagas de emprego. Restam a elas poucas opções e o duro desafio de enfrentar o mal-estar quando frequentam espaços públicos.

De acordo com pesquisa realizada pelo projeto TRANSPONDO Barreiras, que entrevistou 663 travestis e mulheres

transexuais de 35 municípios brasileiros, apenas 5,73% delas declarou trabalhar com carteira assinada. Além disso, mais de 35% se sentiram discriminadas no trabalho, quase 34% foram excluídas das atividades familiares, 26% expulsas de local público, mais de 20% forçadas a deixar o local onde moravam e mais de 19% foram demitidas do emprego.

Marginalizadas, travestis e mulheres transexuais não raro veem como única alternativa a pista de prostituição, como chamam o ponto, onde 90% das trans brasileiras trabalham, segundo dados da Antra, Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Elas encontram na prostituição não só uma forma de sustento, mas também de afirmação da identidade de gênero, aceitação social e uma maneira de sociabilidade e de elevar a autoestima. Nas madrugadas que passam nas esquinas fazem amizades, vendem perfumes, roupas, acessórios, aprendem os modos de “ser travesti”, sentem-se desejadas e ganham o dinheiro para construir o corpo que desejam, com o uso de hormônios, tratamentos de cabelo, cirurgias, entre outras modificações que elevam o custo de vida.

Ainda que a pista possa ser local de sociabilidade e aprendizado, a profissão envolve diversos riscos e aumenta as probabilidades de sofrer vários tipos de violência. Mais de 70% das transexuais e travestis afirmaram já ter sofrido violência verbal, mais de 50% dizem ter sofrido violência física e mais de 45% relatam terem sido agredidas por policiais, de acordo com a pesquisa do TRANSpondo Barreiras.

Ao chegar na pista, Gabriela liga música no celular e, com um fone na orelha e outro solto, começa a pisar mais firme e lentamente, fazendo os ombros balançarem e acompanharem as pernas, como numa leve dança. Passa a morder o cabo rosa do fone de ouvido e abaixa um pouco a cabeça, olhando provocativamente para cima com os olhos castanho-escuros, brilhantes

como os de uma garota e um tanto fundos, com o formato de duas amêndoas. Os lábios grandes e bastante carnudos externam uma sensualidade que balanceia certa infantilidade e doçura imediatamente perceptíveis ao primeiro sorriso – ainda que tente, parece difícil esconder seus apenas 17 anos. A boca é perfeitamente delineada e pode-se perceber de longe a dobrinha bem marcada e funda que dá forma ao lábio superior, por vezes quase escondido entre a pele clara. Na pequena mão direita de dedos curtos e grossos vê-se uma tatuagem muito recente, ainda vermelha no entorno, de duas linhas retas e grossas em forma de cruz. O cabelo negro vai clareando até ficar com um tom avermelhado nas pontas. Está preso em um coque desalinhado e combina com a sutileza da sua aparência. Usa um vestido curto, simples e acinzentado com estampa de onça, bota preta de salto e maquiagem muito discreta. O vestido deixa à mostra as clavículas saltadas que levantam a alça da bolsa vermelho-estridente, pendurada no ombro. Também deixa à mostra sua tatuagem nas costas: uma grande e delicada pena flutua e se desfaz a partir das pontas superiores, que se tornam pequenos passarinhos voando para longe. Mal ficou um minuto no ponto antes que o primeiro carro parasse.

Há quatro meses ela se mudou para Florianópolis e foi morar na casa da *mami* para dedicar-se a conseguir o dinheiro necessário às transformações que quer fazer no corpo. Nascida em Tupanciretã, cidadezinha de menos de 23 mil habitantes no Rio Grande do Sul, aos três anos de idade foi morar com a avó paterna e seu marido, o avô emprestado, como Gabriela gosta de chamar, em Ijuí, polo da região com pouco mais de 82 mil habitantes. Já nessa época sua avó percebia que ela não seguia o que deveria ser o padrão masculino. Para Gabriela, desde suas primeiras lembranças ela sentia-se menina.

Como sua avó permitia que ela fizesse o que lhe agrada-

va, Gabriela foi crescendo sem entender muito bem que seus comportamentos eram tidos como inadequados para o menino que liam que ela era. Aos quatro anos ganhou um carrinho de presente da avó. Não gostou, quebrou e jogou fora. Tirava todos os mosqueteiros das janelas da casa, cortava e fazia vestidos. Gostava de brincar com meninas e bonecas e, enquanto para ela essas vontades eram naturais, aos olhos adultos não estavam de acordo com as expectativas criadas para um “rapazinho”.

Os pais dos colegas meninos, quando viam as brincadeiras das quais Gabriela gostava, costumavam levar o filho embora. Ela ainda se lembra de um colega com quem passava as tardes quase todos os dias, cada um com os brinquedos que mais lhe atraíam: ela com bonecas e ele com carrinhos. Um dia os pais os viram brincando. Nunca mais ela viu o garoto.

“Isso não é coisa de menino!”, a repreendiam algumas vezes os avós. Mas a avó jamais a proibira de qualquer coisa, o que lhe rendeu o título de culpada por Gabriela “ser assim” entre os demais familiares. Antes ela tivesse batido no “garoto”, o tivesse ensinado a ser homem. Quando seu pai, que continuara em Tupanciretã com a madrasta e a filha mais nova, mudou-se para Ijuí e viu Gabriela, ficou inconformado com a permissividade da avó. Gabriela, então com seis anos, iria agora morar com eles.

Pouco mais de meia hora depois, Gabriela está de volta à esquina. Era um cliente fixo – de todas as meninas do ponto, só aceita sair com ela. Lá estavam Talita e outra colega que também mora na casa da *mami* e já estava por lá quando as duas chegaram na pista. Nessa meia hora em que Gabriela não esteve, as duas conversaram despreocupada e descontraidamente, acostumadas àquela esquina deserta e pouco receptiva no meio da noite. A colega foi e voltou de um programa e Talita esperava, fumando, parada à beira da esquina amarela, um cliente chegar. Pouco depois que Gabriela voltou, um carro passou lentamente e parou

para Talita entrar e começar seu primeiro programa da noite, depois de uma espera de mais ou menos quarenta e cinco minutos.

Gabriela escuta, de repente, ao longe, “Ô Daaaani! Daaaani!” . Os gritos podiam ser ouvidos perfeitamente dali, mas ela continua como se nada ouvisse. “Ô DANI!”, insiste, mais alto, alguém que grita do posto. Ela insiste em não olhar e parece saber quem a chama. Ao que soa como o início de uma terceira chamada, ela grita “VENHA AQUI!”, o que surpreende em face de sua postura geralmente doce e até angelical. É Carla quem está saindo do posto, outra moradora da casa da *mami*, andando com certa dificuldade no terreno baldio e irregular que precisa atravessar para chegar ao ponto. Um mini *shorts*, blusa colada terminando no umbigo, meia-calça, bota e boné, todos pretos, deixam à mostra um corpo escultural e combinam com o cabelo, também preto, amarrado em um rabo de cavalo.

– Cadê meu óleo, Dani? – a pergunta desengana quem achava se tratar de alguma tragédia.

Gabriela responde que está com a Gi, que ainda não chegou. A colega se satisfaz com a resposta e fica no ponto a espera de clientes. Atualmente sete meninas moram na casa da *mami* e trabalham no ponto da *mami*. Podem folgar uma vez por semana, mas Gabriela deixa de trabalhar apenas um ou dois dias por mês. Está obstinada a conseguir o mais rápido possível a quantia em dinheiro necessária para realizar as modificações corporais que deseja.

“O período mais horrível da minha vida até hoje” é como Gabriela, que nunca conhecera a mãe, descreve os cinco anos em que morou com o pai, a madrasta e a irmã mais nova. Quase todos os dias a madrasta a acordava às seis da manhã para que ela limpasse a casa, sem direito a café. Só podia ir ao colégio depois de toda a limpeza terminada, o que a fazia chegar quase uma hora atrasada para as aulas. Ela também apanhava com fre-

quência da madrasta. O pai estava estabilizando a própria empresa, saía de casa de manhã e voltava à noite. Deixava o cuidado das crianças como responsabilidade da esposa. Gabriela acredita que ele sabia dos maus-tratos aos quais ela era submetida, mas preferia agir como se não soubesse. Mais simples.

Desde os seis anos ela vestia escondida as roupas da irmã, que a ajudava em segredo. Passava maquiagem da madrasta e tirava as sobrancelhas. Lembra-se de ter começado a perceber aos nove anos que sentia atração por meninos. Foi aí que o pai passou a notar melhor que “o filho” não seguia as regras do dito papel masculino. Começou também a bater nele. Gabriela, nascida em 1998, lembra de ter apanhado de relho, de cabo de vassoura, de vara de pessegueiro, de fio de luz. Incontáveis vezes apanhou do pai e da madrasta. Quando tinha 11 anos foi retirada de casa devido a várias denúncias de maus tratos que partiram da vizinhança. O previsto era que ela passaria 15 dias na Casa de Passagem da Criança e do Adolescente, mas morou lá por três meses até sua avó conseguir a guarda.

Nessa casa ela passou seu aniversário de 12 anos e beijou pela primeira vez um rapaz de quem ainda se lembra, o Leonardo. Depois do beijo, Gabriela teve duas certezas: a de que se sentia atraída por meninos e a de que não queria ter aparência masculina, queria ser uma mulher.

Aos 14 anos começou a mudar seu exterior. Passou a pedir para a avó roupas vistas como femininas, calças justas, calcinhas. A avó comprava, mas tentava “avisar” que ela havia nascido menino, que deveria agir de acordo com o que se espera de meninos e que deveria gostar de meninas. A neta começou a sentir-se triste, a não gostar de si mesma, a se convencer de que tinha nascido com algo errado. Com frequência se perguntava: “Por que eu não gosto de meninas? Por que eu sou assim?”.

A avó então a levou a uma psicóloga, atitude bastante

recorrente por parte de familiares que percebem algo diferente da norma relacionado ao gênero ou à sexualidade de algum membro criança ou adolescente da família. Foi durante as sessões que ela passou a falar abertamente sobre o que gostava, sobre o que queria ser e se entendeu transexual.

Aos 15, Gabriela jogou fora todas as suas roupas e passou a adotar gradualmente um visual tido como feminino. Começou a conhecer os grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais de Ijuí. Passou a tomar hormônios a partir de pesquisas na internet e do contato com outras mulheres trans, parando a cada três ou quatro meses para retomar o tratamento depois de algum tempo. Foi aos 15 anos também que Gabriela começou a trabalhar na prostituição. Chegava em casa tarde e com dinheiro. Por meses a avó perguntou de onde vinham aquelas notas e ela inventara desculpas. Um dia, no entanto, resolveu contar. A avó insistiu que ela não precisava disso, que daria tudo o que a neta quisesse. Quando Gabriela passou a ajudar nas despesas da família, as insistências cessaram.

Ela não demorou a passar por constrangimentos. Seu pai, amigos e clientes dele a viam, o que a fez parar de ficar em esquinas e anunciar seus serviços na internet. Ela ia direto ao local combinado com os clientes, por vezes em cidades vizinhas. Terminou o Ensino Médio e começou a pesar os riscos de ser prostituta e que outros caminhos poderia seguir. Pensou em fazer uma faculdade e seguir uma vida mais tranquila, mas percebeu que assim não estaria feliz consigo mesma e que precisava buscar meios de construir e afirmar sua feminilidade.

Foi então que conheceu Patrícia Damian, travesti de Florianópolis que geralmente apresenta *mami* para as meninas que estão começando no ramo. Gabriela conversou com ela e optou por mudar-se para a Ilha e, ainda que cheia de receios, arriscar a vida na prostituição, agora com mais seriedade. Faz sete meses

que ela não tem contato com o pai. Ele sabe que nesse tempo ela se mudou, mas não a procurou mais. Já com a avó, por quem nutre imenso carinho e gratidão, conversa com frequência. Ela ainda não a chama de “Gabriela”. Às vezes diz “a Dani”, por vezes chama “o Dani”, ora fala da neta, ora do neto.

Carla sequer ficou cinco minutos na esquina até chegar um cliente. Uns 15 minutos depois, um senhor para o carro para Gabriela, que negocia com ele e entra. A essa hora, pouco depois das onze da noite, a rotatividade de clientes aumenta e a esquina fica vazia a maior parte do tempo. Por vezes elas conversam com os motoristas na janela do carro, recusam a oferta e voltam para a calçada. Alguns perguntam “é homem ou mulher?” e, dependendo da resposta, vão embora. Outros recusam e, depois de uns minutos, voltam. Quanto mais tarde, maior o fluxo de carros que passa devagar pela encruzilhada e que, ao não ver ninguém ali, acelera rapidamente e dá voltas na quadra até encontrar uma delas ou desistir. Maior também é o número de homens que caminham por ali, às vezes bêbados, às vezes são, às vezes quietos, às vezes falantes. Passam devagar, com um jeito um tanto ameaçador, muitos vestindo um casaco com capuz que cobre o rosto. Ao cair da madrugada começam a vir também grupos de garotos de carro que ficam rondando a quadra, passam gritando, tirando sarro. Elas estão acostumadas – quando estão em bando, vêm só para provocar.

Quanto mais tarde, maiores os riscos de trabalhar nas esquinas e madrugadas. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, de acordo com relatório de 2014 da ONG internacional *Transgender Europe*. Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, ocorreram 486 assassinatos, quatro vezes mais que o México, segundo país com mais mortes registradas. A expectativa de vida de travestis e transexuais no país é assustadora e tristemente baixa: 35 anos, de acordo com pesquisa realizada pelo doutor em

Psicologia Social Pedro Sammarco, autor do livro *Travestis envelhecem*. Os brasileiros, de acordo com dados do IBGE de 2013, vivem em média até quase 75 anos.

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República disponibilizou dois relatórios sobre violência homofóbica no Brasil, em 2011 e 2012, com estatísticas produzidas a partir de denúncias feitas através do Disque Direitos Humanos (Disque 100), da Central de Atendimento à Mulher, da Ouvidoria do SUS e das efetuadas diretamente a órgãos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos. A subnotificação desses dados é evidente. Segundo o relatório, menos de 2% das vítimas de violência homofóbica, que neste levantamento inclui a transfobia, são travestis e transexuais.

A Antra, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, contabilizou 121 assassinatos de travestis no Brasil em 2013, mas, de novo, o número provavelmente é maior, uma vez que nem todos os casos são relatados. O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulga anualmente relatórios de assassinatos de homossexuais e transgêneros no Brasil. Em 2014, o grupo documentou 326 mortes de gays, transexuais, travestis e lésbicas no país, incluindo nove suicídios – uma morte a cada 27 horas. Travestis e transexuais representam 41% do total dessas mortes, ficando em segundo lugar com 134 assassinatos em 2014. Novamente os números esbarram em uma provável subnotificação, pois o banco de dados do GGB é construído a partir de notícias de jornais, da internet e de informações enviadas por ONGs.

A maioria dos homicídios ocorreu de forma violenta, indicando crime de ódio: 107 assassinatos foram praticados com armas de fogo, 105 com armas brancas (faca, punhal, canivete, foice, machado, tesoura), 49 foram espancamentos (paulada, apedrejamento, marretada) e 24 mortes ocorreram por asfixia e enforcamento. O padrão para os assassinatos de travestis e transe-

xuais é por tiros, na pista de prostituição. Estar em pé em uma esquina envolve muito mais do que sair à rua e oferecer seus serviços. A maioria das travestis e mulheres transexuais precisam se proteger e garantir seu lugar à sombra. Assim foi também com Gabriela.

– Hoje não é bom sair tarde né, Gabriela?! Vai tomar banho, vai. – impõe-se, com voz alta e firme que parte da cozinha com móveis, decoração e eletrodomésticos extremamente brancos, Rita Borges, a *mami*.

Alta, de quadril e coxas largas e peso correspondente, estava um tanto agitada e parecia se arrumar para sair, sem pressa, conversando e cantando junto com a voz de Cyndi Lauper que saía do computador. Os cabelos encaracolados, cheios de pequenos cachinhos sem muito volume, estão levemente pintados de um vermelho discreto, mais perceptível na raiz e nas pontas, que cobrem em parte as duas grandes tatuagens coloridas de estrela que tem em cada ombro. O batom vermelho-escuro destaca seus lábios compridos, muito frequentemente abertos em largos e simpáticos sorrisos ou movimentando-se rapidamente para contar histórias e piadas ou soltar uma risada estridente que invariavelmente toma conta do local.

Ela tem outras duas tatuagens maiores ainda na parte interna de cada braço. No braço esquerdo, seu nome ocupa um bom espaço entre o cotovelo e o pulso, em letras cursivas, grandes e decoradas, e do último “a” sai uma borboleta rosa. No braço direito um terço em forma de coração começa pouco depois do cotovelo, faz moldura para a palavra “Mozão”, e termina em uma cruz próxima do pulso. A tatuagem foi feita em homenagem ao ex-namorado de 19 anos com quem foi, pela primeira vez, aos 42 anos, a um cinema, saiu para jantar a dois em um restaurante, descobriu o que era um *milk shake* e foi acompanhada a um jogo em estádio de futebol. Foram assistir juntos ao Figueira jogar,

time pelo qual ele torce. Durante o jogo, na arquibancada, um homem gritou na direção dos dois: “Tanta mulher no mundo, vai pegar logo um viado!”. Situações como essa, extremamente dolorosas e desagradáveis para Rita, faziam com que se culpasse por submetê-lo possivelmente a passar vergonha.

De fato, ter uma namorada travesti e 23 anos mais velha era algo que ele não fazia questão de mostrar para o mundo. Eles se encontravam apenas duas vezes por semana e ela nunca fora apresentada a nenhum familiar, amigo ou conhecido dele como sua namorada. Quando ia à sorveteria na qual ele trabalha, tinha de fingir que mal o conhecia. Não podia acompanhá-lo em nenhum lugar em que fosse com amigos ou familiares. Estava restrita ao âmbito privado e, quando muito, podiam sair desde que não houvesse risco de encontrar conhecidos. Tudo isso começou a fazer com que ela se sentisse deprimida e submissa. Passou a ter ciúmes dele diariamente e ter a certeza de que ele a traía. A relação tornou-se difícil e marcada por brigas sucessivas. Ela se culpa pelo término, acredita que devia ter aceitado o que ele podia oferecer e assume a culpa por todas as coisas ruins que aconteceram. Considera-se louca e possessiva. “Imagina se alguém descobre que ele tava comigo? Ele estuda, trabalha, tudo certinho e andando com uma travesti de 42 anos?”. Terminaram há um mês. Rita passou dez dias na cama e emagreceu 12 quilos.

Agora, aparentemente um pouco recuperada, veste uma blusa de seda preta decotada, deixando à mostra os seios fartos, e uma calça *legging* também preta. No pescoço, usa um colar prateado com um pingente nada discreto da letra “T”. A pose, ainda que divertida, não esconde que ela sabe o poder que tem. A sobrancelha tatuada em preto é bem desenhada sobre os pequenos olhos castanho-escuros. O nariz é grande, largo e pontudo e talvez a comparação com os famosos narizes de bruxa não a incomode.

— A bruxa não sofre nada, querida, ela só ri. A Branca de

Neve mora lá com os sete anões naquela casinha. A bruxa, num castelo enorme. Olha o sofrimento de ser uma princesa, vou lá eu querer ser uma princesa? Eu vou querer ser a bruxa, né?, diz, entre pausas para soltar sua poderosa gargalhada.

Rita mora de fato em um “castelo enorme” se comparado aos outros lugares em que vivera. A casa tem quatro quartos – um improvisado na área externa –, uma sala grande e duas cozinhas – uma improvisada na área externa. Menos de dois anos antes morava ao final da mesma rua escura, estreita e comprida, local que chama de favela. Os cômodos eram pequenos para a quantidade de meninas que neles ficavam, havia roubos constantes e alagamentos em épocas de chuva. Hoje, ela exhibe com orgulho e para quem quiser ver a casa que passa grande parte do tempo com as portas abertas, tranquilidade atípica para quem é uma das quatro pessoas que dividem o controle dos pontos de prostituição de travestis e transexuais em Florianópolis e São José.

Na guerra clandestina pelo controle das esquinas, Rita foi a última a querer marcar território. Mais ou menos 15 anos atrás, voltou à Florianópolis, depois de anos morando em outras cidades. Decidiu fazer programa no ponto ao qual estava acostumada, no bairro Kobrasol, em São José, cidade vizinha à capital. A realidade que encontrou, no entanto, era diferente de outrora. Considerada uma “veterana” da cidade, não foi aceita no ponto que agora tinha dona. Todas as noites Rita se envolvera em brigas, até a situação tornar-se insustentável e ela decidir morar com a tia, em Canasvieiras, longe das disputas por esquinas.

Ali resolveu explorar as ruas ainda sem dona e começou a fazer programa pelo bairro com outras três amigas – afinal, era como ela sabia ganhar dinheiro. As três morreram. Abalada pelas mortes e por todos os anos trabalhando com prostituição, Rita começou a sentir que estava ficando velha demais para esse ramo.

Convenceu-se disso quando, em uma noite de inverno, um carro parou na esquina e abriu o vidro para que Rita se aproximasse. Ela apoiou os dedos na porta e se abaixou para falar com o homem, quando percebeu que ele olhava fixamente para sua mão enrugada da exposição ininterrupta ao frio. “Ai, não tem uma mais nova?”, perguntou. Sentiu-se golpeada no estômago. Decidiu que não tinha mais como continuar. Já não podia corresponder ao padrão de beleza dos clientes. Ela, que passara a vida ganhando dinheiro com seu corpo, sentia que, de repente, tudo estava se esvaindo. Estava velha demais para o mercado da carne.

Em busca de uma solução financeira para a vida, Rita foi conversar com as outras *mamis* e pediu permissão para abrir o próprio ponto em Canasvieiras. A resposta inicial foi positiva. No entanto, os sorrisos de Rita se fecham, rapidamente ela deixa escapar uma voz embargada e silencia por alguns momentos ao lembrar da noite em que aprendeu que o espaço na rua não se ganha, se conquista. Quando conseguiu três meninas para fazer programa em seu ponto, as *mamis* foram mostrar que não é só no mercado formal que os oligopólios fazem o que podem – e o que não podem – para se manter no poder. Chegaram ao ponto de Rita em dois táxis. Desceram, bateram e mandaram bater. Nela e em todas as meninas. Rita achou que iria morrer ali.

Mas ela não entrara nessa guerra para perder. Começou a usar as armas e estratégias que estavam ao seu alcance. Com o tempo foi consolidando seu nome e território, com a consciência de que entrava em um mundo sem volta. Atualmente, seu nome é conhecido em várias cidades e regiões do Brasil. À procura de lugares em crescimento, de mercados em alta e do *status* que ser nova no ponto pode trazer, as meninas costumam mudar de cidade com frequência e levam consigo a fama e as histórias das casas onde moraram.

Gabriela ouviu geralmente sem intervir, às vezes parecen-

do distante ou desinteressada, as histórias de *mami*: ela conta sobre as diversas situações de discriminação que vivencia, sobre o estigma da AIDS que pairou fortemente sobre travestis e homossexuais nos anos 80 e as muitas amigas que de fato morreram por causa da doença à época, sobre a vida das transexuais e travestis prostitutas, sobre a severidade do avô, sua infância e trajetória. Nascida em Lages, assumiu-se travesti aos 13 anos de idade, quando começou a usar saias, calcinha, sutiã e roupas femininas, um ano depois de ir morar com as tias em Florianópolis. “Não tive aquela coisa de primeiro descobrir que é gay, aí a família chora, leva pra igreja, etc, etc. Eu já fui direto e falei que era travesti, um baque só”, conta, com certo orgulho na voz. A família ficou extremamente chocada. Com o tempo, as tias começaram a tentar controlá-la e ela fugiu de casa, onde não se sentia bem para fazer as transformações e seguir a vida que queria.

Todos os dias, quando seguia para a escola, Rita passava pela Praça XV de Novembro – praça sem muita elegância nem estrutura, que circunda uma enorme figueira com mais de 100 anos e cujos galhos grossos recobrem quase todo o local. No centro da cidade, era à época ponto de reunião de travestis e transexuais. As moças atraíam o olhar admirado de Rita, especialmente uma negra alta e deslumbrante. A garotinha passava por ali decidida a ser igual a ela e, para isso, precisava adentrar naquele universo.

Começou a puxar assunto cautelosamente com uma aqui, perguntar algo para outra ali e, com um pouco de dificuldade, foi aceita no grupo. Uma delas, Luana, foi quem mais esteve perto dela durante toda sua infância e adolescência e agiu como sua mentora. Ensinou Rita a comprar e tomar hormônios – a compra ainda era proibida para travestis e elas adotavam alternativas como pagar meninas para comprar, insistir que estavam buscando para mãe ou combinar com alguns farmacêuticos para buscar depois das 23h –, levou a iniciante para fazer aplicação de

silicone industrial em Curitiba, abrigou Rita quando ela saiu de casa, explicou as regras da rua e a buscara incontáveis vezes no Juizado de Menores, para onde a enviavam sempre que era pega se prostituindo antes dos 18 anos.

Rita já tomava hormônios, se prostituía e tinha silicone industrial aplicado nos seios e glúteos quando, em uma dessas vezes em que foi enviada para o Juizado de Menores, a mandaram para a casa de seus pais, em Lages. Foi aí que toda a família, que nunca tinha visto uma travesti, pode vê-la. “Entrei por uma porta e saí pela outra na hora, cheguei antes deles aqui”, resume o feito, entre as risadas costumeiras que já nem soam mais assim tão escandalosas.

Ela fala com humor inclusive sobre o tempo que passou na prisão, e recusa a dizer o motivo também em meio a risadas, dessa vez um tanto envergonhadas, acompanhadas daquele sorrisinho nervoso de canto de boca como os de crianças que fizeram travessura. Conta ter sido presa em 1992, mais ou menos aos 20 anos, no Presídio Masculino de Florianópolis. Quando chegou lá, já havia sido vendida para um dos presidiários, “provavelmente por dois cigarros ou algo assim”. Passou por diversas celas e teve alguns “maridos” – assim que um saía do presídio, outro a comprava. Enquanto fosse daquele “patrão”, era sua protegida. Ninguém podia encostar nela, a não ser ele. Um deles não deixava Rita sequer olhar para o lado. Era obrigada a ficar dentro da cela quieta e comportada. “Se tu respira errado, é só soco.”

Travesti não só é mercadoria na cadeia, como também é meio de transporte para elas. Geralmente as travestis tinham que assumir a responsabilidade por quase tudo de ilegal que havia na cela e eram as selecionadas para esconder dentro de si drogas e o que mais coubesse. Quando os policiais chegavam para fazer a revista, restava a elas manter a calma e a naturalidade. A Pata, colega gay com muitos anos de prisão, era conhecida como a

maior especialista. Carregava duas cápsulas de pistolas calibre 12 dentro de si.

No entanto, sem muita simpatia nem risos, ela relembra que era submetida a revistas especiais com as demais travestis. Os outros presidiários não precisavam desfilar nus pelo corredor da prisão, mas as travestis sim. Ao terem de ficar peladas na frente de todos os homens, retraíam-se. E era exatamente esse o motivo pelo qual os policiais faziam questão de ordenar que elas caminhassem de um lado a outro do corredor, sendo obrigadas a expor a todos um corpo que é sempre estigmatizado.

Um ano e oito meses depois, Luana, mais uma vez, estava à espera de Rita, que olhava para tudo com um misto de desconfiança e deslumbre. Não conseguia acreditar que tinha finalmente saído da prisão. De volta ao mundo “exterior”, não sabia, de repente, o que fazer nele. Não sabia para onde andar, como se situar ou o que olhar. Foi morar novamente com Luana, que uns tempos depois viajou para outra cidade, assim como ela, à procura de lugares em que o mercado da prostituição trans aparentava ser mais promissor.

A simpatia de Rita é de fato envolvente, a leveza com que ela conduz histórias pesadas apazigua e diverte e a aparente intimidade que ela tenta estabelecer logo de cara acaba por realmente desarmar os desconfiados. O comportamento das meninas da casa empresta veracidade à sua insistência em demonstrar que se preocupa com as “filhas”, ainda que seja bastante perceptível um esforço contínuo para que tudo pareça perfeito. Mas é, principalmente, a despreocupação total de Rita em demonstrar suas contradições e sua infalível espontaneidade que a fazem parecer tão verdadeira.

Ela não nega já ter recebido mal algumas travestis, ter mandado bater, intimidado, apinhado várias delas em pequenos quartos, se envolvido em muitas brigas. Rita joga o jogo com as

cartas na mesa – afinal, precisa mostrar que as têm.

As garotas travestis e transexuais logo se veem fora de casa porque, em grande parte dos casos, a família, de um jeito ou de outro, torna o ambiente insuportável para quem invariavelmente vai quebrar expectativas e normas e começar a modificar corpo, trejeitos, nome e documentos. Em busca da independência financeira e emocional, muitas meninas mudam de cidade para começarem uma vida na prostituição e construir o corpo tal qual desejam. Porém, as novas na cidade não podem simplesmente fazer de ponto o local que bem entendem. Criar um novo ponto ou chegar para trabalhar em áreas diretamente controladas pelas *mamis* ou ocupadas por outras mulheres é demonstração de muita coragem ou muita ingenuidade. Elas ameaçam, são agressivas ao expulsar a garota e avisam algumas vezes antes de encomendar uma surra. Nem sempre a hostilidade parte das que se fizeram “donas” do espaço público, mas algumas vezes também de outras prostitutas que não querem uma nova concorrente no ponto. Portanto, não há menina que fique pelas áreas delas sem pagar e, geralmente, morar em suas casas. É muito difícil que alguma prostituta chegue a qualquer cidade sem escolher uma *mami* para chamar de sua, ao menos nos primeiros meses.

Nas palavras de Rita, “é uma troca de favores”. Em sua casa, as meninas pagam uma diária que ela não quer revelar – alguns anos atrás costumava ser de 50 reais em Florianópolis – e ela oferece uma casa confortável, um quarto – geralmente dividido com outras moradoras, com exceção do de Gabriela que é improvisado e bastante pequeno –, almoço e café da tarde, roupa lavada e, o mais importante, proteção. Uma *mami* é como um escudo no mundo instável e efervescente dos domínios de rua. Elas vendem, sobretudo, a segurança que sua fama e seu *status* sugerem. Protegem as meninas de uma violência em parte gerada por elas próprias. Raros são os que ousam bater, roubar, maltra-

tar ou arrumar confusão com meninas que têm *mami*. Rita fala sem maiores pudores que vai atrás de quem quer roubar as meninas, não deixa outras travestis e mulheres trans começarem confusão com elas, procura quem tenha roubado alguma de suas “filhas” e cobra a dívida da mesma forma como aconteceu o roubo, etc. “O que eu posso fazer é me impor, mostrar quem eu sou. Mas eu sou a favor de que elas vão à delegacia e prestem queixa, façam boletins de ocorrência. Eu não tenho nada contra a polícia e a polícia não tem nada contra mim, eles até me avisam quando tem alguém incomodando”. Para por uns segundos e expõe sua contradição: “É, eu faço B.O para depois eu ir lá e, né...não tô morta nem sou novinha”.

Para conseguir manter tudo sob seu controle, o ponto bem quisto e uma boa relação com policiais, Rita impõe algumas regras inflexíveis às suas “filhas”, afinal as *mamis* têm sua ética. Ela não aceita drogas no ponto nem em casa; não aceita meninas que roubam – “Se o cliente vier reclamar que elas pegaram UMA bala, vão embora na hora, não importa há quanto tempo estão comigo, o que fez e o que não fez, porque o cliente infelizmente sempre tem razão e é disso que a gente vive. Se começarem a roubar o ponto decai.” –; não permite que elas arranjem nenhum tipo de confusão com cliente (quebrar carro, brigar, cuspir, revistar quando alguém as insulta ou oferece R\$ 5,00 pelo programa); não deixa que elas combinem um preço antes de entrar no carro e depois cobrem outro – às vezes elas cobram “multas” alegando que o cliente quis serviços que não tinha especificado anteriormente, mas Rita não gosta das multas também; não quer saber de briga nem no ponto, nem em casa; não gosta que andem peladas ou sem calcinha pela casa; bebida alcoólica nem pensar; nenhum cliente pode entrar na casa; namorado só pode levar se ele não se drogar, não beber, nem tiver “comido a casa toda”; obviamente não é permitido roubar nada das colegas. Rompeu com as regras,

leva uma “advertência” que ela prefere não especificar. Após determinado número de advertências sem resultado, Rita toma providências que também não quer correr o risco de que sejam gravadas.

As *mamis* também têm códigos de conduta entre si. O acordo máximo é o de que cada uma respeita as meninas da outra. Rita diz que elas convivem bem atualmente e, de fato, o clima entre elas parece pacífico. Aparecem juntas em fotos e frequentam os mesmos lugares. Quando Rita inaugurou sua casa nova fez questão de convidá-las. Mas são amigadas de negócios, necessárias e sempre sujeitas a que qualquer diferença dê início a uma disputa. Esses dias mesmo, Rita ignorava mensagens de uma menina de outra *mami* que queria ir lá passar a tarde com as amigas para se precaver de um possível mal-entendido. Caso haja quaisquer indícios de confusão ou mesmo uma nova guerra de rua, elas são o alvo principal. “Se tiver que bater, tem que bater em mim, não na menina que tá na rua. Não adianta ameaçar travesti que tá na minha casa, ela tá me pagando, então tem que bater em mim. Elas não têm que ser tocadas. Eu é que sou a *mami*, tem que matar é *mami*”, declara, um tanto tranquila demais, deixando na dúvida se não acredita realmente nessa possibilidade ou se já se acostumou a ela.

Tranquilidade, no entanto, não é um sentimento do qual Rita, no alto da sua posição, possa desfrutar com frequência. Ela diz que consegue manter as portas de casa abertas durante o dia e dormir sem grandes problemas porque é mais calma e ponderada em relação às outras. Só toma providências em últimos casos. Outras mulheres transexuais, mais velhas na cidade, que já conquistaram autonomia a ponto de não precisarem depender de *mamis* para fazer programas, confirmam a versão. Ritinha é sossegada. “Só tomo atitude em ultimo caso. Enquanto tiver falando de mim tudo bem, mas se tocar um dedo em uma das minhas

meninas, eu quebro tudo e viro a cidade do avesso.” Mesmo que queira manter um clima mais pacífico, precisa estar constantemente atenta aos movimentos da rua, “sempre tem um gavião por aí e você tem que ir lá dar uma paulada nele”, conta, reclinando-se para trás na cadeira enquanto libera a famosa gargalhada. “Tem que sempre estar ligeira, uuuuuuuuh querida, tem que ficar ali ó!”, abaixa a cabeça, quase encostando o queixo no pescoço ao mesmo tempo em que levanta as duas sobranceiras e olha para cima, como quem chama a atenção de alguém.

Em certas épocas, Rita vive períodos de medo repentinos e começa a desconfiar severamente de tudo e todos, por vezes inclusive de garotas que recebe em casa. Começa a ficar nervosa se elas ligam o celular, acha que podem estar denunciando algo, filmando algo. Ela se assustou um pouco quando uma amiga sua, também *mami* disse: “Vai chegar uma época em que você vai se trancar de um jeito que não vai ter sossego nem pra dormir”. Rita conta com pesar que já passou por noites como essas, vivendo tamanha ansiedade, mas que por isso também aliviou as abordecas na rua. Quer levar uma vida tranquila e livre, sem precisar se trancar em casa nem contratar ninguém para vigiar seu portão.

Apesar de tudo, Rita gosta de ser *mami* porque afinal, foi o que lhe restou para que permanecesse no ramo após a “velhice”, muito precoce no mercado da prostituição. Ela também gosta de conhecer meninas, da convivência com elas, de não estar sozinha e de ter com quem conversar. As meninas geralmente vão para lá com o objetivo de guardar dinheiro para colocar silicone, por vezes industrial, em várias partes do corpo – seios, quadril, glúteos – e socializarem no mundo trans. Rita tem orgulho quando vê suas “filhas”, depois de terem atingido seus objetivos, seguindo outros caminhos em diferentes lugares. Também admite que gosta do ofício muito pelo dinheiro que consegue com ele. Ela reclama um pouco dos momentos de despedida. Meninas que

viveram anos com ela, dividindo dificuldades e conquistas, com o tempo querem ir embora. “Mas também tem que abrir espaço para as novas, se não você vai à falência. Não deixa mais ninguém entrar no ponto, as do teu ponto vão envelhecer e os clientes não vão mais procurá-las. Aí teu ponto decai e tu vai viver de quê?”. Ela constantemente transita assim, de falas emotivas para logo em seguida completar com outras que não deixam esquecer que as meninas são as suas mercadorias.

Nenhuma das que moram atualmente com Rita parece se importar muito com isso. Talita Lopes é a que mais tempo está com ela, seis anos, o que transparece em risadas, olhares de cumplicidade frequentes entre as duas e no quarto destinado a ela – está atualmente no quarto mais espaçoso com apenas duas camas de solteiro, enquanto as outras dormem em dois beliches no quarto ao lado. Talita foi também quem mais cuidou de Gisele, outra moradora da casa, quando ela precisou de cuidados pós-operatórios depois de colocar mil mililitros de silicone em cada seio. Muitas tardes elas saem para passear na praia, tomar sorvete, fazer compras ou ir à academia. Em datas festivas, Rita prepara almoços especiais e elas comemoram juntas, como fizeram no último dia das mães para as meninas que não foram visitar suas famílias.

Por vezes, uma ou outra faz pequenas coisas de que *mami* não gosta, como andar sem calcinha pela casa ou ficar pelada no quarto, onde *mami* abre a porta e entra sem bater. Rita também não é a favor do uso de hormônios entre as meninas, uma das coisas mais importantes para travestis e mulheres trans que querem inibir as características masculinas e adquirir traços femininos. A aplicação de hormônios tem consequências não só físicas como psicológicas – estresse, depressão, cansaço, entre outros. “Imagina sete meninas hormonizadas, é uma panela de pressão!”. Mas todas riem e participam quando Rita conta que às vezes

entra nos quartos e percebe uma injetando hormônio na outra rapidamente ou vê quadrados de Evra, anticoncepcional liberado em forma de adesivo, colados pelo corpo das meninas. Talita Lopes é a que ingere a maior dosagem de hormônios e chegou a tomar sete tipos de uma só vez. Ela passou mais de um ano aplicando duas injeções por semana de Perlutan, contraceptivo injetável cuja dose recomendada é de uma aplicação por mês. Reduziu a quantidade porque o braço começou a inchar e a ficar dolorido, mas ainda aplica uma injeção semanal.

Gabriela parece sentir muito carinho e respeito por *mami*, única pessoa além da sua avó em que ela percebe algum cuidado e atenção. *Mami*, no entanto, compreende pelo que ela passa, o que deseja e o que enfrenta todos os dias. Ela sabe dos riscos e frustrações diárias aos quais travestis e transexuais estão expostas na pista. A prostituição envolve maiores riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis, de ser agredida, de se envolver em brigas, escancara o preconceito contra pessoas trans e prostitutas e reforça a pressão social que grande parte das travestis e mulheres trans sentem sobre precisar provar constantemente a feminilidade através de cirurgias, excesso de hormônios e muitas horas na academia. Afinal, elas vendem seu corpo, que precisa estar impecável. Não raro Rita encontra meninas que chegam em casa depois de uma noite de trabalho e começam a chorar e se questionar sobre o rumo de suas vidas.

Gabriela já foi assaltada duas vezes, uma em Ijuí e outra em Florianópolis, mas fala disso com certa naturalidade de quem sabe que esse é um risco praticamente inevitável ao seu trabalho. Em Ijuí, um rapaz de moto saiu correndo sem pagar o programa e a deixou em um lugar isolado, sem levá-la de volta ao ponto, o que todos os clientes devem fazer. Em Canasvieiras, aconteceu em um dia de alta temporada, no qual Gabriela já tinha trabalhado muito, mas estava empolgada pelo dinheiro que uma noite de

verão pode trazer e resolveu ficar na pista até mais tarde. Em dias normais, Gabriela atende mais ou menos cinco clientes por noite. Em época de férias de verão o número sobe para 16. Todas as outras haviam voltado para casa. Um homem parou o carro lentamente e chamou Gabriela:

- Vamos fazer sexo?
- 50 reais no veículo.
- Pode entrar.

O homem dirigiu para um lugar isolado, parou o carro e Gabriela começou o programa. Fez o que eles haviam combinado, ajeitou-se, sentou no banco da frente, olhou para fora através da janela do carro e esperou ele acelerar. O carro permanecia imóvel.

- Vamos?

O homem não dava a partida. Ela continuou a olhar para fora, esperou uns segundos e repetiu:

- Vamos?
- Desce do carro.

– Ai, não acredito, respondeu, revirando os olhos e bufando. Sabia que corria perigo e teria de brigar. Prometera a si mesma, aquela vez em Ijuí, que nunca mais sairia de um programa humilhada como acontecera naquela noite. Nunca mais iria apanhar ou entregar-se sem resistir. Nunca mais sairia de um programa sem ser paga.

- Desce do carro, agora.
- Não.

De repente, o homem se virou para ela e puxou seus cabelos por trás, próximo da nuca.

- Desce do carro.
- Não vou descer! Solta o meu cabelo que eu tô ficando nervosa.

- Tá ficando nervosa, é?, disse, com ar de superioridade

e impaciência. Colocou o soco inglês que carregava e começou a bater em Gabriela. Eles se rolaram em uma briga dentro do carro, na qual um atingia o outro. De repente, Gabriela percebeu uma oportunidade de pegar a bolsa e a jogou pela janela aberta. Logo depois, conseguiu pular para fora pela janela. Pegou a bolsa e saiu correndo. Ela conta sobre esse dia com certo orgulho e divertimento, sem sequer um vestígio de medo ou apreensão. A única coisa que ele conseguiu levar, gaba-se, foram seus sapatos de salto.

Na casa de Rita cada uma vai trabalhar a hora que quiser e fica no ponto por quanto tempo quiser, mas todas têm consciência de que quanto mais tarde saem, mais tempo terão de ficar na rua durante os horários mais perigosos. Por isso, entre sete e nove da noite quase todas saíram ou estão saindo de casa. Gabriela costuma acordar pelo meio-dia, almoçar e passar as tardes na academia, descansando, fazendo compras. Pelas cinco e meia todas tomam o café da tarde e depois de um tempo começam a se arrumar para o trabalho. Algumas meninas ficam quase todos os dias dentro de casa e só saem para trabalhar, devido ao receio dos olhares e insultos. Não conseguem sentir-se bem em público, principalmente quando saem sozinhas. “Muitas vezes a gente se sente um ET”, diz Rita. Uma de suas “filhas” evita ao máximo que pode ir a qualquer lugar que tenha muita concentração de pessoas. Se ela chega e percebe que há muita gente, desiste e volta rápido para casa.

Naquela noite, Gabriela se atrasara um pouco para começar a se arrumar. *Mami* não deixou passar despercebido e a apressou, ao que ela não respondeu, mas não se demorou muito para começar. Talita maquiava seus olhos finos e um tanto puxados para o lado, lembrando olhos asiáticos, ajeitava os lisos e brilhantes cabelos pretos que chegam ao umbigo e escolhia o sapato que iria usar. Em seu quarto, o maior e com todas as paredes pintadas de rosa, Gabriela às vezes entrava para pedir alguma

maquiagem ou olhar-se no espelho. No quarto de Talita tocava alto uma lista de músicas sertanejas que parecia agradar a todas, mas especialmente a ela, que se arrumava cantando levemente. Rita também caminhava animada pela casa entre o quarto de Talita, o de Gabriela, e o seu, com cama de casal, um grande guarda-roupa, uma pequena escrivaninha com um *notebook*, uma prateleira pregada à parede e um banheiro. Em cima de uma poltrona ao lado da cama estavam dois ursinhos de pelúcia, um branco segurando um coração e um leãozinho que ela ganhara do ex-namorado. “Em quarto de *mami* também tem ursinho de pelúcia. Acha que é só pistola dentro da bolsa?”, diz, entre as famosas risadas.

Gabriela ficou pronta rapidamente, apenas passou base no rosto, um rímel discreto, uma sombra clara como a base, quase imperceptível, e amarrou os cabelos em um coque simples. Quando queria ver-se melhor de corpo inteiro ia ao quarto de Talita, porque em seu pequeno quarto, no exterior da casa, só consegue se enxergar sentada na cama. A cama ocupa toda a extensão de uma das paredes e o espelho fica no chão, em um espaço bastante pequeno entre a cama e a parede. Encostada à outra parede lateral há um armário branco, também pequeno, onde ela guarda sapatos, roupas e apinha sete *nécessaires* na parte superior, lotadas de perfumes, cremes hidratantes e sabonetes. Uma pequena boneca com duas tranças ruivas, olhos e cabeça enormes, vestido e guitarra azul, senta-se no meio de duas das *nécessaires*. Entre esse armário e a cama cabe ela em pé. Um tanto apertada em meio ao quarto que abrigava uma pequena bagunça, mas a maior possível ali dentro, colocou o que costuma levar todas as noites em sua bolsa vermelho-estridente: camisinhas, um frasco de KY, celular, carregador e uma base para o rosto. Talita produziu-se um pouco mais, mas também sem se demorar. Ela estava entretida escolhendo qual dos sapatos de salto iria colocar e pediu um

emprestado à Gabriela, que logo após levá-lo, trocou sua sandália rasteirinha por uma bota preta de salto. Ficaram prontas juntas e foram ao quarto de *mami* perguntar para quem ligar para vir buscá-las. Conversaram distraidamente e foram esperá-lo na garagem.

Há noites em que Gabriela sente mal-estar só ao ter de encarar aquela esquina. Não gosta da prostituição, mas foi a maneira mais rápida que encontrara de conseguir o dinheiro necessário para as transformações corporais de que tanto necessita. Deseja-as para poder externar sua feminilidade. Sua felicidade passa necessariamente por construir um corpo com o qual consiga olhar-se no espelho e se identificar. Enquanto o corpo não estiver perfeitamente como ela imagina, não vai parar. Sabe que escolheu o caminho mais rápido, mas certamente não o mais fácil. Está completamente determinada a conseguir o dinheiro de que precisa e espera que no próximo mês possa pagar uma prótese de silicone nos seios. Gabriela se impôs metas: não volta para casa com menos de 150 reais ou antes das duas da manhã. Dependendo do movimento fica até as cinco. Cobra 30 reais para fazer oral no carro, 50 reais o serviço completo no carro e 100 reais para passar uma hora em um motel, preços praticamente tabelados entre todas as filhas de *mamis*, com algumas variações a depender do automóvel e do tipo que o dirige.

Naquela noite, Gabriela foi para a pista animada e antes da uma da manhã o estava ainda mais: em uma noite fria de quarta-feira já havia batido sua meta. Com um corpo chamativo aos olhares dos clientes e o sorriso que flui de inocente a sexy muito rápida e constantemente, ela mal fica na esquina. Nos poucos momentos em que está no ponto, por vezes está atendendo a ligações de clientes. Suas colegas também não esperam por muito tempo até que um carro pare.

Conforme as horas passam e a madrugada adentra, o

movimento na rua diminui, mas no posto ali perto chegam cada vez mais carros com mais pessoas bebendo cerveja e ouvindo música alta. Dois homens vestidos de terno preto quebram o silêncio de uma das ruas da encruzilhada ao entrarem em um hotel de três andares perto dali. Ele confirma a aparência de cidade interiorana da região. A recepção é pequena. Um homem sentado no sofá e um mendigo sentado em um banco de madeira assistem ao Jornal da Globo, em silêncio. A entrada é delicada, cheia de pequenos vasos com pequenas flores que enfeitam a casa antiga e bem arrumada que um dia virara hotel, com o exterior pintado de branco e as janelas e portas de azul.

Na calçada em frente, uma moça de uns 18 anos quase passa imperceptível: de cabelo bastante preto e liso com uma franja comprida e diagonal cobrindo o rosto, usa uma calça larga preta, uma blusa folgada também preta e chinelos. Está sentada no meio-fio, um tanto encolhida, mexendo silenciosamente no celular há mais de duas horas. De repente, ela fica em pé, abre o portão e entra na pequena casa de madeira atrás de si, pintada exatamente ao contrário do hotel à sua frente – portas e janelas brancas e paredes azuis. A casa tem um aspecto bastante antigo e parece bem cuidada. Flores enfeitam a pequena garagem na qual está estacionado um carro velho, este não muito bem conservado.

As ruas da encruzilhada estão completamente desertas, a não ser no tempo em que algumas meninas do ponto são deixadas ali à espera do próximo cliente. Os terrenos baldios começam a parecer mais escuros e assustadores. No terreno que fica na esquina onde elas trabalham, um homem silencioso e ereto cobre o rosto com o capuz da jaqueta preta e parece imóvel, parado alguns passos para dentro do terreno. As garotas parecem não vê-lo ou não se importar.

Gabriela, que mal chegara de outro programa e já havia

saído em um carro com um rapaz careca e bastante jovem, volta depois de pouco mais de meia hora. Eles haviam acertado que o programa seria de meia hora em um motel. Tudo ocorrera como combinado e, quando ele a levava de volta ao ponto, de súbito começou a gritar e parecer bastante irritado. Um frio subiu ao pescoço e desceu até o estômago de Gabriela. Apreensiva, temeu o que ele poderia fazer. Tranquilizou-se apenas quando ele a deixou na esquina novamente. Observando com atenção, na disputa entre a inocência e a sensualidade do seu sorriso infantil e sincero, a inocência parece bravamente sobrepujar-se, ainda que sua vida pudesse tê-la sugado aos poucos.

– Toda vez que entro em um carro não sei se vou voltar. Essa é a verdade.

3

A DOR DA BELEZA

*Custa muito ser autêntica, e nessas coisas não se deve economizar.
Porque uma pessoa é mais autêntica quanto mais se parece com o que
sonhou para si.*

Fala de Agrado, personagem travesti do filme
Tudo sobre minha mãe, de Pedro Almodóvar

Paloma estava tão radiante quanto seus cabelos compridos e fortemente amarelados sob os raios de sol. Dali a pouco realizaria um de seus maiores desejos. Temia uma possível dor, mas o medo era quase todo sufocado pela extrema felicidade que sentia. Era uma necessidade para ela, deslumbrada aos 18 anos com as possibilidades que se abririam a partir de então. Depois de muito esperar por esse momento, chegou à casa indicada. Entrou e viu quatro mulheres que queriam o mesmo que ela: injeções de silicone industrial para construir o corpo com o qual sonhavam. Quem aplica são outras travestis e mulheres transexuais, as chamadas bombadeiras, porque literalmente bombam o silicone líquido com uma seringa para dentro do corpo das clientes.

A bombadeira de Paloma era conhecida entre as travestis de Florianópolis à época, e dizia que outrora, antes da construção do corpo, havia sido enfermeira. Pediu que Paloma deitasse num colchão. Sem lençol, cobertor ou qualquer coisa que o cobrisse, o colchão estava molhado devido à grande quantidade de silicone nele. Paloma deitou sobre aquele líquido viscoso e espesso. Ela e mais uma seriam bombadas. O silicone industrial é um líquido utilizado principalmente para impermeabilizar azulejos, lubrificar motores e lustrar pneus e painéis de carros. Sua aplicação para fins médicos é proibida pela Anvisa, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, e pelo Ministério da Saúde. A aplicação de silicone industrial é crime e a pena podem variar de dois a oito anos de prisão.

Paloma Correia tem 51 anos e trabalha como cobradora na empresa de ônibus Biguaçu Transportes desde os 18, pouco tempo depois de mudar-se para Florianópolis. Ela saiu de Imbituba, cidade com pouco mais de 40 mil habitantes no litoral de Santa Catarina, e veio para a capital com o intuito de realizar a construção de seu corpo e assumir-se travesti, o que seria no mínimo complicado na cidade em que nascera e no meio familiar. Foi contratada antes de iniciar a construção do seu corpo, mas tomou hormônios,

começou a vestir roupas identificadas como femininas, colocou silicone industrial nos seios, quadris e glúteo e realizou todas as modificações que queria trabalhando lá. Sempre se sentiu muito bem tratada e acolhida. Nos primeiros dias em que ia trabalhar logo após aplicações de silicone, os colegas a ajudavam a subir e descer dos ônibus e facilitavam as coisas para que ela não precisasse fazer grandes esforços. Numa empresa em que quase toda a equipe é composta por homens e em um cargo no qual tem contato com inúmeras pessoas todos os dias, a única coisa que incomoda Paloma são as cantadas que tem de escutar às vezes, mas as encara como algo que não lhe é exclusivo: “Isso toda mulher ouve, né?”.

Ela procurara emprego fixo porque estava insegura quanto a depender apenas da prostituição. Pensava em como seria no futuro, quando envelhecesse, ou nos meses em que não tivesse conseguido dinheiro suficiente para pagar as contas. Imaginava como seria a reação da família quando soubesse que ela sobrevivia com dinheiro da rua. Lembrava dos ensinamentos do pai sobre a importância de ter um emprego com carteira assinada e garantir a aposentadoria. Por isso, ainda que trabalhasse como prostituta, resolveu procurar emprego no mercado formal antes de expressar-se como mulher. Ainda hoje, ao final do expediente, Paloma vai para casa, toma banho, veste uma roupa que mostre ao menos seus seios bastante fartos, passa maquiagem e começa a segunda jornada de trabalho, agora na pista. Para ela, essas são as melhores horas do dia. Certas pessoas nascem para a noite, pensa. Eu sou uma delas.

Paloma deitou no colchão sujo. A bombadeira, sem luvas, analisou onde iria enfiar a agulha – Paloma queria primeiro “bombar” os glúteos. Ela riscou a região com caneta para marcar onde aplicar e como iria moldar o silicone. Geralmente, esse é o momento em que a bombadeira pega uma seringa pequena

com agulha também pequena, e injeta uma quantidade não muito grande de xilocaína, um anestésico local. O efeito é praticamente imediato. Paloma, porém, não quis que lhe aplicassem xilocaína com medo de não sentir caso a bombadeira furasse alguma de suas veias.

Sem qualquer tipo de anestesia, Paloma sentiu sua pele sendo rasgada. A agulha utilizada na aplicação é geralmente de uso veterinário, na maioria das vezes a que se usa em cavalos. São agulhas grossas e grandes que abrem buracos bastante fundos. O silicone industrial fora colocado previamente na seringa e a bombadeira, apertando com uma mão a pele e com a outra a seringa, empurrou devagar e delicadamente o êmbulo até que o silicone líquido começou a entrar pelo buraco no corpo de Paloma.

Pouco tempo depois do primeiro furo, um calombo começou a se formar na pele, logo abaixo do final da agulha. É o silicone que já foi injetado. Usualmente, a bombadeira começa a moldar e a apertar aquela bolsa com os dedos para abrir espaço para mais silicone, sem tirar a agulha do corpo. Quando a agulha é retirada pela primeira vez, o furo pode sangrar. A bombadeira aperta a região para que sangue ainda mais. Caso contrário, a pele vai ficar com manchas roxas. Para que a quantidade de silicone seja suficiente para moldar a região, são necessárias várias aplicações dessas – em cima, embaixo, dos lados. Em uma aplicação de silicone industrial nos seios, por exemplo, são necessárias mais de dez injeções dessas em cada seio.

Paloma sentia aquele líquido como se rasgasse sua pele e a queimasse por dentro. A bombadeira pegou uma bolinha de algodão, virou um pouco de esmalte nela e a colocou sobre um dos grandes buracos abertos pela agulha. Por vezes elas também colocam cola Super Bonder no algodão. Aquele tufo fica por algum tempo cobrindo o buraco e depois é retirado com certa dificuldade, pois já está, em algum grau, colado à pele. O algodão é colocado e retirado repetidas vezes para selar o buraco e evitar que o silicone vaze

por ali.

A jovem estava realizada. Era seu verdadeiro primeiro passo rumo à feminilidade, tão necessária para que ela pudesse sentir-se completa. A felicidade que sentia por estar ali não deixou que nem a dor, nem os riscos, a atemorizassem. Teve de ficar um dia de repouso. No dia seguinte, acordou e logo quis olhar o resultado no espelho. “Quando vi aquele meu cuzão, que antes era uma tabuinha de passar roupa, querida, eu queria é mais!”.

Paloma aplicou 12 litros de silicone industrial no corpo, um de cada vez. Por 12 vezes passou por esse processo e suportou toda sua dor. “Meu corpo é todo de um bom fundo de quintal”, diz, com uma entonação orgulhosa de quem indaga nas entrelinhas “algum problema?”. Parou de tomar hormônios porque considerou que com essas aplicações já tinha atingido seu ideal de corpo feminino e, por reduzirem a ereção, os hormônios atrapalham seu trabalho. As travestis e mulheres trans relatam que quanto mais silicone se tem em uma região, mais dor se sente durante a aplicação. Paloma não é de reclamar. Em nenhum momento fala das dores do processo, enquanto sua amiga – e diversas outras – reitera a dor que comumente classifica como “horrorosa”.

Anos depois, Paloma desenvolveu flebite, inflamação na parede de uma veia, devido à aplicação do silicone industrial. De vez em quando sua canela incha e ela aplica uma injeção de decadron, anti-inflamatório à base de corticoides. Dia seguinte, a perna está desinchada. Ela não se arrependera de um litro sequer e se orgulha do corpo que tem. Hoje, 33 anos depois, admite que “foi uma loucura de juventude”. Naquele momento, a busca pelo ideal de um corpo feminino, parte do processo para que muitas travestis e mulheres trans possam ser o que sonharam para si, faz com que as possíveis consequências negativas não sejam levadas em consideração – parecem pequenas perto do que elas têm a

conquistar.

Paloma fala rápido, é bastante direta e conta sua história com a franqueza de quem não se arrepende de nada e encara a vida com muita leveza. Fez sempre o que quisera fazer. Os lábios finos e compridos, praticamente tão rosados quanto a pele, se abrem em sorrisos constantes que costumam mostrar todos os brancos e alinhados dentes superiores. Nesses momentos sua maçã do rosto, bem marcada, torna-se ainda mais visível. Raras são as pessoas que podem dizer que a viram sem sombra brilhante sob os olhos castanhos, com algumas rugas ao lado. Todos os dias, ela passa cores fortes que geralmente variam entre rosa, bege, azul e prata.

A franja de corte reto, amarelada e que termina um pouco antes das sobrancelhas, reforça o ar jovial e até infantil de Paloma. Costumeiramente ela ri como se tivesse feito alguma travessura e troca farpas com a amiga de longa data, Kelly le Brock, vistas juntas com frequência. Kelly parece insistir, indiretamente, que Paloma tem uma postura um tanto irresponsável e teimosa. Kelly diz que quer ser chamada de mulher transexual. Travesti é uma palavra relacionada à marginalidade, traz consigo aspectos negativos. Paloma diz que travesti é uma palavra que traz poder, que ela é travesti e não quer saber de ser chamada de mulher transexual. Enquanto Paloma diz que não se arrepende dos litros de silicone industrial aplicados em seu corpo porque foram a realização de um sonho, Kelly diz que esse é um sonho que pode virar pesadelo. Paloma diz que esse é um risco que todo mundo corre. Reitera a felicidade dos dias em que pôde finalmente colocá-los e que só se arrepende quem enfrentou algum problema. Kelly diz que a amiga teve flebite. Paloma diz que flebite também não é grande coisa. Quando a perna incha, toma injeção e pronto. Dia seguinte está feliz de novo. Kelly diz que esse é um problema crônico e a injeção, uma solução paliativa. Ela parece abordar os temas com mais seriedade e querer mostrar à Paloma que “as coisas não são

tão simples assim”. Aos olhos de Paloma, muitas coisas são bastante “simples assim”, e essa parece ser a maneira como leva a vida.

A paixão que sente por trabalhar na pista começou desde as primeiras noites nas quais foi se prostituir e é muito mais forte do que qualquer receio que tenha de trabalhar de madrugada na rua. Nas duas tentativas de assalto que sofreu trabalhando à noite há mais de 30 anos, conseguiu pegar a bolsa de volta. Por três ou quatro vezes, não se lembra bem, clientes apontaram o cano do revólver na sua cara. Em nenhuma delas achou que ia mesmo morrer. “É só pra conseguir o serviço sem te pagar, não é pra matar mesmo”.

O único medo que Paloma admite sentir é dos policiais. Quando ela começara na prostituição, eles eram ainda mais agressivos e costumavam enquadrar as travestis e transexuais na “lei da vadiagem”, extinta apenas em 2012, cuja pena podia variar de 15 dias a três meses, na ala masculina. Ela tinha 31 anos quando Clô, conhecida na cidade e então presidente da ADEH, morreu depois de ter apanhado de dois policiais enquanto realizava distribuição de preservativos. Paloma aprendeu que com eles precisa abaixar a cabeça e a voz.

Foi o que fez pouco tempo atrás, quando foi ameaçar uma menina que decidiu trabalhar no ponto em que ela fica. Na pista é raro quem não conheça as regras: sem permissão prévia, não se fica em esquina que já tenha alguém. Pois apareceu uma garota do outro lado da rua de Paloma. “Era só um risco, seca que era um raio”. Paloma atravessou a rua com uma amiga e foram as duas, firmes e sérias, decididas a expulsá-la. A amiga deu um empurrão na menina e o celular dela caiu no chão. Paloma olhou bem no seu rosto e disse, em tom ameaçador, “tu some daqui!”. Mas elas não imaginavam que a garota tinha para quem ligar. Pouco tempo depois, um taxista parou ali. Saiu do carro e

e disse que ia chamar a polícia. Paloma, como de hábito, não se importou. Continuou na pista, sem acreditar muito no que o taxista dissera. Alguns minutos depois, no entanto, para ao seu lado uma viatura. O policial saiu do carro, chamou Paloma e perguntou o que a garota estava fazendo. “O mesmo que a gente tá. O que é que a gente tá fazendo?”, respondeu. “Fala direito!”, disse o policial. Naquele momento, ela sabia que era hora de curvar-se. Ficou quieta, ele fez a ocorrência, foi embora. Não satisfeita, segurou a menina por trás e disse em seu ouvido “se eu te pegar aqui de novo...dessa vez foi o celular, na próxima eu arranco teu pescoço”. Ao lembrar da cena, Paloma vira a cabeça para cima e vai com o corpo para trás ao mesmo tempo em que solta uma gargalhada curta, mas bastante espontânea. “Eu sou louca, nega, à noite eu sou louca. A noite é imprevisível, você tem que saber contornar”.

Paloma tem alguns clientes fixos, que estão com ela há bastante tempo. Um deles conhecera ainda noivo, há 25 anos. Atualmente, ele é casado, tem filhos e netos. Envelheceram juntos. Paloma também se casara, há onze anos, com um ex-cliente. Também teve dois filhos, com duas mulheres, um rapaz de 24 anos e uma moça de 27. “Foi outra loucura da juventude”, define. Com o filho não mantém contato, ele a conhece, mas foi criado pela mãe e outro pai. Com a filha, convive com mais frequência. Esteve presente durante sua criação e até vivera um tempo com a mãe dela. Ambas as mães de seus filhos conheceram Paloma como é hoje, travesti, e nunca tiveram problemas com isso. Depois de um tempo, porém, Paloma teve certeza de que não era com mulheres que queria viver e separou-se delas. Seu marido também tem dois filhos que os visitam com frequência. A ex-esposa dele, que não guarda rancor, é amiga de Paloma e também os visita de vez em quando.

Mesmo que não goste de destacar as consequências nega-

tivas do silicone industrial, Paloma não colocaria mais uma gota. Pela idade que tem e por ter lhe causado a flebite. A fama das bombadeiras vem dos corpos que elas fazem. Se ficou bom em uma, muitas outras vão procurá-la. Se houve complicações, sua imagem começa a ficar negativa e ela perde clientes. Muitas vezes, porém, as complicações aparecem anos mais tarde. A cultura das bombadeiras, ainda que esteja longe de terminar, diminuiu muito em comparação com a época de Paloma e Kelly. Naqueles anos havia bombadeiras em Florianópolis, hoje não há mais. Muitas meninas que querem “bombar” viajam a São Paulo ou Curitiba para fazer as aplicações.

Mulheres trans e travestis mais jovens optam cada vez menos pela solução barata, – cerca de 300 reais o litro – porém perigosa do silicone industrial e preferem guardar dinheiro para colocar próteses, atualmente mais acessíveis e com possibilidades de parcelamento. Elas já viram muitas colegas morrerem por complicações derivadas da aplicação de silicone industrial e conselhos das mais velhas. Paloma e Kelly contam histórias de quando a polícia pegou uma bombadeira em flagrante, durante uma aplicação. Parou tudo. Levou para a delegacia ela e a cliente junto, com o processo interrompido no meio. Outra foi aplicar e tinha diabetes, mas a bombadeira não sabia. Fez todo o procedimento e, quando a menina foi para casa, passou mal e morreu. Elas dizem às mais jovens: “Silicone dá caroço, dá buraco, mancha, pode deformar o corpo”. Falam sobre as amigas que morreram ou tiveram graves complicações de saúde, alertam que inflama, que escorre para os pés.

Porém, ainda que haja prótese para os seios, não há alternativas para o quadril, dar forma à cintura ou aumentar tanto os glúteos. O silicone industrial permite que se coloque mais litros de uma vez e que eles possam ser modelados – logo após a aplicação, a região ganha a forma pretendida e fica instantaneamente

delineada. Também não há alternativas para modificar outros lugares que travestis e mulheres trans desejam mais femininos, como boca, maçãs do rosto, coxas, canela, pés. Outras tantas não podem pagar pelas próteses de silicone e processo cirúrgico, que custam em torno de 8 a 12 mil reais.

Entre as travestis e mulheres trans, a necessidade de hormônios e aplicação de silicone é considerada quase um imperativo para “tornar-se uma transexual de verdade”. O corpo de travestis e transexuais é central para a realização das suas experiências de transgeneridade. Não há que se conformar com a anatomia, não há que se conformar com o corpo como algo estático, “natural” e imutável. As vivências trans advogam o direito de transformar-se, construir e criar seus corpos de acordo com o que desejam para si, que geralmente é a busca da feminilidade, no caso das mulheres trans e travestis, ou da masculinidade, no caso de homens trans. Kelly questiona essas regras: “Para mim, ser travesti é se assumir feminina 24 horas por dia. Tem mulher sem peito, tem mulher sem bunda, nem por isso deixa de ser mulher. Por que travesti tem que ter?”. Porém, em geral, ingerir hormônios e colocar silicone no corpo, além de ser o sonho de muitas, faz parte de conquistar legitimidade no meio trans – e fora dele.

Cotidianamente discriminadas, as pessoas trans conseguem maior aceitação social quanto mais se aproximam da aparência do gênero que querem expressar. Quanto mais “feminina” for uma mulher transexual, mais respeitada será nos espaços que frequenta. E o homem transexual o será quanto mais “masculino” for. Novamente o binarismo de gênero – ou se é homem ou se é mulher, dentro de critérios rígidos e arbitrários do que isso significa – molda e age sobre os corpos. Os padrões de beleza sabidamente restritos e inalcançáveis também funcionam, por vezes mais fortemente, sobre mulheres transexuais e travestis, uma vez

que elas precisam provar aos outros o tempo inteiro que são o que dizem ser. Deve-se ter seios fartos e redondos. Deve-se ter glúteos cheios e duros. Deve-se ter coxas grossas. Deve-se ter cabelos compridos e brilhantes. Deve-se ter cintura fina e ser magra.

Muitas transexuais e travestis que se prostituem também se deparam com o dilema do corpo como instrumento de trabalho. Seus corpos precisam adequar-se aos socialmente considerados como mais desejáveis. Novamente, quanto mais seios, coxas, bundas e apliques, mais clientes. Outras tantas trabalham fazendo shows e como *drag queens*, o que também exige cuidados estéticos e aparência “impecavelmente feminina”.

Portanto, as costumeiras e diversas modificações corporais, desde ingestão de hormônios até a realização de cirurgias, ao mesmo tempo em que tornam as pessoas trans subversivas – pois dessa forma rompem padrões, questionam normas, escancaram o corpo como mutável e advogam o direito de se expressarem da maneira que as faz feliz –, também as enquadra na norma binária. Essas mesmas pessoas que tanto transgridem são, também por isso, fortemente pressionadas para que se adequem às normas tanto quanto puderem.

Foi nesse contexto de inserção no mundo travesti, de quem trabalha na prostituição e quer buscar um corpo que represente seus sentimentos que Bárbara Mantovani¹ decidiu, aos 17 anos, com incentivo da sua mentora, travesti mais velha que a mostrou o mundo trans de Florianópolis, “bombar” um litro de silicone industrial em cada nádega. Bárbara nasceu em Porto Alegre e mudou-se para Florianópolis ainda criança com a mãe. Saiu de casa sozinha para fugir do padrasto, que batia nas duas. Ouvia dele constantemente: “Viado! Tu vai ser um viado!”. Quando saiu de casa, pediu ajuda a uma travesti que conhecia. Morou com ela e, por muito tempo, ela foi sua mentora no mundo transexual.

¹ Nome fictício a pedido da entrevistada

A bombadeira foi até à casa de Bárbara. Muitas vezes elas preferem fazer a aplicação na casa das clientes para que não seja possível identificar uma “casa de bombadeira” com facilidade, caso a atividade chegue aos ouvidos de policiais. Chegou com dois galões de plástico, como os galões de desinfetantes, cheios de silicone líquido e identificados como silicone/1000, que indica mil mililitros. Bárbara decidiu colocar um litro em cada nádega de uma vez para que não precisasse passar por todo aquele processo novamente na mesma região. Enquanto a espessa agulha era enfiada na sua carne, Bárbara gritava. Sentia como se algo estivesse abrindo seu corpo por dentro. Queria parar. Gritava, chorava. Não havia mais volta. Se ela saísse dali, iria interromper o processo no meio e ficar deformada. Aguentou o que ela lembra terem sido mais de cinquenta injeções até que os dois litros fossem aplicados.

Bárbara tem os cabelos compridos, lisos e tão pretos quanto os cafés fortes que ela detesta. Seus olhos, também muito pretos, têm a forma arredondada, assim como o rosto, e ultimamente expressam preocupação constante. De tão grossos, os lábios parecem estar sempre inchados, principalmente o superior, e sugerem que provavelmente glúteos e seios não foram os únicos lugares em que Bárbara aplicara silicone. Aos 37 anos, sente saudades da época em que vencera, por três vezes consecutivas, o prêmio *Miss Beauty Queen*, do tradicional concurso de carnaval de Florianópolis Pop Gay. Aparecera em programas de TV locais e nas páginas dos jornais com um corpo deslumbrante e escultural, sempre se destacando por sua beleza. Trabalhara também fazendo shows em que dublava e dançava como as divas pop.

Pouco mais de duas semanas depois, Bárbara começou a sentir um desconforto na região que agora estava cheia de silicone. Era como se algo estivesse escorrendo aos poucos dentro dela. Não procurou atendimento médico porque receava ter me-

nos de 18 anos e um líquido ilegal no corpo. Os médicos iriam perguntar como ela conseguira o silicone, quem aplicara, onde acontecera, chamariam a polícia, as bombadeiras se vingariam dela. Achou melhor esperar um pouco para ver se haveria alguma complicação.

Um mês depois do dia em que aplicara o silicone, suas canelas incharam. O silicone escorrera para as pernas. Suas colegas sabiam o que indicar: injeção de decadron. Bárbara aplicou e, de fato, as pernas não demoraram a voltar ao aspecto normal. Dia seguinte estava novamente bem. Vivera assim durante 20 anos, até março de 2015.

Bárbara mora em um pequeno cômodo, estilo *kitnet*, em uma rua estreita, alta e escondida, em São José, cidade da Grande Florianópolis. A parte que aluga fica nos fundos de outra casa, no alto de uma escada, invisível a quem caminha pela rua. Sua casa tem um quarto e uma cozinha pequena que funciona como um corredor entre o quarto e o banheiro, no qual cabe apenas uma pessoa. A pia antiga, redonda e marrom, parece ocupar praticamente toda a parte que não é do chuveiro e os rolos de papel higiênico ficam em pé na pia, ao lado da torneira.

Na cozinha-corredor, de um lado vê-se uma geladeira desligada na qual ela guarda leite, sacos de arroz, feijão, café, Nescau. Várias peças de louça cobrem a pia que leva a um pequeno fogão preto. Ao lado dele, a entrada da casa. Uma grande e quadrada mala de rodinhas está em pé ao lado da porta. Na outra parede, em frente, há dois sofás antigos e escuros, um vazio e outro completamente coberto por vários objetos.

Ao longo desses anos, Bárbara mostrara seu problema nas pernas ao médico do posto de saúde que frequenta e ele tinha ciência das suas injeções de decadron. Receitava também outros medicamentos como injeções de betatrinta, à base de corticoides. Dessa vez, porém, não só as canelas como seus pés incharam, e

muito. O médico lhe disse para que parasse de aplicar corticoides, que lhe trariam efeitos colaterais graves no futuro devido aos vários anos em que ela os injetara com frequência. Significava o fim das injeções de decadron, betatrinta e alguns remédios que ela costumava tomar.

Bárbara desesperou-se. Não conseguiria ficar sem esse tratamento. O médico já havia dado entrada, há mais de um ano, em encaminhamentos para consulta com cirurgião vascular e cirurgia reparadora e até então ela nunca fora chamada. Ele prescreveu novos encaminhamentos. Mas Bárbara não acreditava que seria chamada antes que suas pernas inchadas se tornassem um problema ainda maior.

Ela via suas duas pernas inchando cada vez mais, a ponto de ficarem frágeis e os movimentos comprometidos. Toda a área da canela aos dedos dos pés estava enorme. Alguns dias mais, outros menos. Por vezes, parecia a ponto de explodir. A região dos tornozelos e pés estava quase completamente vermelha. O tornozelo do pé direito, que já não se podia ver, estava também um pouco roxo. Bárbara temia ter de amputar as pernas. Sentia dor. E desespero.

À procura de uma solução, quatro dias depois de conversar com o médico, decidira gravar um vídeo e publicá-lo na internet para explicar sua situação e pedir ajuda. Posicionou o celular na sua frente e enquadrou a imagem para que aparecesse seu rosto e a parede lilás de seu quarto ao fundo. O quarto, comprido, não é tão pequeno quanto o resto da casa sugere. Bárbara o organizou como um “quarto e sala”. Em uma das extremidades está sua cama *box*, encostada à parede. Na outra uma TV de plasma e um pequeno sofá. Entre os dois cantos do quarto, uma grande bandeira do Brasil ocupa o meio da parede lilás. Em pouco mais de cinco minutos, explicou sua situação e perguntou se alguém conhecia um cirurgião plástico ou médico vascular que pudessem

ajudá-la. Ao final do vídeo, Bárbara vira a câmera para suas pernas assustadoramente inchadas e chora. Reitera o pedido: precisa de cirurgião ou médico que possa fazer lhe fazer uma drenagem.

Sem poder se permitir esperar o resultado do vídeo, Bárbara, orientada pelo médico do posto de saúde, foi à emergência do Hospital Regional de São José, edifício branco-acinzentado, largo, com quase 30 janelas na horizontal, e baixo, com apenas cinco pisos, de responsabilidade do estado de Santa Catarina. Pisou no enorme tapete sujo e preto com bordas laranjas, no qual está escrito, também em laranja, o nome do hospital “H.R.S.J DR. HOMERO DE MIRANDA GOMES”. Entrou na sala larga de paredes cinzas e com algumas fileiras de cadeiras azuis sem achar que conseguiria muita coisa. O tratamento ríspido e frio de alguns funcionários a incomodou desde o balcão marrom e branco da entrada. Quando o médico a chamou, pelo nome de registro e não seu nome social, já sentira mais um desconforto. Levantou-se e entrou na sala.

“O que você tem?”, perguntou-lhe o médico, em um tom que a desagradara. Ela começou a explicar: “Trouxe aqui minha ultrassonografia...”. O médico, aparentemente apressado, respondeu: “Não quero ver papel, me mostra o que você tem”. Bárbara mostrou as pernas inchadas e explicou-lhe o problema. Ele receitou alguns remédios e falou para ela voltar depois. Desconfiada, Bárbara foi direto à enfermaria e perguntou ao farmacêutico: “Algum desses remédios tem corticoide?”. Tinha. Ela não iria tomar. Sabia que, mais uma vez, suas pernas iriam desinchar e dali a algumas semanas ela enfrentaria o mesmo problema, tal qual acontecera nos últimos 20 anos.

Desesperada e irritada, Bárbara voltou ao consultório do médico. Disse que não iria mais aceitar nada com corticoides porque dali a dois dias estaria com dor e inchaço novamente.

Ele tentou convencê-la a tomar os remédios e voltar para

outra consulta, mas Bárbara estava cansada e, mais que isso, decidida a sair dali com uma solução. “Eu não saio daqui enquanto o senhor não me der um encaminhamento para um cirurgião vascular! Isso aqui é um caso extremo de saúde!”. Ao que o médico respondeu: “Calma, não é bem assim.” Mas Bárbara estava exausta. “É só me dar um encaminhamento, é tão simples!”. A contragosto, o médico o fez.

Depois de alguns dias, Bárbara voltou ao hospital para marcar a consulta. A secretária lhe respondeu que não poderia ser ali, ela teria de voltar ao posto de saúde. Bárbara, ávida por uma solução, temerosa com o que poderia lhe acontecer e sentindo dor, começou a chorar. “Esse hospital é uma referência. Muita gente aqui faz a mesma cena que você, não precisa chorar. Vá no posto de novo”, respondeu-lhe a secretária. Bárbara não podia aceitar. Insistiu, pediu ajuda, mostrou as canelas e os pés. A moça acabou por ceder. “Vou te dar o encaminhamento, mas não garanto que vá dar certo”. “Já deu, eu creio no meu Deus”, respondera Bárbara.

A consulta ficou marcada para dali a uma semana, às 10h. Bárbara chegara às 7h, tamanha sua ansiedade. Finalmente, na hora marcada, o médico a chamou, novamente pelo nome de registro. Quando Bárbara levantou e caminhou em sua direção, percebeu uma reação de espanto do médico. Engoliu em seco, tristemente acostumada. Entrou na sala ainda esperançosa, ali estaria, finalmente, sua solução.

Ela explicou o problema, o médico olhou rapidamente as pernas inchadas. “Teu problema não é comigo, é com a cirurgia. Vou te dar um remédio para a área vascular e o inchaço vai diminuir um pouco, o resto não é comigo.” Ainda que bastante decepcionada, Bárbara não tinha perdido todas as esperanças. Ao menos seria direcionada para o cirurgião. Antes de receitar o remédio, o médico pediu para que ela esperasse um pouco.

Foi até outra sala e chamou um colega. Depois de muitos anos recebendo olhares debochados e maldosos, Bárbara percebeu ali, sentada em um consultório médico com as pernas inchadas e o desespero crescente, novamente aqueles mesmos olhares. Sentiu-se avaliada dos pés à cabeça. Ela sabia: ele chamara o colega para mostrar “a travesti”. Ficou olhando para baixo, completamente desconfortável. Não tinha como fugir daquela situação. Sentia-se agora, mais uma vez, que era vista como uma aberração. Finalmente, o médico lhe deu um encaminhamento para o cirurgião plástico e para uma ultrassonografia da panturrilha, pela qual teria de pagar ou esperar na fila do SUS.

O primeiro vídeo de Bárbara gerou certa repercussão nas redes sociais. Algumas militantes, travestis e mulheres transexuais compartilharam o vídeo e espalharam sua mensagem. Muitas pessoas foram contatá-la, ofereceram ajuda financeira e orações. No dia em que saíra dessa consulta, gravou outro vídeo e fotografou os encaminhamentos que recebera. Fora diagnosticada com edema nas pernas, linfedema – acúmulo de fluídos no tecido mole – e talvez flebite. As duas ultrassonografias, uma de cada perna, custariam 650 reais em uma clínica particular. Bárbara receava que se optasse pelo SUS muito provavelmente não conseguiria fazer os exames antes da próxima consulta, dessa vez com o cirurgião plástico, que conseguira marcar para dali a 15 dias. “Foi minha fé”, pensa Bárbara, porque o tempo de espera geralmente é de pelo menos dois meses. Passara aqueles 15 dias bastante ansiosa e impaciente. Acreditava estar cada vez mais perto de solucionar seu problema. O cirurgião saberia o que fazer.

Chegado o dia da consulta, Bárbara foi ao hospital com uma amiga na tentativa de evitar a humilhação anterior. Conseguiu pagar as ultrassonografias – e o aluguel daquele mês – com dinheiro de doações de amigos e pessoas que se sensibilizaram com seu vídeo, inclusive doações vindas do exterior. Dessa vez,

se sentiu muito bem recebida. O médico fora bastante solícito e lhe dera a atenção esperada. O bom tratamento, porém, não fora suficiente para que ela pudesse sair do hospital tranquila. Ele explicou que retirar o silicone seria bastante complicado porque o líquido se misturara com a gordura, a pele e a carne de Bárbara. Ele nunca tratara uma situação como a dela. Comprometeu-se a pesquisar sobre esses casos e a procurar um médico que soubesse fazer os procedimentos necessários. Pediu para que ela voltasse dali a um mês, dia 8 de maio.

A aplicação de silicone industrial pode causar inflamações, infecções, dificuldade para caminhar, reação alérgica, obstruir vasos sanguíneos com probabilidade de morte, e, em casos mais graves, amputação, necrose e infecção generalizada. Não raro quem precisa drenar ou tentar retirar silicone industrial busca médicos particulares. Por ser um procedimento ilegal, não é muito comum encontrar médicos no SUS que saibam lidar com o silicone líquido penetrado na pele, tecidos, gordura e músculos. A remoção é bastante difícil e apenas parcial. Como o silicone industrial não é envolvido por uma membrana resistente, como no caso das próteses, se espalha pelo corpo. Quando é necessária sua remoção, na maioria das vezes é preciso retirar também partes do tecido muscular, o que gera grandes cicatrizes.

Bárbara saíra do hospital, mais uma vez, decepcionada ao mesmo tempo em que confiante. Essa consulta fora diferente. Ela acreditava, muito pela simpatia do médico, que da próxima vez sairia de lá com a solução. Na pior das hipóteses, teria uma direção a seguir e requerimentos para fazer o que quer que fosse preciso. Temia ter de amputar as pernas. Temia morrer. Bárbara tinha pressa e cada dia de espera lhe parecia passar mais devagar. Depois dessa consulta, gravara um novo vídeo para agradecer a ajuda e reiterar que não conseguia médicos pelo SUS para realizar os procedimentos dos quais necessitava.

Dessa vez, porém, Bárbara estava mais feliz. Ficara extremamente surpresa com a ajuda que recebera através de seus vídeos e acreditava que, finalmente, aquele médico poderia lhe dizer o que fazer.

Ao final de abril, sentada no sofá antigo e escuro de três poltronas, em frente ao fogão e à porta da casa, depois de ter passado por várias consultas médicas, Bárbara olha para suas pernas bastante desinchadas se comparadas ao dia em que divulgara o vídeo na internet, dois meses antes. Ela se agarra a esperanças de melhora e está certa de que Deus há de tirá-la dessa. Sem identificar-se com nenhuma religião específica, Bárbara expressa uma fé muito grande em todos os momentos. Seus perfis em redes sociais estampam diversas imagens com provérbios e salmos da Bíblia e mensagens como “Deus me sustenta”, “Deus abre portas onde não há saídas” e “O milagre de Deus vai acontecer na tua vida”. Quase todos os textos que escreve se referem em algum momento a Deus. Bárbara se mantém confiante através da crença de que Deus não irá deixá-la sem amparo. Há algum tempo, ela enfrenta um quadro clínico de depressão, e se apegua à fé para levantar da cama todos os dias.

Olhando para as pernas agora um pouco melhores, enquanto espera a próxima consulta, é de Deus que ela lembra. Tem certeza de que é o óleo ungido na igreja “com muita oração” que a está curando. Na igreja ela recebeu todas as indicações do que falar, como passar o óleo e o que orar. “Eu coloco Deus e sei que não vai ter problema. Tá aí o resultado. Se ficar contando pros quatro cantos ninguém acredita.”

No tão esperado “8 de maio”, Bárbara recebeu a notícia de que o médico não conseguira o contato de nenhum outro que poderia realizar a cirurgia necessária. Ela não podia acreditar. Mais uma vez, esperara, ansiosamente, por soluções que não vieram. Saiu do hospital, agora sem qualquer esperança. Era fato:

não teria o que fazer. Chorava copiosamente. Gravou outro vídeo ali mesmo na parte externa do hospital, ainda aos prantos e completamente arrasada.

Como nas outras vezes, o vídeo gerou certa repercussão e algumas transexuais de São Paulo lhe ofereceram ajuda. Elas conhecem um médico de lá que faz os procedimentos dos quais Bárbara necessita. Bárbara viajou, recebeu orientação e constante ajuda. Depois de um mês na capital paulista – gravara inclusive um vídeo sobre o descaso no transporte público –, finalmente, conseguiu sair de um consultório com solicitação de exames pré-operatórios. A espera angustiante, o medo de consequências mais graves e as pernas assustadoramente redondas, porém, ainda continuarão a atormentar os dias de Bárbara. Os exames foram marcados para dali a quatro meses.

4

A FORÇA DO PALCO

*Agora que você tem peito, você é o quê?
Ser humano, amor. Segue sendo.*

Selma Light, em resposta a alguém da plateia, depois de ter colocado próteses de silicone

Uma música um tanto macabra e bastante alta soa no ambiente, parece composta por um único som contínuo que lembra os ruídos de fortes rajadas de vento. As luzes se apagam e acendem sucessivamente, revelando o cenário montado com um pano vermelho ao fundo e duas cortinas amarradas e vermelhas, uma em cada lado do palco. Havia também flores, um pouco à frente dessas cortinas, como que para criar um ambiente de floresta. Três pessoas encontravam-se estáticas no palco. Um homem no canto esquerdo, completamente fantasiado de lata, lembrava um robô e usava saltos plataforma também de lata; um vestido de leão no canto direito e outro com figurino de espantalho em cima de um pequeno banco brilhante, no centro do palco. Estão todos imóveis abaixo dos três globos de festa reluzentes pendurados no teto. Quando a luz acende pela primeira vez, logo antes de ser apagada novamente, ouvem-se gritos animados da plateia que vão diminuindo ao passar dos segundos.

De repente, Dorothy entra perdida, procurando alguém, com seu habitual vestido azul estilo macacão, blusa branca por baixo, meias brancas um pouco acima do tornozelo e sapato de salto vermelho. Para no centro do palco, o mais próximo possível do público, e começa a dublar *Somewhere over the rainbow* de maneira um tanto doce e caricata. Ela parece querer transmitir certa inocência ao mesmo tempo em que o faz um pouco exageradamente. Ao que ela começa a dublagem, lenta e em um estilo bastante infantil, o público grita e aplaude. Dorothy segue cantando, caminha até parar ao lado do espantalho e lhe dá um beijo na bochecha, acompanhado por efeitos sonoros de estalos. O espantalho então acorda e a música muda completamente para outra pop e agitada, ao que o público responde com empolgação, assovios e gritos, sobressaindo-se um “adooooooooooooo!” de alguém de perto do palco.

Assim se sucede com cada uma das personagens, todas

extremamente bem caracterizadas e maquiadas, às quais Dorothy dá vida e com quem dança no centro do cenário. Durante a apresentação surgem mais duas personagens características de *O Mágico de Oz*, a bruxa má, com um vestido preto um pouco acima do joelho e uma vassoura que tem no lugar do cabo um chicote para acompanhar batendo no chão o som de chicotadas da música eletrônica, e a bruxa boa com um vestido longo, branco e dourado, uma enorme peruca loira e um enfeite brilhante e prateado na cabeça.

Ao final da apresentação de danças descontraídas e um pouco caricatas, com um toque de humor, bruxa boa, bruxa má e Dorothy ficam uma ao lado da outra ao fundo do palco, arrancam as perucas e começam a dançar. Selma Light, vestida de Dorothy, é a primeira a ir para frente se apresentar caracteristicamente como uma *drag queen*. Dubla a música e a interpreta como se fosse a cantora, mexendo mais os braços que o quadril e as pernas, que se movem em passos simples e na eterna postura “diva”, fazendo “carão” e poses de quem se liberta em cima de um palco, sabe que é a mulher mais poderosa do mundo e, ao mesmo tempo, faz de tudo isso uma certa caricatura. Ao que Selma chega na beira do palco e “bate cabelo”, como elas chamam o movimento de abaixar e subir a cabeça muito rapidamente, fazendo o cabelo comprido descer e subir, o público aplaude. Ela volta para o fundo e as três ficam paradas, todas com a mão na cintura e fazendo poses de “poderosas”. Então, Aguilera Top, a *drag* que interpretara a bruxa má, caminha para frente.

Aguillera vai à beira do palco com passos rápidos, firmes e confiantes, com a mão direita balançando para cima, pedindo aplausos e gritos mais altos, e a mão esquerda na cintura. Ao som dos gritos ensurdecedores da plateia, que atende ao seu pedido, ela dança, novamente mais com os braços e expressões faciais, balança o cabelo, caminha decidida e volta para o fundo do palco.

Antes de chegar ao seu lugar, para em frente à *drag* que fez a bruxa boa e “bate cabelo” na sua frente, abaixando e levantando a cabeça e fazendo o cabelo bater em seu rosto. Dá dois passos para o lado e “bate cabelo” no rosto de Selma Light, que vira a cabeça. É uma postura típica de quando as *drags* estão se desafiando. O público aplaude e grita. A *drag* bruxa boa antes de sair dá um passo discreto para o lado e “bate o cabelo” de costas no rosto de Aguilera, sem olhar para ela. O público ovaciona.

Entram depois as outras três personagens, que também dançam separadamente e em conjunto, todas no estilo de mexer mais os braços que o resto do corpo e dedicar-se muito à expressão facial. No ponto alto da música eletrônica que agora toca, as *drags* “batem cabelo” da forma mais clássica: ao som de música com batidas rápidas viram o pescoço para frente, para trás, para um lado e para o outro de forma extremamente rápida, fazendo com que o cabelo gire e se levante em uma velocidade quase impossível de acompanhar. Selma Light “bate cabelo” tão rápida e bruscamente que deixa o espectador mais desacostumado apreensivo na torcida para que seu pescoço não quebre e incrédulo com sua capacidade de sair caminhando firme, sem sequer cambalear, sobre altos saltos logo após ter girado tão loucamente a cabeça.

Nesse mesmo palco onde interpretava Dorothy para comemorar os 16 anos que a boate Mix Café completava naquele novembro de 2013, Selma Bastos Light começou sua carreira e foi através dele que se conheceu e reconheceu uma mulher transexual e *drag queen*. Alta, de cabelos lisos, compridos e loiros com raízes pretas, e olhos de um verde muito claro e chamativo, subiu ao palco como uma *drag* caricata e piadista pela primeira vez aos 26 anos, em um concurso do Mix Café de 2000. Desde então, sua capacidade em aproveitar oportunidades, encontrar nichos de mercado e preenchê-los e a aparente espontaneidade

ao falar em um microfone a ajudaram a alavancar seu nome e uma carreira artística em Santa Catarina e no Brasil. Além dos shows como *drag queen*, Selma Light apresentou programas de rádio e televisão; participou de Paradas da Diversidade em diferentes cidades; criou músicas que lhe renderam fama e viagens por todo o país; lançou uma linha de calcinhas que prometem “esconder tudo como se fosse operada” ao mesmo tempo em que apresentam estampas e costura sensuais e delicadas; e atualmente trabalha como voluntária para popularizar a ADEH, Associação em Defesa dos Direitos Humanos, voltada principalmente para atender a travestis e transexuais.

Selma era a *hostess* do Mix Café, como chamam as *drags* fixas de uma boate, que trabalham para entreter os clientes e fazer com que eles queiram voltar na próxima semana. Todas as sextas e domingos chegava ao local por volta das 22h30 e entrava no camarim para começar sua produção. Arrumava o cabelo, passava a maquiagem habitual, um pouco carregada, mas que não costumava ser como o modelo das *drags* muito caricatas, esforçava-se para esconder com bases e *blush* a cicatriz redonda e um pouco funda acima da sobrancelha esquerda, vestia a roupa do dia, que variava muito – um maiô com uma mini saia ou mini *shorts* e meia calça, vestidos, roupas mais curtas e sensuais, roupas mais compridas e luxuosas – e entrava novamente na pista de dança, agora como a Selma personagem.

Pouco depois das 23h ia para a porta, abria a boate e esperava as pessoas chegarem, o que costumava acontecer a partir da meia-noite. O Mix Café era uma casa de dois andares bastante alta, de azulejos simples que imitam paredes de tijolinhos à vista e uma porta larga também alta que reforça a impressão de lugar antigo e bem-cuidado. A não ser pela altura ou pela longa fila em algumas madrugadas, a casa não chamava muito a atenção de quem passava pela Rua Menino Deus, no centro de Florianópolis.

polis.

Conforme se formava a fila na entrada, Selma era a responsável por conferir os nomes nas listas VIP e recepcionar as pessoas. Estar na recepção desde o começo da noite todos os dias em que a casa abria pode parecer tarefa enfadonha para muitos, mas para ela era algo extremamente prazeroso. Selma gosta de ser o foco de todos os olhares e sentir-se detentora de algum poder. O trabalho na boate não poderia ser-lhe mais perfeito, porque mais que permitir, a exigia isso. Ela precisava chamar a atenção de todos de maneira positiva, bem-humorada e agradável. O pequeno poder de ter uma lista na mão e dizer quem pode e quem não pode entrar já a seduzia. Ela também se deleitava em receber as pessoas, contar piadas, criar naqueles poucos minutos a impressão de intimidade. Quem passava direto se sentia importante, afinal, ela já havia decorado seu nome e o encontrado na lista. Com os que tentavam entrar sem estarem na lista ou comprarem ingresso, ela adotava seu característico tom despojado de quem dá a entender que fala o que lhe vier à cabeça. “Genteeee, que coragem! A pessoa sai de casa sem dinheiro acreditando que vai passar! Meu amor, eu sei que você tá me chamando de linda só porque quer VIP, meu bem, não precisa não!”.

E na frente daquela grande porta marrom clara ela ficava até mais ou menos duas da manhã, quando entrava na boate e começava a puxar conversa com as pessoas e tentar fazer com que se sentissem à vontade. Quando finalmente Selma Light subia ao palco, pegava o microfone e começava a comandar as apresentações da noite, muita gente ali já sabia quem ela era e se sentia familiarizado com sua figura.

Selma atuava como se apresentasse um programa ao vivo e com auditório. Anunciava as apresentações da noite e, ao final de cada uma delas, chamava as *drags* para perguntar algo, tirar sarro e segurar a atenção do público. Nos dias de carnaval as

festas ficavam apinhadas de gente e iam até às oito da manhã. Exigiam de Selma animação, fôlego e criatividade contínuos.

– Aguillera Toooooop, cadê meus aplausooooos?, surge ela no centro do palco, com a voz habitualmente clara e firme ao final de uma das apresentações de carnaval em 2012, na qual Aguillera Top, uma das *drags* que mais shows fazia no Mix Café, dublara e interpretara Katy Perry.

O vestido estampado branco e azul, colado estilo tubinho, deixava à mostra seu tronco largo, as coxas não muito grossas e as canelas bastante brancas e finas. Seus lábios compridos se abrem em grandes sorrisos que de alguma forma parecem quadrados, talvez pelo formato de sua boca, talvez pelo rosto que a emoldura ser também um tanto quadrado. Ela segura na mão de Aguillera e continua, para o público que se espremia em um corredor comprido, estreito e muito iluminado, no segundo piso:

– Gata, acabou de chegar do carnaval do Estreito, parando tudo, né, Aguillera? E aí, soltou seus *Fireworks* (música que acabara de dublar) por lá?

Aguillera pega o microfone:

– Boa noite a todos vocês!

Ao que o público responde com uns poucos “boa noite” e outros gritos de “gostosa!”

– Vou falar de novo porque eu preciso de um cachê, não tô no caixa hoje e nem caixa dois eu posso fazer! Vamos de novo que o dono da boate está aqui e eu preciso de 300 reais de cachê!

– MENTIRAAAA!, grita Selma, rindo.

– Boa noite!, tenta Aguillera novamente, ao que o público responde um pouco mais alto. Ela olha para o dono da casa e de volta para a plateia.

– Se vocês fizerem mais forte, eu ganho mais duzentos. Gente é a minha teta, por favor, vamo ajudar! Boa noite!, e a plateia, dessa vez, responde alto e com vários gritos.

As duas no palco riem, Aguilera abre um largo sorriso que evidencia a boca grande, os dentes perfeitos e o lábio inferior grosso que compensa o superior, quase invisível. Olha para o dono da boate como quem partilha uma piada e diz, adotando agora alguma seriedade:

– Gente, boa noite a todos. É um prazer imenso estar aqui...

Selma tenta tirar o microfone de Aguilera. Ficara tempo demais sem o comando do público.

– Dá licença!, responde Aguilera, enquanto dá uns dois passos para frente de Selma e continua:

– É um prazer imenso estar aqui com vocês, hoje não lá embaixo no caixa. Mas terça-feira eu tô de volta, obrigada pelo carinho. Eu quero agradecer às minhas amigas, ao público em geral. Valeu, daqui a pouco a gente ferve junto na pista!, devolve o microfone para a *hostess* rapidamente, sem sequer olhá-la, e se vira para sair do palco.

– Arrasou, Aguilera Top! Carnaval tá só começando, meu amor! Só vou avisar vocês que o Mix Café não fecha. Enquanto tem por aí uma tal de quarta-feira de cinzas, pra nós é quarta-feira de fervo, de bafo, de confusão! Dia de beijar na boca! Já beijaram na boca hoje?, o público responde com vários gritos.

– Não beijaram? Mão pra cima e energia positiva que Nossa Senhora do Caralho abençoa vocês! Amém!, diz, entre uma gostosa e contida gargalhada de quem sabe que pode ter falado algo polêmico demais e uma olhadela para o dono da boate.

Depois de apresentar as performances e falar durante quase a noite inteira, ela voltava para a pista de dança, tirava foto com as pessoas, conversava e se despedia dos clientes na porta, muitas vezes saindo com eles e fechando a casa, geralmente um pouco depois das cinco da manhã. Tudo isso lhe era extremamente gratificante. Selma adorava o Mix Café. Ali se sentia

completamente poderosa e à vontade.

Além do seu trabalho na boate, Selma Light é frequentemente contratada para fazer shows e apresentar programas e concursos em diversas cidades. Ela comanda as apresentações do Pop Gay, tradicional concurso do carnaval na Ilha que elege as *drags* mais bonitas e elegantes da noite, esteve à frente da organização das oito Paradas da Diversidade e era integrante do grupo fundador da Parada da Diversidade de Florianópolis, em 2006, com o principal objetivo de dar visibilidade à comunidade LGBT da capital. Ela organizara até 2013 a Semana da Diversidade na Casa Rosa, uma das construções mais antigas da cidade, de 1771, atualmente em restauração. Lá ocorriam palestras, seminários, eventos e todas as ONGs relacionadas a direitos LGBT se reuniam por uma semana. Em 2014 Selma se afastou da organização do evento devido a desentendimentos políticos e dificuldade em obter financiamento público. Foi o primeiro ano, desde sua criação, que não houve Parada da Diversidade em Florianópolis.

Em eventos como esses, Selma sente não só o prazer de estar no palco como a responsabilidade que carrega por estar em frente a milhares de pessoas para levar uma mensagem de libertação e respeito. Ela sobe no palco com a consciência de que uma palavra mal escolhida pode prejudicar toda a classe LGBT e sua imagem perante ao público. Essa responsabilidade a motiva e seduz ainda mais. Com o microfone na mão, na presença de milhares, por vezes milhões de pessoas, ela se sente mais poderosa. Naquele momento, pode falar o que quiser, com a intenção que quiser. Naquele momento, tem a atenção de todas as pessoas que param para ver e ouvi-la. Naquele momento, ela é a Selma Light.

Era isso que ela sentia durante seu show no carnaval 2015 de São José, enquanto dublava músicas que iam de Ivete Sangalo a Ludmilla, dançava e caminhava pelo grande palco montado com uma passarela e cheio de luzes a se movimentarem

e mudarem de cor o tempo todo. Selma trocou de roupa três vezes e, na maior parte do show, usara um maiô branco com decote em formato de “v” que terminava entre nos seios, com as bordas enfeitadas com muitas pedras brilhantes de diferentes tamanhos. A alça direita tinha uma grande borboleta branca desenhada e do decote surgiam enormes franjas, também brancas, que terminavam pouco acima de seu joelho. Selma era acompanhada por dois jovens dançarinos com camiseta regata e bermuda brancas e chapéu de um preto brilhante que reluzia à noite. Por vezes, geralmente no refrão, ela dançava os passos junto com os rapazes, mostrando que ensaiara uma coreografia. Por muitas vezes também, apontava o microfone com a mão esticada na direção do público, exatamente como se fosse a cantora.

Quem vê de longe aquela mulher caminhar decidida em cima do palco, apresentar quadros irreverentes através das telas de televisão, sua atitude aparentemente espontânea e autêntica nas festas ou ouve sua voz calma e segura através das ondas de rádio, dificilmente imagina a insegurança e constante necessidade de aprovação que se esconde atrás de todo seu poder.

Nascida em Santa Vitória do Palmar, uma pequena cidade no extremo sul do Rio Grande do Sul, logo acima do Chuí, Selma fora criada em uma família gaúcha tradicional como um menino do campo. Seu pai trabalhara a vida inteira em lavouras de arroz e sua mãe sempre cuidara da casa e dos filhos. A primeira vez em que ela sentiu mais diretamente o peso de transcender os limites rígidos das normas de gênero e sexualidade foi quando lhe perguntaram de quem ela gostava na escola e ela, ingenuamente, respondera que era de um garoto. Disseram-lhe que ela só podia gostar de garotas, e ela até tentava, mas como acontecia com muitas outras coisas, não conseguia entender o porquê. A família passou a controlá-la de maneira mais rígida: não pode brincar com bonecas, não pode sentar assim, não pode brincar

com meninas, tinha de andar a cavalo, tinha de aprender a tirar leite de vaca, tinha de ir com os primos marcar o gado, ainda que quisesse ficar com as tias e ajudá-las na cozinha. Tornou-se uma criança quieta e isolada. Aos oito anos, Selma ainda não tinha se conformado com as regras que a ditavam e gostava de rapazes. Restou-lhe uma surra e, como usual, consultas psicológicas.

Durante a adolescência começou a impor-se e aproveitou a moda sertaneja do início dos anos 90 para usar calças justas que customizava com tecido de onça, blusas coladas que cortava a partir de camisetas largas e a deixar o cabelo comprido. Na escola os colegas tiravam sarro, mas ela agora tinha começado a conquistar seu lugar e aprendido a ignorá-los. Era amiga de muitas meninas, extremamente comunicativa e ajudava a organizar os eventos escolares. Transformou uma festa tradicional da escola em que as crianças tinham de vestir trajes típicos e dançar músicas gaúchas em um grupo de dança para apresentar Madonna. Ainda assim, ela tentava suprimir os sentimentos por garotos e acreditava que quando completasse 18 anos essa fase estranha haveria de passar, ela finalmente iria gostar de mulheres, casar e ter filhos.

Selma também participava do grupo de teatro da cidade e sentia enorme prazer em atuar. Quando tinha mais ou menos 18 anos, o professor do grupo pediu aos alunos que encarassem a si mesmos no espelho, olhassem nos próprios olhos e dissessem o que mais lhes machucava. Selma encarou seu reflexo no vidro do espelho, disse várias coisas e nenhuma delas a atingira. Sabia que não estava sendo sincera. Até que se olhou e disse “eu sou homossexual”. Aquela constatação a fez chorar durante uma semana. Selma sentiu o peso de um rótulo que lhe era extremamente doloroso. Não gostava de se ver assim, de acreditar-se assim. Ainda não conhecia as identidades trans nem imaginava que poderia ser transexual.

Ao revelar em voz alta para si mesma o que sentia há

muitos anos, passou a se consternar com a situação. Não sabia como dizê-lo para seus pais e colegas e decidiu manter esse segredo que gerava sofrimento redobrado a cada ano. Temia a negação dos familiares e amigos. Precisava esconder-se. Sentia uma necessidade enorme de sair daquela casa, afastar-se da família, daquelas pessoas, daquela cidade.

Até que o grupo de teatro de Pelotas a viu atuando e quis contratá-la para trabalhar com crianças e adolescentes de segunda a sexta-feira. Selma saiu da sua cidade, mas o receio de revelar-se a acompanhou. Era recorrente ouvir entre os rapazes do grupo que “viado aqui não fica” e outros comentários que diminuíam quem eles tachavam de “bichinha”. Ela dependia financeiramente do teatro e aquilo bastou para que desconsiderasse completamente dizer qualquer coisa relacionada à sua sexualidade.

Em uma das viagens a trabalho com o grupo, Selma foi à Florianópolis e conheceu outra escola de teatro em que havia vários rapazes assumidamente gays. O grupo de Selma foi convidado para uma festa e chegando lá, ela viu que todos se divertiam e se beijavam. Agarrou um menino e o beijou. A festa parou. “Eu sou gay, sim! Gosto de meninos, sim! E continuo sendo um excelente profissional, trabalho muito bem e vocês hoje dependem do meu trabalho para o grupo sobreviver. Temos três espetáculos e eu sou o principal dos três. Meu caráter não vai mudar.” As palavras assustaram seus colegas, que permaneceram em silêncio. Para Selma, foi a primeira de suas libertações.

Depois de um tempo, o grupo acabou e Selma decidiu ficar na capital catarinense, onde conseguira ser mais livre e podia viver sem tanto receio, longe dos pais, familiares e antigos amigos. Com o fim do grupo de teatro, Selma perdera o que mais gostava de fazer. Não via mais sentido em nada. Ficara um ano sem atuar e nesse tempo trabalhou em uma videolocadora, em um bar e em uma sauna gay. Esse período de dificuldades

financeiras e no qual conheceu novas realidades fora imprescindível para que Selma amadurecesse. Ela não gostava de travestis, de gays afeminados, de lésbicas, de *drag queens*, de prostitutas. Quando ficou sozinha na cidade, uma garota de programa a ajudou. Quando foi conhecer pela primeira vez uma boate gay, meninos que ela considerava “afeminados demais” a levaram e foram receptivos com ela. Quando estava com dificuldades financeiras, conseguiu emprego em uma sauna gay.

Selma alugou um apartamento que dividia com o dono da sauna e um dos sócios da boate gay Mix Café. Começou a namorar um rapaz que era *drag queen* e fazia shows nessa casa, o que ela considerava terrível. No seu aniversário de 26 anos, ele e os amigos foram ao seu apartamento e tiveram a ideia de “montá-la” como uma *drag queen*. “Colocar um vestido? Nunca!”, respondeu. Fora tomada pelo medo. Não queria correr o risco de gostar-se assim. Não queria admitir que poderia gostar-se assim.

Enfim, os amigos a convenceram. Vestiram-na com uma blusa justa, uma saia, sapatos de salto e a maquiaram. Selma se olhou no espelho e não quis mais tirar aquelas roupas. No que se viu vestida como uma *drag* começou a contar piadas e a interpretar uma caricatura para talvez aliviar a tensão que sentia e evitar olhares desaprovadores. Seu companheiro de apartamento a viu e disse:

- Nossa, você é ótima! Tem que ir pra boate fazer show!
- Eu? Nunca!
- A *drag* residente da casa tá saindo, você podia assumir o lugar dela. Não quer participar do nosso concurso?
- Nunca!
- A vencedora ganha 300 reais...
- Quero!

Na noite do concurso, Selma Light e seu namorado foram apresentar seus shows. Ela vestiu uma roupa de girassol que

hoje chama de “horrorosa” e subiu ao palco, sem saber se vestir, se maquiar, andar com sapatos de salto, dublar ou fazer qualquer performance *drag*. Resolveu apostar no que fazia melhor: texto e interpretação. Quando a *drag* residente lhe deu o microfone para que ela se apresentasse, começou a fazer piadas: “Sou Selma Light, carne branca e nutritiva, pode comer que não engorda.” Falou por muitos minutos aos quais a plateia respondia com risos e aplausos. Como a votação do concurso era por aplausos, Selma ganhara. Ficaria por uns três meses para conseguir uma boa grana e depois deixaria o emprego.

Em pouco tempo, o gosto pelo palco vencera seus preconceitos e ela não queria mais sair dali. Aquele trabalho supria a necessidade de apresentar-se que tanto a tinha angustiado no último ano longe do teatro. Selma começou ganhando 30 reais por noite e trabalhava duas noites por semana, sexta e domingo. Em pouco mais de um ano como *hostess* do Mix Café, gravou músicas eletrônicas com os bordões que falava no palco. As músicas começaram a tocar cada vez mais em festas do meio LGBT e ela passou a ser chamada para fazer shows em diversos estados do Brasil.

Mas Selma ainda escondia sua vida dos pais e vestia-se como um rapaz durante o dia. Muitos de seus amigos se afastaram dela. As *drags* eram loucas, vadias, bêbadas. Ela dizia para si mesma que Selma Light era apenas uma personagem com a qual ganhava dinheiro.

Depois de algum tempo e muitas viagens, foi convidada pela emissora de televisão RedeTV! para apresentar um quadro em um programa aos sábados e tentar bater a audiência do programa “Patrôla” na RBS, afiliada da Rede Globo. Ela aceitou e foi tornando-se cada vez mais conhecida, principalmente em Florianópolis. Quanto mais suas músicas tocavam nas boates e seu rosto aparecia na televisão, mais o estigma que sentia por ser

drag queen diminuía. Colocar uma *drag* para falar na televisão sábados à tarde era uma proposta um tanto ousada à época, mas que alavancou sua carreira e, ela acredita, reduziu o preconceito que se tinha, principalmente na cidade, com as *drags*. Mais ou menos dez meses depois o quadro acabou, mas sua carreira tinha apenas começado. Não demorou muito para que outro programa a chamasse.

Como desculpa para facilitar seus trabalhos, que eram sempre como Selma Light, passou a tomar hormônios para dar volume aos seios. Depois decidiu tirar a sobancelha. Mais algum tempo, sempre para melhorar sua personagem, deixou o cabelo crescer. Aos poucos ela viu seu corpo e trejeitos mudarem e teve de admitir que queria e adorava tudo aquilo. Selma não mais se esconderia atrás de Selma Light.

Ainda depois de todas as modificações corporais, lhe era difícil aceitar que poderia afirmar-se mulher quando não estivesse interpretando Selma Light. Começara a travestir-se de homem: amarrava os seios com faixas, escondia os cabelos longos dentro de bonés, usava largos óculos escuros para cobrir o rosto, calças largas para esconder o efeito dos hormônios no quadril e glúteos e grandes camisetas para ter a certeza de estar escondendo os seios. Selma também se afastara dos familiares. Não conseguia sequer imaginar como poderia visitá-los com a aparência feminina.

No meio de uma tarde, ela recebeu uma ligação inesperada de sua irmã: “Minha mãe está preocupada com você. Você não liga, não dá notícias. Conte pra ela que você é gay, se veste de mulher e trabalha em uma boate à noite”. Aquilo a atingira como um soco no estômago. A desaprovação dos pais era o que ela mais temera durante todo esse tempo. Estava certa de que iria decepcioná-los. Tarde demais. Eles sabiam e ela tinha de explicar-se.

Sentou na cama, nocauteada. “Segura a minha mão que eu não tô legal. Vou ligar para minha mãe”, disse ao namorado

da época, que a via como uma mulher. Pegou o telefone e, desesperada, ligou para os pais.

– Mãe? O que minha irmã contou pra vocês?

– Que você é gay. Que você se veste de mulher e trabalha numa boate. Muito triste.

– Vocês pensam que eu tô me prostituindo!

– Não estamos pensando nada.

– Estão sim! Deixa eu explicar meu trabalho. Você sabe o que é uma *drag queen*?

– Não.

– Eu sou igual à Nany People, do programa da Hebe. Faço um trabalho como o dela, faço shows em uma boate, apresento um quadro em um programa de televisão.

– Ahhhh...agora nós estamos começando a entender.

– As pessoas aqui me aceitam de uma forma muito legal. Eu viajo o Brasil inteiro e represento a classe gay em Santa Catarina. Muitas pessoas gostam de mim e me aplaudem. Mas se vocês dois não aplaudirem, para mim, nada do que eu fiz vai ter valido a pena.

– Olha, nós te amamos. Se você tá trabalhando e ganhando seu salário honestamente, a gente te respeita. Nós te amamos da mesma forma, mas com a diferença de que agora sabemos quem você é.

Depois de duas horas no telefone, um novo mundo se abriu para Selma. Agora sentia como se não precisasse esconder mais nada de ninguém. O sentimento, no entanto, não durara muito. Ainda receava sair à rua como gostava de se ver no espelho. Algum tempo depois, convidou seus pais para morarem com ela e isso bastou para que voltasse a se esconder atrás de faixas, bonés e roupas largas. Tinha lhes dito que Selma Light era sua forma de sobreviver financeiramente. Eles sabiam que ela era uma *drag queen*, mas achavam que ela era gay, não imaginavam

que fosse uma mulher transexual. Estava insegura e infelizmente, certa de que os faria sofrer. Assim como enfrentara barreiras internas e externas para assumir-se gay, depois para assumir-se *drag*, agora Selma as enfrentava para assumir-se transexual. A rejeição dos pais a apavorava. Uma possível rejeição do público a aterrorizava. Temia também perder o emprego no Mix Café. “Como travesti você vai fazer o quê? Vai se prostituir? Travesti não pode trabalhar na boate. Travesti assusta as pessoas”, ouvira do dono da casa.

Depois de Selma ter dublado e cantado várias músicas no show do Pop Gay 2015, um homem jovem, de calça *jeans* justa e blusa também justa, entra no palco. Ele segura um microfone nas mãos e diz: “Estou aqui por um motivo especial. Selma, hoje Florianópolis te agradece por esses 13 anos em frente ao Pop Gay”. Ela olha para ele e para o público com aquele sorriso que desponta de súbito, a cabeça se curva ligeiramente para trás para logo em seguida fazer um sinal de não, também muito rápido. Ela coloca a mão no coração, depois em frente à boca e novamente no coração, tudo como quem diz “ah gente, não precisava”, postura bastante típica de quando pessoas sob os holofotes se veem tendo que reagir a alguma surpresa. “Eu quero aplauso e muito grito pra ela!”, diz o rapaz, ao que o público responde com fervor.

Ela começa a passar a mão no cabelo e a colocá-lo para cima e para trás, o que faz com grande frequência durante o show. “Eu sempre disse isso e te digo: você é a maior representação do respeito, do profissional e do carinho. Você leva Floripa pro Brasil e pro mundo. Pra quem não sabe, a música dessa gata aqui já tocou em vários países! E hoje, Selma, a gente tem uma singela homenagem pra você: te parabenizar por esses 13 anos de Pop Gay”, continua o rapaz. Enquanto diz isso, entra outro homem com um vaso de flores em uma mão e um envelope preto em outra. Selma repete a reação anterior, mas agora de fato diz um

“aaaaah, genteee! Não faz isso!”, no microfone, enquanto vai ao encontro dele pegar o vaso. “Amores...”, para quando percebe que o rapaz ao seu lado está pegando o envelope preto e tira uma folha de dentro. Ele lê, e é uma mensagem curta de “Floripa” para Selma, que diz que “com seu jeito especial, sua simpatia e seu carinho, você nos conquistou” e a descreve como uma “companhia muito agradável”. Quando ele termina, o público começa a gritar e aplaudir. Selma rapidamente, e bastante séria, levanta o braço direito para cima e segura o vaso na frente de um dos bailarinos. Demorando-se um pouco mais que o esperado, o rapaz percebe a intenção do gesto e segura o vaso. Ainda séria, anda até à beira do palco, faz uma reverência com os dois braços para cima e ajoelha, encostando a cabeça no palco, como quem beija o chão.

Essa mulher hoje homenageada no carnaval, oito anos antes ainda começava, insegura, mais uma libertação. Em uma tarde de verão, uma amiga a ligou: “Selma, tô passando por muitos problemas em casa. Vamos dar uma volta na beira-mar? Mas não vai com aquela roupa estranha porque eu não consigo conversar com aquela pessoa. Eu gosto da Selma, minha amiga é a Selma. Loira, de cabelo comprido e vestido”. Ela decidira aproveitar aquele momento para, de uma vez por todas, libertar-se. Reuniu toda a coragem que possuía, vestiu uma saia, uma blusa mais justa, escovou os longos cabelos, passou *blush*, calçou uma sandália e desceu. Passou em frente aos pais, que a olharam assustados. Seu pai paralisou. Ela só conseguiu dizer “vou sair com uma amiga. Vamos dar uma volta e vou trazer ela pra tomar café”. Apavorada por dentro, conseguira falar com a habitual segurança e serenidade. Selma é do tipo que responde olhando profundamente nos olhos se percebe que seu ouvinte começara esse jogo

As duas passearam, foram para a casa de Selma, tomaram café com os pais dela, ficaram horas conversando. Quando sua amiga foi embora, ela aproveitou para sair junto e ir para o

quarto. Menos de um minuto depois, sua mãe bate na porta. Pronto, pensou. Agora vou ouvir. Previa frases como “Por que você fez isso com seu pai?”.

– Por que você se veste de homem, daquele jeito tão horrível durante o dia?

– Porque eu não quero agredir o pai.

– Você não é aquele homem que eu vejo, você é essa mulher que tomou café comigo hoje. Se o seu pai te ama, vai ter que entender. Vamos fazer assim, vamos jogar essas suas roupas no lixo e eu vou sair com você e nós vamos comprar roupas novas.

– Se você compra essa briga comigo, eu encaro. Senão, não.

– Eu só quero uma coisa: se você vai se identificar como mulher, que seja uma mulher digna. Eu não quero filha prostituta, piriguete, que vai andar por aí com peito e bunda de fora. Porque eu não vou sentir vergonha por você ser travesti, vou sentir vergonha por você ser puta.

Selma engolira em seco. Trabalhar como prostituta era algo do qual definitivamente não queria precisar. Como apresentadora, *hostess* de uma boate e cantora, essa realidade estava distante, ainda que a assombrasse. Selma era uma das poucas privilegiadas no mundo das travestis e transexuais. Fazia parte das pouco mais de 5% que trabalham com carteira assinada ¹. Só passara a se dizer mulher transexual depois de anos de carreira consolidada, e ainda assim isso lhe fora extremamente difícil. Engoliu as palavras da mãe, que pesaram como todas as outras discriminações que haviam limitado sua vida. Estava ali escancarada mais uma coisa que ela não podia ser. Mas Selma tinha outras saídas. Conseguia sobreviver através de uma personagem que lhe garantiria muitas conquistas antes que o estigma “travesti” caísse sobre ela. Nunca precisara apresentar-se como uma travesti em entrevistas de emprego. Sempre era a *drag* Selma Light e assim

¹ De acordo com dados do projeto TRANSpondo Barreiras, que entrevistou 663 travestis e mulheres transexuais de 35 municípios brasileiros.

conquistou o mundo antes de arriscar qualquer outra ousadia.

No dia seguinte, saiu de casa vestida como lhe agradava e foi comprar roupas com a mãe. Daquele momento em diante, finalmente pudera ser livre, espontânea e parara de sentir vergonha de si própria. Fora da personagem Selma Light, era retraída e evitava circular em vários ambientes. Depois desse dia, começara a conquistar mais espaços. Hoje anda de cabeça erguida e com orgulho de si em qualquer lugar e a qualquer hora.

Tempos depois, fora convidada para apresentar um programa na emissora de rádio Jovem Pan, na qual trabalhou por cinco anos no horário nobre, das 20h às 22h, e não para falar do mundo LGBT, mas de moda e diversos outros assuntos. Em 2013, foi à sede da Band em Florianópolis para propor um quadro sobre baladas. A produtora não aceitou o projeto de Selma, mas a convidou para apresentar um programa. Fora um choque. Ao primeiro momento não conseguiu sequer reagir. Jamais esperara ser convidada para apresentar um programa na emissora. “Que projeto é?”, perguntou, incrédula. A produtora abriu a gaveta de sua mesa e tirou de lá um projeto pronto. Um programa que fale para a classe LGBT e para suas famílias. Selma prontamente recusou.

Ela tinha medo de falar para as famílias. Temia a rejeição. Se via recebendo grandes quantidades de críticas que abalariam a confiança que tinha em seu trabalho. Não estava preparada. Disse que poderia topa apresentar um quadro dentro de um programa para primeiro ganhar experiência e conseguir medir sua aceitação. A produtora concordou e, dois meses depois, ligou para Selma com a proposta do quadro “Lado Averso”, que ela apresenta ainda hoje dentro do programa “Olhares”, no início da tarde, duas vezes por semana. O intuito do quadro manteve o do programa: mostrar a vida e a luta de gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, entre outras identidades de gênero e

sexualidades. Selma, novamente, se surpreendera com o tema e o horário. Pensara em recusar, mas optou por apresentar o quadro com uma condição: se fosse insultada pelos telespectadores iria embora. Começara o projeto apavorada. Perguntou pelo índice de rejeição por duas vezes durante esses dois anos. Como a resposta lhe agradara, sentiu-se segura para continuar.

Ainda que todas as pessoas a chamem de Selma e ela tenha o nome tatuado em letra cursiva, preta e bastante forte logo abaixo do pulso, na lateral externa do braço direito, sua mãe demorou a chamar-lhe Selma. O pai insistia: “O nome que está na identidade é Aurélio, então vou chamar de Aurélio”. Ao que ela respondia: “Mas a minha cara não é de Aurélio”. Argumento insuficiente para convencê-lo.

Quando Selma completou 40 anos, em junho de 2014, fez uma enorme comemoração no Mix Café, com direito a *flyer* da boate anunciando sua festa. Em certo momento da noite, seus amigos projetaram um vídeo que tinham feito em sua homenagem. O pai era um dos entrevistados. Para a surpresa de Selma, em uma aparição tímida em que ele falara baixo, desconfortável e desajeitadamente durante apenas cinco segundos, disse, depois da mãe: “Da mesma forma eu, como pai, desejo toda a felicidade do mundo pra essa filha que é tudo pra nós”. Ele a chamou de “filha”. Jamais tinha dito a palavra “filha” para referir-se a ela. Ao ver isso, Selma chorara, um pouco antes de começar a se controlar por estar em cima do palco do Mix Café.

Até ano passado, ela tinha de entrar em casa e passar todos os dias por um porta-retrato na sala com uma foto sua aos 20 anos. Um dia chegou sem muita paciência e disse: “Não aguento mais olhar para a cara desse homem que eu não conheço!”. A mãe, espantada, perguntara: “Como não conhece?”. “Conhecia antes, faz anos que eu não vejo nem quero ver a cara dele! Essa cara me incomoda, é a cara de um falecido. Como pode ter fa-

lecido na sala, criatura?”. Dias depois se deparou com o mesmo porta-retrato, agora com uma foto sua em um show no Pop Gay.

Selma comandara as noites do Mix Café por 14 anos. Durante todo esse tempo foi “a diva” da boate, seu rosto estampava o centro de grande parte dos *flyers* e seu nome aparecia em quase todos. Tornara-se conhecida como “a Selma do Mix Café”. Naquelas noites era a dona do mundo, quem detinha o microfone e os olhares. Ali fez muitas amizades, tornou-se conhecida, era bem recebida.

Mas a vida como *drag* envolve também batalhas de ego, comuns entre pessoas que disputam a atenção do público. As brigas eram constantes e bastava uma pequena faísca para iniciar uma guerra dentro do camarim. “Meu *flyer* é melhor que o seu”, dizia uma. “Eu tenho o melhor show”, provocava outra. “Minha roupa é mais bonita que a sua”, desafiava alguém. “Eu sou mais aplaudida”, afirmava outra. Disputavam também músicas e personagens. Não podiam usar uma roupa ou fazer um personagem que outra já fizera. Aceitavam fazer shows em conjunto muitas vezes depois de discussões sobre quem entraria primeiro e qual nome sairia no *flyer*. Por vezes subiam ao palco para apresentações em conjunto segundos depois de grandes brigas no camarim. Algumas vezes, os seguranças foram chamados para apartar discussões que chegaram a envolver tapas e grupos de quatro de um lado e quatro de outro. “Era bafo”, define Selma. Algumas *drags* eram mulheres transexuais, outras eram rapazes. Mais um motivo para provocações. “Eu sou artista, coloco peruca, passo três horas me maquiando e chega essas trava aí”, ouvira certa vez.

Quando encostou a cabeça no chão do palco do Pop Gay 2015, sentiu gratidão, orgulho, força para continuar e ao mesmo tempo tristeza pelo aparente fim dos seus shows como *drag*. O programa na Jovem Pan acabara, a Parada que ela tanto estimava e pela qual tanto lutara perdeu o sentido para ela e sequer havia



o Mix Café falira no ano anterior. De súbito, se viu sem a casa pela qual tinha tanto carinho, na qual havia deslançado sua carreira e da qual necessitava. As festas agora eram outras, ninguém mais saía de casa para assistir a shows de *drag queens*. Elas começaram a ficar limitadas à porta da balada e à função de *promoters*. Quando muito, dançam no meio da pista com *gogo boys*. Na época de Selma havia inclusive os concursos “Mix Fama”, que teve cinco edições, elegia as novas *drags* da cidade e durava a noite inteira. O público torcia, se empolgava, votava, gritava. Hoje isso é inimaginável para as boates gays.

E foi durante o “Mix Fama” de 2006 que Patrícia Aguilera, a *drag* Aguilera Top, começou sua carreira ao conquistar o segundo lugar no concurso. Patrícia e Selma têm muito em comum. Ambas são mulheres transexuais que trabalharam como *drags*, ambas fizeram anos de teatro durante a adolescência, ambas consideraram o fim da carreira após o fechamento do Mix Café e ambas amam uma coisa: estar em cima de um palco. Provavelmente por isso, em muitas das vezes em que dividiram o palco, ele lhes parecera pequeno demais para ser repartido. O desconforto ora de uma, ora de outra, ora de ambas, em ter de dividir aplausos e olhares fora muitas vezes perceptível.

Patrícia Aguilera é alta, tem quadril e coxas bastante largos, cabelo liso que passa um pouco dos seios, castanho com raízes pretas. As sobrancelhas também castanhas, finas e bem delineadas começam após uma larga e comprida testa e cobrem os olhos verdes. O nariz é impressionantemente simétrico e parece ter sido cuidadosamente desenhado. É o que se pode chamar de um nariz perfeito. Nem a voz suave e delicada ou os sorrisos simpáticos apaziguam a firmeza da postura e do olhar de Patrícia, que deixam claro: por cima dela ninguém passa. Quem a vê dublando e dançando ao estilo “divas pop”, como Katy Perry e Anitta, usualmente de meia calça, *collant* e saia de franjas soltas,

sempre segura e avassaladora, nunca terá a oportunidade de perceber algumas cicatrizes vermelhas um pouco acima do seu tornozelo. Marcas de quando fora torturada pelo pai.

Atualmente, aos 29 anos, Patrícia trabalha como estagiária no setor de arquivos do Senac e está a um mês de se formar em Arquivologia na UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. Sua mesa de trabalho é tão sóbria quanto as salas que guardam enormes quantidades de arquivos organizadamente reunidos em várias pastas dispostas em várias prateleiras. Muitas folhas e um calendário com algumas anotações são tudo o que há ao lado do computador no qual trabalha. A sala fica em um grande prédio na principal rua do centro de Florianópolis, onde se encontram os mais variados tipos de comércio e pessoas, a Felipe Schmidt. Parece um escritório pequeno com algumas poucas salas até que se possa entrar em uma: são diversas prateleiras, uma atrás da outra, com uma quantidade enorme de documentos. Pouco atraí-tiva, impressiona, porém, por esse efeito de parecer aumentar e conter cada vez mais prateleiras conforme se avança por ela.

Ainda que possa parecer um tanto insólito, Patrícia de fato gosta de lidar com documentos e organizar papeladas, o que a levou a escolher Arquivologia para prestar o vestibular no final de 2010. Quando aprovada, deparou-se com a primeira dificuldade de ser uma transexual na universidade: ninguém havia requerido o uso do nome social, nome que a pessoa escolhe para si para se encaixar à sua identidade de gênero, na UFSC até então.

Ao entrar na universidade no dia da matrícula, ela disse que queria usar seu nome social para todos os documentos e cadastros. Ainda que a UFSC tivesse um projeto sobre o uso do nome social, ele ainda não havia sido implantando e ninguém sabia o que fazer, nem para onde direcioná-la, muito menos o que era o tal nome social. Até que lhe disseram para ir ao DAE, Departamento de Administração Escolar. Habitualmente lotado

de estudantes no início do semestre, Patrícia assustou-se ao entrar lá. Teria de dizer em meio a tantas pessoas porque estava ali e o que queria. Com a identidade na mão, disse ao servidor público:

– Moço, sou aluna nova aqui e queria usar meu nome social.

– Qual teu nome?

– Patrícia, disse, com a identidade na mão.

– Patrícia, um nome tão bonito! Por que é que você quer mudar de nome?

Patrícia, que estava apreensiva, agora ficara ansiosa e tímida. Não queria dizer em voz alta, em meio a tanta gente, o nome masculino que lhe causa tanto constrangimento e que era uma mulher transexual. Olhava ao redor com o desespero de quem sabe que vai ter um segredo revelado em público a qualquer instante.

– Não... eu quero usar meu nome social na universidade, dizia, ainda com a identidade na mão, à mostra.

– Moça, eu não estou entendendo.

Patrícia estava quase aos prantos mostrando sua identidade. Pensou em virar-se e sair dali, esquecer a universidade. Decerto realmente não era o lugar para pessoas como ela. Uma amiga que a acompanhava a convenceu a continuar. Ela teve de fazer exatamente o que tentara evitar até então:

– Olha moço, eu sou uma transexual e estou querendo usar o nome social dentro da universidade. Qual é o procedimento?, perguntou, impaciente.

O silêncio tomara conta da sala até há pouco barulhenta. Patrícia não sabia se corria dali ou se chorava. Antes que pudesse decidir, o servidor respondeu:

– Mas eu não sei como é que você vai fazer isso!

– Se você que trabalha aqui não sabe, eu muito menos!, disse. Havia perdido completamente a paciência. Ambos levan-

taram o tom de voz. Patrícia sentia-se muito incomodada. Já tinha virado a transexual que arranjou confusão no dia da matrícula.

– Não sei o que fazer. Escreve nesse papel o que você quer, disse ele, entregando-lhe um papel e uma caneta.

Depois disso, diversos servidores da UFSC entraram em contato com Patrícia nos meses seguintes. Ela teve de comparecer a várias reuniões com reitor, pró-reitor, psicólogos, assistente social e a autora do projeto que permitia o uso do nome social, professora Miriam Grossi. Eles queriam vê-la, entender o que ela pedia, discutir qual banheiro iria usar, saber como seriam seus cadastros. Era tudo novo, para eles e para Patrícia. Ela explicou o que queria, disse que não precisava de banheiro especial e iria usar o feminino, queria seu nome social na chamada, na carteirinha do Restaurante Universitário e na da Biblioteca, entre outras demandas. Basicamente, ela não queria que ninguém soubesse ou utilizasse o nome que estava em seus documentos oficiais na instituição. Tiveram de criar uma comissão para lidar com isso. Enquanto aguardava os resultados, Patrícia ficava cada vez mais apreensiva. Não conseguia sequer imaginar começar as aulas com um nome masculino e ser tratada por ele na frente de vários desconhecidos. Vários trâmites, burocracias e, seis meses depois, seus pedidos foram atendidos.

Na prática, tudo demorara um pouco a funcionar. Nas primeira semana de aula apareciam seus dois nomes na chamada. No primeiro dia, chamaram seu nome de registro por inteiro. Ao ouvi-lo, sentiu um baque no peito e permaneceu imóvel. Pronto, todo mundo já sabe, pensara, preocupada. Ao final da lista, chamaram “Patrícia Aguilera”, ao que ela respondeu “presente”, aliviada. Agora está enviando processos de validação de disciplinas para se formar e ainda, depois de quatro anos na universidade, encontra problemas com cadastros e o nome social. O sistema cadastrou como se fossem duas pessoas diferentes e ela está tendo

de explicar e provar que são a mesma pessoa.

Patrícia passou a infância e adolescência mudando de casa, morou alguns anos com a avó, outros com o pai e outros com tias. Depois de uma infância conturbada pelos sentimentos de inadequação, dificuldade em fazer amigos, em usar o banheiro escolar, ter de ouvir do pai que não podia fazer incontáveis coisas porque eram “de menina” e inventar desculpas pra outras várias que ele a forçava a fazer, Patrícia, assim como Selma, encontrara refúgio no teatro.

Naquele grupo se sentia bem e podia expressar-se de outras formas. Ainda assim, não conseguia frequentar as aulas de Educação Física, que eram à tarde enquanto as outras aulas eram de manhã, e separavam meninos e meninas. Encaixar-se no grupo “dos meninos” e ser identificada por esse rótulo era insuportável para ela. As aulas eram segundas e quartas, e os ensaios de teatro quartas e sextas, também à tarde. Patrícia passara a faltar às aulas de Educação Física.

Ao final do ano, a coordenadora escolar ligou para seu pai e pediu que ele comparecesse ao colégio. Patrícia iria reprovar em Educação Física por faltas. Seu pai a chamou na sala de aula e avisou: “Quando tu chegar em casa a gente vai conversar de perto”. Patrícia tremera, sentiu-se gelada. Sabia que o pai era agressivo, já havia apanhado várias vezes. Agressivo é o adjetivo que ela repete com mais frequência ao falar do pai. Imaginando que iria apanhar, e muito, começou a pensar em algum plano para evitar o pior quando chegasse em casa. Tivera uma ideia simples e ingênua. Era um dos dias não tão incomuns de chuvas torrenciais em Florianópolis. Decidira chegar completamente molhada para que, ao vê-la, o pai sentisse pena e desistisse de qualquer que fosse a punição que planejava.

Patrícia assim o fizera. Chegara em casa completamente encharcada e, quando entrou, viu todas as luzes apagadas e a casa

aparentemente vazia. Sentiu um imenso alívio. Teria agora mais tempo de encontrar alguma solução para evitar a possível surra que o pai lhe daria. Mal terminara de respirar fundo, sentiu uma pancada na cabeça. Era o início de um dia que literalmente a marcaria por toda a vida.

Um dos melhores shows de Aguilera Top era quando ela dançava a música “Show das poderosas”, de Anitta, principalmente pela desenvoltura, coreografia e energia que emanava. Logo que a música começava e Aguilera surgia no palco, os frequentadores do Mix Café gritavam e aplaudiam. Ela dançava de forma muito natural a coreografia oficial da música e rebojava com destreza. Usava um *collant* dourado, uma saia preta com franjas que deixavam à mostra as coxas grossas, uma meia calça preta terminando um pouco acima do joelho e botas pretas e compridas. A apresentação era inevitavelmente empolgante. O palco bastante iluminado do Mix Café reforçava a energia que Aguilera transmitia.

Patrícia trabalhou durante oito anos no Mix Café, primeiro apenas apresentando shows como *drag* e, mais tarde, no bar da boate e no caixa. Todas as noites em que a casa abria, Patrícia lá estava. Quando tinha de fazer show, voltava para o caixa depois da apresentação. Ela ficara conhecida por montar shows e fazer as superproduções da boate. A idealização e organização do *Mágico de Oz*, última grande produção feita pela casa, foi encabeçada por Aguilera, que sempre fizera questão de produzir shows temáticos e que exigiam investimento de tempo e dinheiro. Produzia shows com figurinos bem trabalhados, luzes de LED, máquina de bolhas de sabão, bastões de luz e tudo o mais que sua criatividade e o dinheiro disponível podiam pagar.

Quando abrisse os olhos, naquela tarde chuvosa, Patrícia se viu amarrada em uma cadeira no segundo andar da casa de seu pai, ainda em construção. Não havia vidros nas janelas, piso

no chão e muitos materiais de construção estavam espalhados pelo cômodo, inclusive fios de luz. E foi com eles que seu pai começou a bater nela. Pedacos de madeira jogados por ali também serviram de instrumento para machucar a filha. Patrícia apanhou em todos os lugares possíveis. Sua boca sangrava, ele não parava. A garota foi definhando, ficando cada vez mais machucada, sendo cada vez mais agredida. Chegou a acreditar que a morte poderia ser melhor que tudo aquilo. Assim terminaria de vez com o sofrimento e cessaria sua dor. “Será que ele não entende porque eu faltei?”, fora uma das perguntas a que mais se fez durante os três dias em que ficou amarrada.

Os shows de *halloween* eram uns dos seus preferidos, nos quais se dedicava a montar com as outras *drags* apresentações para verdadeiramente aterrorizar o público. Durante sete anos essa data fora reservada para *Aguillera Top*. O piso ficava cheio de folhas secas, havia castiçais de vela em todos os cantos possíveis, teias de aranha espalhadas pela boate, maquiagens em todos os funcionários. Em mais de uma ocasião, os seguranças tiveram de tirar pessoas desmaiando durante os shows de *halloween* do *Mix Café*. Selma Light chorara durante os ensaios da apresentação do *Exorcista*, na qual ela possuía Patrícia. Toda a produção de cenário, personagens, figurino, maquiagem, músicas, roteiro, danças e interpretação eram organizadas pelas *drags*. Nos últimos anos, Patrícia começara a se interessar mais por produzir shows do que participar deles. Essas produções muitas vezes eram o foco de desentendimentos entre ela e Selma Light.

Além das surras alternadas e indescritivelmente cruéis, o pai fizera questão de pegar todos os textos, roteiros e documentos do grupo de teatro que ela guardava, picar um por um na sua frente e jogar em seu corpo os pedacos de papel. Enquanto o pai batia nela, em uma das vezes, a cadeira caiu no chão. Ele continuou. Passou a chutá-la. Ele morava com a esposa e uma filha no

andar debaixo e proibira ambas de subir. Patrícia passou três dias sem comer, com a calça *jeans* e a camiseta do uniforme molhados com os quais chegara em casa e completamente suja. Quem subiu e a desamarrou fora sua irmã. No que ela foi desamarrada, permaneceu no chão. Não tinha forças para levantar-se e sair dali.

No sábado de manhã, quando Patrícia ouviu o pai sair e a madrastra ir fazer compras, conseguiu reunir a pouca energia que lhe restava, levantar e pular do buraco que futuramente seria a janela. Estava descalça e machucou o pé, mas continuou andando. Foi embora aos prantos e sem olhar para trás. Caminhou até um ponto um pouco distante da casa e entrou no primeiro ônibus que viu, sem saber se tinha dinheiro. Lembrou-se de que tinha algumas notas na calça em que fora para a escola na quarta-feira e pagou o ônibus. As pessoas ao seu redor a olhavam aterrorizadas, e ela imagina que o espanto fora grande o suficiente para paralisá-las e evitar que quaisquer delas lhe oferecesse ajuda.

Patrícia descera em um ponto qualquer no centro e, de um orelhão, ligou para a coordenadora do grupo de teatro pedindo ajuda. Impressionada e incrédula, a senhora a encontrou, levou para casa, fez curativos e denunciou o caso ao Conselho Tutelar de São José, onde seu pai mora.

Aos 19 anos, Patrícia decidiu participar do Mix Fama, o concurso de *drag queens* do Mix Café. Fora sem saber direito do que se tratava, mas como gostava de palco, tinha acabado de sair do teatro e sabia dançar, decidiu arriscar. Vira ali também uma forma de libertação. A partir de então, começou a ser convidada para fazer shows. À época trabalhava em uma empresa de telemarketing e morava com seu primeiro namorado, com quem ficou durante nove anos. Foi trabalhando na boate que viu mais de perto a transexualidade e passou a se identificar. Quando foi participar do Mix Fama, as outras concorrentes queriam expulsá-la porque achavam que ela era travesti e “travesti não pode”. Patrícia

ainda se identificava e vestia como um menino à época, mas já havia tomado hormônio por alguns meses e tinha naturalmente traços finos no rosto, coxas, glúteos e quadril largo. Teve de insistir que era um rapaz para entrar no concurso.

Quando se arrumava para ser Aguilera Top, se sentia completa. Olhava seu reflexo no espelho e sabia que era exatamente assim que gostaria de expressar-se para o mundo. Era assim que ela se vira, desde sempre, como uma mulher. Deixara o cabelo crescer e fizera tratamento a laser para retirar os pelos. Mas Patrícia insistia em ignorar esses sentimentos e, como Selma, passou a se travestir de rapaz.

Enquanto a data da audiência que determinaria onde Patrícia iria morar não chegava, ela não pôde ficar na casa da coordenadora do grupo de teatro. O pai denunciara a senhora como sequestradora da sua filha. Nesse tempo, a menina morou em duas casas de duas de suas tias. No dia da audiência, o promotor perguntou com quem ela gostaria de morar. Sem demora, escolheu a professora de teatro. Aterrorizava-lhe a ideia de ficar na casa de qualquer parente, pois o pai ainda teria como controlá-la. Assim, Patrícia foi morar com a senhora com quem viveu até os 19 anos. Ela e o pai ficaram 11 anos sem manter qualquer contato um com o outro.

Certa tarde, Patrícia esperava na fila do pão do antigo mercado Comper, no bairro Trindade, onde está localizado o principal *campus* da UFSC, no qual ela estuda. Vestia o usual para esconder seu corpo: moletom comprido, calça larga, boné que cobria parte do rosto e cabelo. Uma pequena garota que estava à sua frente na fila a encarou. Em seguida, cutucou a mãe e perguntou, apontando para ela: “Mãe, por que essa moça tá vestida com roupa de homem?”. Patrícia não conseguira acreditar. Sentiu um mal-estar instantâneo, saiu da fila e foi embora o mais rápido possível. A pergunta daquela menina a consternou ao

mesmo tempo em que foi o choque que Patrícia precisara para decidir expressar-se como se via, uma mulher. A partir de então, decidira ser Patrícia Aguillera durante o dia e Aguillera Top durante a noite. Por algum tempo tentou novamente tomar hormônios, mas não conseguiu continuar devido aos efeitos colaterais.

Durante esses anos todos, Patrícia e o pai não se falaram, mas ela manteve contato com outros familiares e ele de certa forma tinha o mínimo de informação sobre sua vida. Soubera que ela trabalhava como *drag queen* através dos parentes. Em novembro de 2013, seu pai ficou doente, entrou em depressão e decidiu procurá-la para pedir perdão pelo que fizera. Patrícia aceitou e eles marcaram às 14h, numa quarta-feira, em frente à Catedral Metropolitana, no centro histórico de Florianópolis.

A Catedral é alta, imponente e possui duas torres, embora não seja muito grande. Pintada de amarelo e branco, combina com a pintura de outros prédios históricos do local, como o Mercado Público, que possui a mesma fachada. Uma escadaria cinza, comprida e sem tantos degraus, termina em frente à entrada sustentada por duas grossas colunas brancas. Ao redor da Catedral há diversos prédios comerciais, blocos largos, cinzas, cheios de pequenas janelas e sem muitos detalhes estéticos. Em frente, uma espécie de passarela com pequenos ladrilhos estilo calçada leva à Praça XV de Novembro.

O pai de Patrícia chegara lá às 10h da manhã de tanta ansiedade que sentia. Passou o tempo conversando com um dos senhores que vendem artesanatos típicos da cultura da Ilha em uma das barraquinhas quando há feiras por ali. Patrícia chegara na hora combinada e, nessa época, já se identificava como mulher transexual, o que seu pai sequer imaginara. Ao vê-la, ele se surpreendeu e se assustou um pouco. Jamais esperava encontrar uma mulher. Os dois conversaram por mais ou menos três horas, uma conversa superficial, fria e difícil. O único assunto que

tinham em comum era o passado tenebroso daquela outra quarta-feira chuvosa. Decidiram tomar um café em uma panificadora perto da Catedral. Antes de irem embora, o pai lhe disse que queria apresentá-la a alguém. Levou Patrícia até a barraquinha de artesanato do seu amigo de horas, para quem tinha contado toda a história dos dois. Chegou para o senhor e disse “esse é o meu filho!”. O homem respondeu, “não, essa é a sua filha”. Ao ouvir essas palavras, o pai militar, sempre tão duro e agressivo, caiu em prantos.

Por muitos anos Patrícia fora feliz fazendo shows, viajara muito para apresentar-se como *drag* e conseguiu com isso parte do seu sustento financeiro. Aguilera Top era do elenco fixo de *drags* do Mix Café que mensalmente acordavam com os sócios a quantidade de shows e cachê – a casa pagava entre 150 e 200 reais para um show simples e um pouco mais para *drags* conhecidas e shows com grande produção. Desde que começara no teatro, Patrícia adorava estar em cima de um palco e fora a apresentadora de um programa de *covers* que o grupo teatral realizava em diversos bairros de Florianópolis e cidades vizinhas. Durante a adolescência, sonhara em trabalhar com humor na televisão.

Depois do reencontro surpreendente para o pai e desconfortável para Patrícia, ele, a madrasta e a irmã decidiram retomar o contato com ela e a convidaram para passar a noite de natal daquele ano com eles e sua família paterna. Patrícia ficara apreensiva em aceitar um convite para voltar ao lugar onde vivera os piores momentos da sua vida. Depois de pensar um pouco, aceitou. Seu pai estava doente, afinal, e ali poderia haver algum tipo de recomeço. Decidira tentar superar o passado.

O que Patrícia não imaginara, depois de tanto tempo longe daquela casa e daquelas pessoas, era que, ao chegar lá, as lembranças e sentimentos daqueles dias terríveis voltariam tão fortes como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Quando

chegou em frente ao portão, não conseguia entrar. Olhava para a casa e só conseguia ver a casa daquelas dias, ainda em construção, como se tivesse voltado no tempo, como se tudo tivesse sido congelado ao longo dos anos e agora se descortinava diante de seus olhos. Patrícia sentia-se como aquela garota que chegava da escola com medo do que o pai faria com ela. Estática, travou em frente ao portão. “Entra Patrícia!”, gritava a esposa do pai. “Já vou, só tô tomando um arzinho”, respondeu, incapaz de mover-se e de dizer algo mais que aquela desculpa pouco convincente.

Patrícia adorava sentir a energia das pessoas quando subia no palco. A sensação de saber que todos a olhavam, gritavam e aplaudiam seus shows era o que a motivava. Ela adorava a agitação de quando chegava no ponto alto da apresentação. Com o fechamento do Mix Café, porém, decidiu aposentar Aguillera Top. Cansara da vida noturna, dos shows, das produções. Passou a cobrar quatro vezes mais que o usual para que as pessoas recusassem suas apresentações e parassem de lhe fazer convites. A universidade e o estágio tornaram-se suas prioridades. As disputas de ego também a deixaram exausta e hoje ela sequer conversa com Selma Light, com quem fizera tantos shows e passara tantas noites.

A esposa de seu pai fora chamá-la no portão, sua irmã fora chamá-la no portão, mas ela continuava incapaz de entrar. Até que seu pai fora chamá-la no portão. As pernas de Patrícia ficaram ainda mais rígidas. Um frio de pavor surgiu em seu peito e desceu pelo corpo. O pai fora até ela e, à sua maneira irremediavelmente agressiva, a puxou pelo braço. O presente que ela segurava nas mãos caiu e ela não conseguia mais agir, sequer pensar. Apenas paralisara. Seus olhos começaram se encher de lágrimas. A esposa dele interveio: “Larga ela, daqui a pouco ela já vem, deixa!” e o levou para dentro. Quando Patrícia notou, vários familiares tinham saído de casa para ver o que acontecera

e estavam ali, olhando para ela. Pensou que deveria ter ficado em casa. Demorou-se mais um tempo e, finalmente, entrou.

Durante a maior parte da noite, Patrícia ficara isolada. Entregou o presente, conversou um pouco com algumas pessoas que se aproximaram dela, mas ficara muito quieta. Era quase como se não estivesse ali. Jantou com a família e se apressou a dizer que precisava ir. A madrastra disse que estava muito tarde e a convidou para dormir lá, ao que ela prontamente respondeu que não podia, tinha um show marcado no Mix Café, presumivelmente uma mentira. Àquela hora já não passavam mais ônibus por ali e Patrícia só tinha levado cartão e algumas poucas notas. Estava sem dinheiro para o táxi. Pensou em ligar para alguns amigos, mas não quis incomodá-los na noite de natal. Acabou por aceitar o convite, muito também porque não queria começar com desentendimentos sua reaproximação com a família.

No entanto, mais uma vez, Patrícia aceitara sem conseguir prever quão dolorosas lhe seriam as consequências. Havia três quartos na casa: um de seu pai e sua madrastra, o outro da irmã e o noivo e o último tinha uma cama de solteiro. Esse era o quarto em que tudo acontecera e exatamente nele Patrícia teria de dormir agora, 11 anos depois. Ao ver o cômodo, novamente sentiu como se voltasse no tempo. Não conseguiu olhar para dentro do quarto sem percebê-lo do jeito em que o vira pela última vez. Era impossível para ela deitar na cama e dormir como se nada tivesse acontecido exatamente ali. Parou em frente à porta, sentou no chão e ficou naquela posição até clarear, acordada, sem sequer tirar os sapatos de salto. Passou a noite relembando forçosamente um passado que se esforçara tanto para esquecer.

Quando ouviu o barulho do primeiro ônibus, às cinco da manhã, levantou para sair dali o mais rápido possível. Viu no quarto uma escrivaninha com um bloco de folhas e caneta, retirou uma e escreveu um bilhete: “Muito obrigada pelo natal,

não quis acordar ninguém, precisei ir embora porque tenho um compromisso. Feliz natal a todos, um super beijo”. Desceu as escadas e, quando estava quase chegando ao portão, sua madrastra apareceu na porta. “Aonde você vai, Patrícia?”. Ela disse que iria visitar uma tia, de quem é bastante próxima, mas a madrastra insistiu para que ela tomasse um café e combinou que logo depois eles a levariam. Ela não entendia porque tanta insistência daquela mulher e de seu pai para que ela ficasse ali. Não se sentia bem-vinda. Porém, novamente, acabou por ceder.

Sua última esperança era que o café com a madrastra fosse rápido e depois ela pudesse ir logo para a casa da tia. Mas a mulher fora acordar seu pai, o forçara a tomar café junto com elas e ir levá-la. Para infelicidade de Patrícia, sua tia não estava passando bem, o que resultou em uma visita rápida e com nova insistência, dessa vez para que ela almoçasse com eles. Depois do almoço, finalmente, Patrícia conseguiu ir embora.

Desde esse dia, ela passou a ser convidada para diversos eventos da família de seu pai, recusando alguns e aceitando outros. Foi ao aniversário dele, ao almoço de dia dos pais, à formatura e casamento da irmã. No casamento, eles não queriam que ela levasse o novo namorado. Depois de muita insistência e várias chateações, Patrícia conseguiu levá-lo. Ela continuou a ir aos eventos familiares durante algum tempo e começou a conversar com o pai. Ele lhe deu mil reais para ajudá-la a colocar prótese de silicone nos seios, que era um dos seus maiores desejos desde que tinha se afirmado mulher transexual.

Depois de um tempo, ela ligou para o pai com o intuito de conversar um pouco e ele não atendera. Tentou ligar repetidas vezes, todas sem resposta. Ligou durante três meses, até dezembro de 2014. Ele não atendia nem a ligava de volta. Patrícia, mais uma vez, se viu extremamente magoada e decepcionada. Não conseguia acreditar como fora capaz de tentar superar tudo aquilo,

olhar para ele novamente, falar com ele novamente, sem imaginar que de alguma forma iria sofrer. Não podia acreditar que ele tinha simplesmente a descartado de sua vida de novo, como se eles retomarem contato não significasse nada. Ela não sabe por que ele desapareceu de novo. Imagina que talvez seja porque contou que tinha saído do Mix, que estava processando os sócios por não terem pagado seu salário durante os últimos sete meses, porque sua formatura estava chegando e ela não poderia bancar a festa. Talvez ele achasse que ela iria pedir dinheiro. Talvez pensasse que, por ela ter acabado de ir à formatura da irmã, exigiria que ele pagasse a sua. Talvez imaginasse que, depois de 11 anos, ela cobraria alguma ajuda financeira. Patrícia não sabe. Faz sete meses que ele parou de atender suas ligações e de ligar para ela. Desistira de vez.

Com a mãe a relação também não é das melhores. Ela mora em Itajaí desde que separou-se do pai de Patrícia, enquanto a filha vivera sempre em Florianópolis, fato facilmente dedutível do seu carregado sotaque florianopolitano. Quando Patrícia apanhara do pai, ligou para sua mãe. “Eu já tenho problemas demais, não preciso de mais um”, ouviu como resposta. Acredita que o pai tenha dito que ela estava roubando ou usando drogas. Recentemente, Patrícia foi passar uma semana com a mãe em Itajaí. Voltou no mesmo dia em que chegou lá. A mãe não aceita que ela seja uma mulher transexual e também se recusa a chamá-la de Patrícia, assim como toda sua família materna. Ela insistiu para a mãe: “Eu estou vestida como mulher, tenho seios, cabelo comprido, tô maquiada, vou sair contigo e você vai me chamar de Carlos? Pensa no meu constrangimento. Me chama de filho se você quiser, mas não de Carlos”. A mãe se recusou tanto a chamá-la de Patrícia quanto de filho, ainda que no masculino. Algumas horas bastaram para que ela e a família materna se desentendessem.

Depois de nove anos participando do Pop Gay com Selma, o carnaval de 2015 foi o primeiro ano no qual Patrícia não compareceu ao show. O fim do Mix Café representou um baque na carreira de ambas, mas enquanto ela resolvera de vez aposentar Aguilera Top, Selma, ainda que por vezes negasse, ansiava por outra oportunidade em uma casa que a fizesse sentir-se tão poderosa e valorizada quanto aquela na qual construiu sua carreira e fora também construída por ela.

Selma havia parado de fazer shows por um tempo, sentia-se obsoleta, descartável, esquecida e era como se tivesse falido junto com a boate. Muitas pessoas inclusive decretaram ali o fim de sua carreira antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Jogara no lixo a maior parte dos seus figurinos para não ter de ver nada que a lembrasse do Mix Café. Aquele não era mais seu principal trabalho. Ela apresentara a última festa em agosto de 2014, chorando do começo ao fim. Ainda que soubesse dos problemas financeiros da casa, não estava preparada para o dia em que de fato a boate iria fechar. Era como se sua carreira tivesse encerrado de repente, anunciada por terceiros e sem que ela tivesse qualquer controle sobre isso. Começou a entrar em depressão e procurou ajuda psicológica e no centro espírita que frequenta. O palco não era mais seu lugar. Nenhuma casa mais a queria como *hostess*. Foi informada de que tinha prazo de validade e não sabia. Nunca mais encontraria uma boate como o Mix Café. Estava acabada. Não queria mais sair de casa. Ela, que sempre vivera da noite, não queria mais do que distância de tudo aquilo. Qualquer festa a lembraria do Mix. Em qualquer palco que não fosse aquele, ela jamais poderia subir. As outras boates gays de Florianópolis não a chamaram para nenhum trabalho. Ela recebera apenas convites para animar festas e shows em cidades vizinhas e recusara a maioria.

Ali, naqueles três segundos em que ficou com a testa

encostada no chão e os olhos mal enxergavam devido à grande proximidade com a cobertura preta do palco, ela repensou sua dor que ao mesmo tempo diminuía e se fortalecia com aquela homenagem. Ao levantar seu pescoço no melhor estilo diva, rapidamente e com firmeza, jogando os longos cabelos para trás, olhou para todas aquelas pessoas que a aplaudiam. Ao menos podia sanar sua necessidade de estar no palco, sentir novamente a emoção de estar à frente de milhares de pessoas. Ao menos em mais aquele show ela poderia sentir o poder viciante de estar em frente aos holofotes com o microfone na mão. Poderia ter mais um vislumbre de como se sentia inatingível em cima de um palco. Ainda que por apenas uma noite, podia novamente falar e ser ouvida por uma multidão.

– Amores! Meu respeito, meu carinho, meu amor. Há 15 anos fazendo show, há 13 aqui (no Pop Gay). E assim, viajo sim, faço um monte de coisa sim, mas estar em casa vendo esse público enorme aqui aplaudindo não tem nome. Então o meu aplauso vai para vocês, que todo ano tão aqui, que me acompanham, que me mantêm de pé. Se alguma vez eu penso em desistir, é nesse momento que eu olho.

Ela fala com habitual voz poderosa, tranquila e firme. Selma fala sempre como se apresentasse um programa, mesmo que não esteja em público. Sua voz é pausada, perceptivelmente treinada, de quem trabalha com apresentação e automatizou algumas técnicas.

Vira de costas para o público e de frente para o DJ:

– DJ, faz uma coisa pra mim? Pode, Cris, fazer um negócio pra mim, rapidinho? A última faixa do meu CD...a última não, põe a segunda. Eu quero agradecer do meu melhor jeito. Eu quero agradecer vocês...isso não tá no roteiro, gente. Mas eu quero agradecer vocês do meu melhor jeito, tá bom? Do jeito que eu sei fazer. Diel, obrigada – abraça e beija a bochecha do rapaz

que leu sua homenagem. Setur (Secretaria Municipal de Turismo), obrigada. Prefeitura de Floripa, obrigada. Povo de Florianópolis, muito obrigada! Só tenho a agradecer vocês. Se hoje eu tô fazendo rádio, se hoje eu tô fazendo televisão, foram vocês – aponta para o público – que me colocaram lá, tá bom? Toda terça, toda quinta eu tô na Band...

Começa a música que ela pedira ao DJ.

– Eu quero agradecer assim! – levanta o braço esquerdo e pede a música com as mãos, de costas para o DJ – solta aí DJ, solta aí a música!

Além de participar do Pop Gay, uma das duas únicas festas que Selma aceitara fazer depois do fechamento da boate fora um trabalho como *hostess* em Itajaí, na Concept Club. Naquela noite, quando subiu ao palco, olhou para o dono do Mix Café, que estava no público logo à sua frente, e teve de dizer “Boa noite, Concept!”. O fizera com pesar imenso. Ao vê-lo ao mesmo tempo em que apresentava shows em outra boate, foi tomada pelas lembranças dos 14 anos em que trabalhou no Mix Café, das etapas de construção da Selma Light e tudo o que conquistara a partir daquela casa.

Porém, quando, ao terminar a frase, ouviu os aplausos do público e pôde olhar todas aquelas pessoas de cima de um palco, percebeu e comprovou para si mesma que não morrera com o fim da boate. Ardia novamente a chama de poder e o prazer que estar em um palco lhe desperta. Selma abriu um largo sorriso, desses que deixam seus grandes olhos quase semicerrados e salientam as duas pequenas bolsas que possui abaixo deles. Será a nova *hostess* fixa da Concept Club.

5

ACIMA DE QUALQUER DEFINIÇÃO

Antes eu queria negar que sou trans, queria chegar num ponto em que pudesse passar a imagem de que nunca fui trans. Mas percebi que o que você tem que ser mesmo é estranha, mostrar o estranhamento. Eu sou trans mesmo! E não foi fácil, não é fácil.

BRUNA LUÍSE

Era um domingo de janeiro, e só de caminhar Bruna¹ sentia o tecido da roupa grudando em sua pele, toda melada de suor. Empurrava para trás os cabelos cheios e cacheados que insistem em cair-lhe sobre a face, cobrindo o olho esquerdo, para logo ter de fazê-lo de novo. Nos primeiros dias do ano em Florianópolis parece que todo o país, e uma porção de gente dos países vizinhos, vem ver o mar da cidade de ruas estreitas e praias retiradas. Ela, porém, fazia o caminho oposto e estava chegando à rodoviária, quente, comprida e cinza.

O Terminal Rodoviário Rita Maria não é exatamente o que se espera de uma capital turística. De chão preto antiderapante e paredes cinzas bastante desgastadas, todo o local tem apenas os guichês das empresas de ônibus, três lanchonetes sem muitas opções, algumas poucas lojas de variedades, e um segundo andar vazio, à exceção de um restaurante que abre para o almoço. Bruna entrara numa das poucas e curtas fileiras de bancos laranjas de plástico, e sentou, desconfortavelmente, em um deles, sentindo o bafo sufocante do meio-dia. Saía de Florianópolis, mas ia para outra cidade ainda mais badalada e cara nos dias de verão, o Rio de Janeiro.

Ela estava profundamente feliz e com a sensação de quem começa uma jornada há muito aguardada com ansiedade. Depois de dois anos de espera, conseguira marcar a primeira consulta do “Processo Transexualizador” oferecido pelo SUS desde agosto de 2008. O processo oferece atendimento para as pessoas transexuais e travestis e engloba hormonioterapia, consultas com equipe multidisciplinar uma vez por mês durante dois anos; cirurgia de redesignação ao sexo masculino (amputação do pênis e construção de neovagina); redução do pomo de adão e adequação das cordas vocais para feminilização da voz; retirada das mamas, útero e ovários e administração de hormônios para homens transexuais e implantação de próteses de silicone para

¹ Nome fictício a pedido da entrevistada

mulheres transexuais, incluídos em 2013. A construção do pênis (neofaloplastia) ainda é considerada experimental no Brasil e não está inclusa nos atendimentos oferecidos. Há apenas cinco hospitais públicos habilitados para a realização completa do processo transexualizador no país, todos universitários, em Goiânia, Porto Alegre, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro.

Santa Catarina, ao contrário de outros estados, não tem um ambulatório formal de atendimento especializado em saúde de travestis e transexuais. Muitas pessoas sequer conhecem bem o processo transexualizador, e outras tantas acreditam que para serem atendidas em qualquer de suas etapas precisam morar fora ou custear constantes viagens a essas cidades. Bruna, não faz tanto tempo, foi uma das poucas que descobriu ter direito ao “tratamento fora de domicílio” (TFD), no qual o SUS cobre passagens, hospedagem e alimentação para que pessoas possam acessar atendimentos que não são oferecidos em sua região. E, naquele dia, ela seguia para sua primeira consulta com um psiquiatra no Hospital Pedro Ernesto, do Rio de Janeiro, marcada para dali a dois dias, às oito da manhã.

Chegara o ônibus que a levaria para o início da realização de um sonho. Sem se demorar, Bruna entrou no veículo e sentou na poltrona indicada pela passagem. Estava ansiosa, mas sabia que era o início de outro longo caminho. Teria de ir à consultas por no mínimo dois anos todos os meses com diversos profissionais, sendo dois deles um psicólogo e um psiquiatra. Ela deve passar por dois anos de terapia compulsória para que, ao final, psiquiatra e psicólogo atestem que ela é, de fato, transexual. Precisa preencher uma série de requisitos para que outros legitimem que ela realmente sofre de “transexualismo” para o CID (Classificação Internacional de Doenças), e “disforia de gênero” para o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Sem esse laudo, não pode ter acesso à cirurgia. Os pro-

cedimentos cirúrgicos são apenas liberados aos que passam pelos dois anos de terapia atestando o que eles já chegaram ali dizendo ser.

Todo o processo só é custeado pelo Ministério da Saúde por ser analisado a partir da perspectiva de doença. Essa seria a única forma de “tratamento” para travestis e transexuais. Algumas correntes defendem que teria como manter esses benefícios se a transexualidade fosse incluída em uma categoria como a da gravidez, por exemplo, quando a pessoa, mesmo que não esteja doente, necessita de alguns procedimentos especializados. Ainda que apresente um viés majoritariamente patologizante, o processo transexualizador foi uma conquista para travestis e transexuais, que agora podem ter acesso a algumas modificações corporais para que se sintam felizes e completos, consigam mais oportunidades de ocupar espaços sociais e atraiam menos olhares reprovadores.

Os cabelos negros e cacheados de Bruna estão geralmente amarrados em coques sem compromisso, e o lado esquerdo sempre tem mais fios soltos e volume que o direito, quase completamente preso. Os largos olhos castanho-escuros, quase pretos, de alguma forma se destacam em seu rosto, talvez porque ela pode sorrir o quanto quiser, as maçãs do rosto grandes e salientes podem subir o quanto bem entenderem, e ainda assim eles continuam bastante visíveis. O que praticamente some com seus sorrisos são os lábios, finos, compridos e de um rosa meio pálido, um pouco marrons, quase como sua pele.

De São Luís, Maranhão, ela saiu de casa aos 17 anos em busca de poder expressar-se como desejara a vida toda e com a consciência de que em sua casa isso não seria possível. Desde muito criança, gostava de brinquedos, participar de brincadeiras e imitar personagens considerados “de menina”. Toda a vez que seus pais a viam se comportar dessa maneira, apresentavam-lhe

as regras que deveria seguir. Bruna não podia brincar assim, não podia querer ser tal personagem, não podia fazer aquilo. “São coisas de menina!”, repetiam os adultos, tão acostumados a definições arbitrárias de que papel deve ser cumprido por cada gênero. Ela se sentia extremamente mal. Não sabia como poderia estar fazendo algo errado. Como tudo que ela gostava e todas as suas vontades poderiam ser erradas. Começou a cercear-se e a brincar sozinha. Quando não tinha ninguém em casa, se trancava, entrava no quarto da mãe e vestia suas roupas. A culpa e o medo de que alguém a visse eram compensados pelo desejo de ver-se daquele jeito e pela adrenalina que sentia. Bruna adorava a emoção daqueles momentos. Afinal, estava fazendo algo perigosíssimo.

Aos 15 anos, sentindo-se cada vez mais deslocada do grupo de rapazes e próxima do grupo de garotas, passou a considerar o que sentia na infância não apenas como “vontade de brincar”, mas como vontade de ser. Começou a pesquisar sobre travestis e transexualidade e sair com amigos para boates gays. Até que sua mãe descobriu. Proibiu-a de sair. Nesse momento, Bruna teve a certeza de que morando ali jamais poderia ser o que queria. Sua família achava que ela era um pecado. Quando terminou os estudos, já sabia como queria expressar-se, como queria vestir-se, como queria ser vista e tratada. Viu-se presa a regras e delimitações das quais, ali, não conseguiria escapar. Decidiu fugir de casa.

Desde que entrou com o pedido de tratamento fora de domicílio para o processo transexualizador, Bruna ia, a cada seis meses, à Secretaria de Saúde de Santa Catarina, no centro de Florianópolis, para saber quanto tempo faltava para sua primeira consulta. Quando descobriu que finalmente fora marcada, quase não acreditou. Os atendimentos e cirurgias oferecidos são desejos que ela carrega há muito. Bruna não modificou o corpo de nenhuma outra forma a não ser com o uso de hormônios. Não

colocou prótese nem aplicou silicone industrial. Nos primeiros anos achava que, de alguma forma, isso era errado. Não devia modificar o corpo que Deus lhe dera. Depois de um tempo, continuou cristã, mas livrou-se desse pensamento. “Hoje eu coloco um chifre na testa se eu quiser”, diz, entre curtas risadas que deboçam de si mesma. Ainda assim, preferiu não se arriscar a aplicar silicone industrial nem tinha o dinheiro para pagar próteses. Resolveu esperar para fazer as modificações que quisesse e quando pudesse. Agora havia surgido a primeira oportunidade.

Bruna fugiu de casa e foi até o sul do Maranhão – São Luís fica no extremo norte. Dali não conseguiu mais continuar nem tinha mais dinheiro. Ligou para a mãe, explicou um pouco da situação e disse que não poderia mais morar lá, mas sem dizer que queria iniciar a construção de seu corpo nem que passaria a se identificar como mulher transexual. A mãe então pagou uma passagem para ela ir à Joinville, Santa Catarina, morar com os tios.

Ela não demorou a notar que eles eram bastante conservadores. Jamais poderia falar qualquer coisa a respeito da sua identidade de gênero. Depois de cerca de um ano morando lá, eles descobriram umas conversas de Bruna na internet e ficaram horrorizados. Ligaram para sua mãe e disseram que ela não poderia mais ficar ali. “Porque temos dois filhos que não podem ficar expostos a certas coisas.” Bruna saiu da casa deles e foi morar sozinha, ainda em Joinville.

A partir de então, passou a conhecer melhor o meio travesti e transexual da cidade. Perguntava sobre experiências, como elas faziam isso ou aquilo, conheceu novas pessoas e passou a tomar hormônios. Foi um dia para a rua e viu que a prostituição lhe traria dinheiro suficiente para seu sustento, para construir o corpo, colocar *mega hair* e se manter nos ditos padrões de beleza femininos. Ela também encontrou na pista o primeiro ambiente

em que podia ser livre e encontrar pessoas que vivenciavam as mesmas situações que ela.

Bruna viajava para sua primeira consulta do SUS com pouco mais de 200 reais no bolso. A Secretaria Estadual de Saúde lhe oferecera as passagens e duas diárias no valor de 50 reais cada. Ela tem certeza de ter recebido apenas uma. Chegaria segunda de manhã no Rio de Janeiro e a consulta estava marcada para terça. O dinheiro que levava, porém, não seria suficiente para pagar alimentação, transporte até hotel, hospital e rodoviária e a diária. Ao chegar ao terminal, na segunda-feira, decidi que ali ficaria e dormiria até o momento de ir para o hospital.

Depois de algum tempo em Joinville, Bruna se mudou para Balneário Camboriú, cidade litorânea a pouco mais de 80 km de Florianópolis, e não demorou a encontrar um ponto em que pudesse trabalhar, mediante o pagamento da “diária” para as *mamis* da cidade. Sentia necessidade de parecer o mais feminina possível. Seu sonho era chegar a um ponto em que ninguém pudesse imaginar que algum dia ela fora lida como homem. Queria passar despercebida, sem que notassem sequer um traço de transexualidade nela. Apesar de achar tudo aquilo certa perda de tempo, usava muita maquiagem. Sentia-se sufocada por colares e brincos, mas os colocava. Achava que só dessa forma poderia alcançar uma “feminilidade” e ser vista como mulher. No fundo, porém, sabia que, novamente, se forçava a ser algo que não queria.

Mais ou menos dois anos depois de ter saído de casa, pelos 20 anos de idade, ela ainda não havia dito para sua mãe que era transexual nem que trabalhava como prostituta. Até que, certo dia, cansara de ter de contar mentiras sobre sua vida. Ligou para a mãe e disse que tinha algo que precisava lhe contar, mas que não podia ser por telefone. Para a surpresa de Bruna, sua mãe respondeu: “Acho que já sei. Você modificou seu corpo”.

Ela jamais imaginara durante esses anos que a mãe desconfiava. A resposta a deixou um pouco mais calma, já que não seria de todo novidade o que fizera. E provavelmente tinha feito menos modificações do que mãe imaginava. “Não, mas coloquei *mega hair* e tomo hormônios”, respondeu, um tanto aliviada. Sobre a prostituição, deixara para contar depois. A mãe não gosta que ela vá visitá-la vestida como mulher. Na primeira vez em que viu Bruna depois da construção do corpo, não a reconheceu de imediato. Bruna chorara, teve vergonha. A mãe a abraçou, tirou o esmalte das unhas da filha e pediu que ela se vestisse como um rapaz.

Finalmente, chegara a hora de ir ao hospital. Bruna foi ao banheiro da rodoviária, lavou o rosto, ajustou os cabelos. Ainda estava um pouco cedo para a consulta que era às 8h, mas ela estava muito ansiosa e decidiu chegar antes para evitar qualquer problema. Como havia economizado com transporte e diária, foi chamar um táxi. Entrou no automóvel e pediu para que o motorista a levasse ao Hospital Universitário Pedro Ernesto. A única visão que teve do tão falado Rio de Janeiro fora através da janela do carro, durante os quinze minutos de trajeto. Para ela, porém, nada disso importava. O que realmente queria era começar de vez o processo transexualizador pelo SUS. Ainda não sabia quais cirurgias iria fazer, nem se faria a redesignação sexual, mas o processo não exige que se faça as cirurgias. Ela queria principalmente ter acesso ao atendimento da equipe multidisciplinar, à hormonioterapia com indicação médica – até então, assim como a grande maioria de transexuais e travestis, ela tomava hormônios por conta própria – e algumas cirurgias menores, de risco mínimo. O taxista parara em frente ao hospital. Bruna saiu do carro, fechou a porta, olhou para o grande prédio branco e bege à sua frente. Finalmente, depois de dois anos, 20 horas de viagem e uma noite dormida no chão da rodoviária, chegara à sua primeira consulta.



Toda vez que Bruna ia visitar os familiares, a mãe reiterava que não a queria de unhas pintadas nem com roupas femininas. Algumas vezes ela retrucou, brigou. Insistia em colocar suas roupas e passar maquiagem. Tempos mais tarde, passou a ceder aos pedidos da mãe. Viu aí, além de poder agradá-la, uma oportunidade de explicitar que aquilo tudo, roupas identificadas com quaisquer que sejam os gêneros, maquiagens, acessórios, são só performance. Ela pode ser o que quiser. A roupa que usa ou a cor das unhas não mudam quem ela sente que é. Nenhum familiar, porém, a chama de Bruna.

Ao final de 2011, decidiu prestar o vestibular da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, para o curso de Antropologia. Passou e mudou-se para Florianópolis para começar a estudar no ano seguinte. Ao entrar na universidade, no entanto, não conseguia se sentir bem. Era como se aquele ambiente não fosse o lugar dela. Bruna ainda tinha muitos questionamentos sobre si mesma, sentia certa culpa por ser transexual e prostituta, não entendia porque todo mundo a olhava de um jeito diferente.

O ano de 2012 não fora dos melhores para Bruna. Não conseguira se encaixar na universidade, sentia um peso muito grande por ser prostituta. Quando começara a ir para a pista, a prostituição era como uma diversão. Ela adorava. Com o passar do tempo, foi se tornando algo horrível. Passou a cheirar cocaína para aguentar as noites de trabalho.

Sua mãe veio visitá-la e viu que a filha estava passando por dificuldades. Ela contou que cheirava todos os dias, estava viciada. A mãe decidiu ficar em Florianópolis e ajudá-la durante o tratamento. Disse que depois de tudo isso ela iria para São Luís e toda família a receberia bem. Bruna sentiu pela primeira vez que seus familiares a apoiariam e aceitariam do jeito que é. Procurou ajuda no Centro de Atenção Psicossocial, o CAPS, e parou os estudos para fazer o tratamento e organizar a vida. Frequentou o

Centro diariamente e teve consultas que lhe ajudaram muito. Lá, a chamaram desde a primeira vez pelo nome social. Em todos os momentos, sentiu-se bem recebida.

Depois de terminar o tratamento, foi para o Maranhão com a mãe. Seus familiares lhe disseram que a “aceitavam como ela era”. Mas esse vício, ah, esse tinha a ver com ela ser trans. O melhor era que ela rezasse para que Deus a fizesse “voltar a ser homem”. Quando rezava, ela pedia o oposto do que os familiares lhe diziam: “Deus, pode fazer tudo comigo, mas não me deixa voltar a ser homem”. O que mais ofende Bruna é alguém lhe dizer que ela é um homem, ou que parece um. Sua família ainda acha que ela vai “voltar”, que isso de ser trans não é certo. “Eu não culpo eles, eu era igual. A gente foi criado pra isso, pra normatizar cada vez mais o que é ser homem e o que é ser mulher. Quem foge à regra é estigmatizado”, diz hoje.

No ano seguinte, ela retornou a Florianópolis mais tranquila. O que guarda de 2012 são lembranças tristes do vício, de não ter se encaixado na universidade, de um relacionamento amoroso conturbado. Ao voltar, começou outra graduação, em Letras, também na UFSC. Estava decidida a entrar de novo na universidade e a enfrentar os preconceitos. Considerava esse o único caminho possível caso ela quisesse se impor e conquistar outros espaços na sociedade. Começou a participar do NIGS, Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades.

Ali passou a estudar gênero, sexualidades e feminismo. Aquelas ideias e teorias mudaram completamente sua vida. Ela não cansa de dizer que os estudos a libertaram de todo o peso e culpa que carregara até os 24 anos simplesmente por ser quem era. Começou a sentir-se bem por ser transexual, a enfrentar o estigma que representa ser prostituta, a ampliar sua visão do que é “ser mulher” e do que é “ser transexual”. Viu que aquelas pessoas estudavam sua vida. Aqueles textos falam dela. Bruna começara

compreender e encontrar no mundo de uma forma que define como “libertadora”. Passara a ver toda sua vida traduzida em palavras e páginas de textos acadêmicos. “Todo o peso que eu tinha desde criança quando queria rebolar e ouvia que não era coisa de menino, estudando, descobri que eu podia. Porque aquilo é coisa de ser humano e seres humanos podem ser o que quiserem. Tirei 24 anos de peso em que vivi com uma algema porque parecia que tudo o que eu fazia era contra a lei.”

Bruna colocava pulseiras, brincos, colares e passava maquiagem todos os dias a contragosto. Vestia-se de uma forma com a qual não necessariamente se identificava, mas o fazia porque acreditava que apenas assim poderia ser entendida e lida como mulher. Precisava mostrar ao mundo que era mulher. Queria externar o que sempre soube em sua mente, mas acreditava que só havia uma forma de fazê-lo. “Hoje, minha concepção mudou muito, me sinto mulher independentemente de eu ter cabelo comprido ou não, de eu ser bonita ou não, o que importa pra mim é o que eu sinto. Se eu não aparento isso pras outras pessoas, não posso fazer nada, nem todo mundo vai aparentar o que os outros querem. Sempre vão querer te normatizar.” Há dois anos ela não coloca um brinco, uma pulseira, um colar, não passa maquiagem. Através dos estudos de gênero compreendeu que não precisava forçar nada que não quisesse para ser entendida como mulher. “Hoje sei que mulheres são várias, basta querer ser. E quem somos nós para dizer o que alguém é ou deixa de ser?”

Pouco mais de um ano atrás, sua mãe descobriu que ela trabalhava como prostituta. Fora a vizinha em Florianópolis quem contou. A mãe lhe apelou com justificativas religiosas para que parasse. Aquilo não era “de Deus”. Ninguém da família comenta sobre isso, Bruna também se mantém calada. Tem fases em que ela se sente bem, tem fases em que se sente mal com a prostituição. Por vezes sente orgulho, por vezes não quer mais,

por vezes é indiferente.

Quando chegara a Florianópolis, cerca de três anos atrás, conseguia cerca de 600 reais por noite. Apesar de não morar em casa de nenhuma *mami*, tinha de pagar 50 reais só para usar o ponto. Agora, quando consegue 100 é muito. Discutiu com a *mami* da sua região e se negou a pagar simplesmente para usar um espaço público. Alegou que agora era antiga na cidade. Conseguiu livrar-se da “diária”.

Bruna costuma ir para a pista só depois da meia-noite para evitar ser ridicularizada na rua. Assim, tem a certeza de que quem passa por ali provavelmente é porque procura seus serviços. Tem noites em que consegue apenas um cliente, 20 reais. Às vezes, volta para casa sem nada. Seu maior pesar é o de que praticamente todas as suas práticas sexuais aconteçam por obrigação. Sente-se um pouco solitária, porque ao mesmo tempo em que transa com vários, com nenhum foi algo consensual, da vontade genuína de ambos, com carinho. Por outro lado, gosta de ter a oportunidade de transar com desconhecidos e de ganhar dinheiro por isso. A pista é o único lugar no qual pode testar e experimentar a própria sexualidade. “Fora da pista é muito raro. Eu fico até me perguntando...onde eu conseguiria uma transa?”, solta um pequeno riso, como que reforçando a ilusão da pergunta.

Depois de tentar alguns estágios na UFSC e ser recusada em todos, Bruna conseguiu uma vaga de bolsista de pesquisa no NIGS. Conseguiu também auxílio da PRAE, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, que oferece algumas bolsas para alunos em situação comprovada de vulnerabilidade social. Agora, ela não precisa mais ir ao ponto todas as noites e o faz só quando precisa de dinheiro imediato para algum gasto extra.

Por muito tempo, os colegas e amigos da universidade também não sabiam do emprego de Bruna. Ela vivia em constante ansiedade, imaginando o que aconteceria se algum deles

soubesse. “E se alguém me vir na esquina e contar para todo mundo?”, angustiava-se. Foi durante uma aula sobre gênero com mais de 50 alunos na sala, quando a professora falava sobre prostituição, que Bruna resolvera dizer: “Eu tenho experiência pra falar porque já trabalhei com prostituição, mas eu continuo sendo prostituta”. A professora perguntou: “Bruna, tu és prostituta, foi prostituta, como é que é essa história?”. Desconcertada, porque tentou justamente não deixar isso muito claro, queria dizer que fora, que era, que nunca. “Eu sou, e gosto. Esse é o meu campo do prazer e do desejo”, quisera ter dito. Mas não conseguiu. “Eu fui, mas continuo sendo politicamente”, foi o que respondeu. Ainda assim, aquele momento lhe foi bastante libertador. Agora, podia dizer claramente que era prostituta, todos sabiam. Havia se livrado do receio constante de ter uma face oculta exposta, de sentir vergonha por algo que não lhe trazia mais constrangimento.

O que ainda a constrange, porém, são os olhares, comentários e risos que percebe todos os dias na rua e nos corredores e áreas livres da UFSC. Com seus colegas de turma e professores nunca teve problemas nem se sentiu desrespeitada. Mas quando anda pela universidade percebe o deboche de desconhecidos. Tempos atrás ouvira: “Nossa, que horror, um traveco na universidade!”, e não fora a primeira vez. Todas as vezes em que algo assim acontece, fica extremamente abalada. Pensa em desistir. É difícil suportar estigmas e preconceitos externos e internos, diariamente. É difícil superá-los. Mas logo recupera sua resiliência e se convence de que precisa mostrar que a universidade também é um espaço dela.

E foi isso que fez quando discutiu com um funcionário de uma das lanchonetes da UFSC que a tratou pelo masculino. Bruna se irritou, afinal, ao olhar para ela, ainda que a pessoa possa não conhecer as identidades trans, é bastante óbvio que

se trata de alguém que quer ser identificada no feminino. Agora, sente-se desconfortável toda vez em que vai comprar algo ali. Parece que todos a olham com receio. “Lá vem a barraqueira”, devem pensar.

Assim também Bruna acredita que pense o pessoal do SeTIC (Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação). Ela teve de ir lá reclamar de um problema com o moodle, sistema de cadastro de turmas, alunos e materiais de estudo. Ali, o aluno pode consultar quaisquer das disciplinas que está cursando ou cursou, ver os alunos da turma, o professor e tudo que foi escrito. Nesse sistema, Bruna aparecia com o nome de registro, apesar de já ter indicado o uso do nome social. Quando o viu, desesperou-se. Estava ali, para quem quisesse ver, sua foto ao lado do nome de registro. Muitos colegas e a maioria dos professores sequer sabiam que ela era uma mulher transexual.

Bruna foi à pequena sala do SeTIC reportar o problema. Estava irritada, aquilo era de uma violência enorme. Teve de explicar toda a situação. Queria que mudassem seu nome no sistema na mesma hora. O homem que a atendeu a tratou no masculino. Bruna não se conformava. Era uma humilhação após a outra. Fora lá para reclamar exatamente do nome masculino e recebe tratamento no masculino. E essa não fora a única vez. Todas as vezes em que atualizam o sistema, o nome social de Bruna desaparece e ela vê estampado ali seu nome de registro.

Naquela primeira terça-feira de janeiro, Bruna olhava para a fachada do Hospital Pedro Ernesto. Cansada até então, ali se reanimara. Chegara finalmente o momento da sua primeira consulta. Entrou no hospital e dirigiu-se para o local indicado. Ainda era bastante cedo para o horário marcado e ela já havia se programado para esperar um pouco. Quando chegou à sala do médico, deu seu nome para a secretária, já observando aonde

ria sentar. Disse seu nome, mas ouviu uma resposta inesperada: “Ai Bruna, desculpe, mas o doutor teve que faltar hoje. Tentei te ligar, mas...” Fora como um soco no estômago. Uma onda de pânico percorreu seu corpo. Não podia ser verdade. Dois anos e muito esforço depois, chegara à porta do consultório no Rio de Janeiro e não seria atendida. Surpresa e incrédula, conseguiu dizer apenas: “O quê?!”.

A secretária tentou explicar, contornar a situação. Bruna estava inconsolável. Caiu em prantos. Contou o que havia passado para chegar ali, na esperança de que isso mudasse algo. “Não tem como você ficar até sexta? Sexta ele tem horário”, foi o que respondeu a secretária. Depois de recuperar-se um pouco e perceber que, de fato, tudo que fizera até ali tinha sido em vão, Bruna pediu ao menos que o médico assinasse a requisição para a próxima consulta. Sem isso, ela não conseguiria o custeio da viagem seguinte. “Mas é ele quem tem que dar e ele não tá aqui”, dizia a secretária. Bruna respondeu que eles dessem um jeito. Não sairia dali sem a requisição. Era o mínimo que podiam fazer. Então, outro psiquiatra foi chamado. Ele não assinou o documento do qual Bruna precisava. Relatou a situação em outro papel, mas a nova consulta ficou marcada para o fim de fevereiro, dali a quase dois meses.

Ela sequer levou esse documento para a Secretaria de Saúde. Desistira. Já estava indo ao endocrinologista e ao psiquiatra do Hospital Universitário da UFSC. Não iria submeter-se a tudo de novo para nem saber se realmente seria consultada. Passou a pensar nas viagens exaustivas que faria todos os meses e sem dinheiro para tal. Durante dois anos. Para sequer ter certeza de que em todas as vezes daria certo. Para daí receber um laudo que lhe chamaria de doente e lhe permitiria entrar na fila para, sabe-se lá quando, conseguir marcar as cirurgias, que sabe-se lá ela queria fazer. E se dissesse isso, sabe-se lá se conseguiria o laudo,

porque talvez não fosse uma “transexual de verdade”. Não. Desistira.

Bruna costuma passar o tempo livre nos bancos das mesinhas de cimento, no começo do bosque do CFH, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, perto da sala onde fica o NIGS. As mesas são blocos quadrados, coloridos em cima por pequenos ladrilhos azuis e amarelos colados um ao lado do outro. Tem quatro bancos também quadrados e grossos, igualmente de cimento. Ficam na diagonal, sobre terra e grama, por estarem exatamente no início de uma subida que leva ao bosque. Estão ao ar livre, ao lado de uma lanchonete, com outras mesas de plástico vermelhas e em área coberta. No meio da manhã e final de tarde, é raro conseguir encontrar um lugar para sentar. Jovens universitários se reúnem para conversar, dar risadas, estudar, fazer trabalhos, tomar café e fumar. De bermudão e camiseta, vestidos, saias longas, *dreads* e coques nos cabelos, a maioria ali adota um estilo mais *hippie*, *retrô* ou *reggae*.

O quadril e tronco um pouco largos de Bruna ficam escondidos pelas blusas mais soltas que geralmente usa, por vezes com o corte irregular que deixa um dos ombros à mostra. Suas coxas um tanto grossas vão afinando até chegar às canelas bastante finas e delicadas. Ela não pode sentar ali sem que seja abordada, a cada dez minutos, por várias pessoas. Sozinhas, em duplas, em grupos. Algumas param para dizer oi, outras dão início a pequenas conversas, por vezes combinam a janta, por outras um bar. Ali é o ambiente de Bruna. Assim que alguém chega perto da lanchonete do CFH, se prestar atenção, pode ouvir sua voz. Suas risadas são inevitáveis. Escutam-se ao longe. Naquele grupo, se sente respeitada, benquista. Aquelas pessoas valorizam sua experiência trans e gostam dela exatamente por ela ser quem é, por ser a Bruna. Sentada entre muitos e gesticulando com as mãos como de costume, dando pausas apenas para empurrar para trás

o cabelo que cai sobre os olhos, Bruna conta sua frustração com a consulta no Rio de Janeiro e a desistência do processo transexualizador. “Pra mim, era de certa forma a realização de um sonho, mas não vai mudar minha vida. Com ou sem cirurgia vou ser igual ao que sou hoje. Era uma coisa que eu queria fazer pra mim, pra eu poder colocar um *shorts*, um biquíni e me sentir bem. Mas não acho que vá mudar minha vida. Isso não me faz mais ou menos mulher.”

GLOSSÁRIO

IDENTIDADE DE GÊNERO: representa o gênero com o qual a pessoa se identifica. No projeto de Lei de Identidade de Gênero, PL 5002/2013, o conceito está assim tipificado: “entende-se por identidade de gênero a vivência interna e individual do gênero tal como cada pessoa o sente, a qual pode corresponder ou não com o sexo atribuído após o nascimento, incluindo a vivência pessoal do corpo”.

TRAVESTI: pessoa que vivencia papéis relacionados ao gênero feminino e, em geral, prefere ser chamada por pronomes femininos, mas que não se reconhece como homem ou mulher, e sim como um terceiro gênero (JESUS, 2012). As travestis “não são o outro do homem ou da mulher, são outro corpo, um híbrido (...). Um corpo posicionado no processo (...) e que, ao mesmo tempo, torce esse processo” (DA SILVA, 2011, p.8). Na prática, porém, a distinção entre travestis e mulheres transexuais ocorre muito mais pela autoidentificação, e a escolha do termo pela familiaridade da pessoa e seu grupo com ele, do que por qualquer outro critério.

MULHER TRANSEXUAL: é toda pessoa que nasceu com um órgão genital associado ao masculino e “reivindica o reconhecimento social e legal como mulher” (JESUS, 2012, p.8). Uma pessoa transexual pode, em termos de orientação sexual, ser bissexual, heterossexual ou homossexual, de acordo com suas atrações afetivas e sexuais.

HOMEM TRANSEXUAL: é toda pessoa que nasceu com um órgão genital associado ao feminino e “reivindica o reconhecimento social e legal como homem” (JESUS, 2012, p.8).

PESSOAS TRANS/TRANSGÊNEROS/IDENTIDADES TRANS: conceitos que abrangem um grupo diversificado de pessoas que não se identificam com os comportamentos esperados para o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, como travestis, homens e mulheres transexuais, intersexuais e pessoas não-binárias, com base na definição do “Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros para formadores de opinião”, elaborado por Jaqueline de Jesus. Os indivíduos não-binários são aqueles que não se identificam com a classificação “homem ou mulher” e podem ter diferentes identidades de gênero que vão além do binarismo sexual. Neste livro, o termo “pessoas trans” e “transgêneros” fala principalmente de travestis e transexuais.

NOME SOCIAL: nome que a pessoa escolheu para si como o que melhor expressa sua identidade de gênero.

REFERÊNCIAS

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/87846526/Orientacoes-sobre-Identidade-de-Genero-Conceitos-e-Termos#scribd>>.

DA SILVA, A. F. **Travestis e educação formal:** diferença insuportável para o currículo. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/3/06/29.pdf>>.

